

# Convergência

Julho, Agosto e Setembro • 2025 • ANO LX • N. 550



**CRB NACIONAL**  
Conferência dos Religiosos do Brasil

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc  
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap  
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic  
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm  
Ir. Edgar Nicodem, fsc  
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts  
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva  
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [publicacoes@cbnacional.org.br](mailto:publicacoes@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73



EDITORIAL .....	5
ARTIGOS.....	9
Ressignificar a vida religiosa consagrada à luz da profecia de Isaías <i>Pe. João da Silva Mendonça Filho</i> .....	9
O cântico das criaturas: um hino da ecologia integral <i>Frei Oton da Silva Araújo Júnior</i> .....	35
Somos todos peregrinos: dimensão antropológico-existencial <i>Pe. Vinícius Augusto Teixeira</i> .....	47
Para que o amor se torne amizade universal <i>Frei Johannes Joachim Maria Gierse</i> .....	57
Particularidades das motivações vocacionais à Vida Religiosa Consagrada <i>Ir. Teresinha Mendonça Del'Acqua</i> .....	71
(Des)caminhos vocacionais: processos de acompanhamento, de discernimento e o sim dado no presente da existência <i>Luiz Eleildo Pereira Alves</i> .....	81
O acompanhamento vocacional como caminho para a construção do projeto de vida <i>Renato Correia Santos</i> .....	93
A importância da missão do Mestre de Noviços: origens e fundamentação histórica <i>Frei Kardiaman Caverius Symbolon</i> .....	101
Pessoas consagradas, pessoas sexuais.....	113
<i>Pe. Ronaldo Zacharias</i> .....	113

Comunicação na Era Digital: desafios para a cultura  
do encontro

*Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito*

*Irmã Neusa Santos* ..... 121

Orientações para os/as colaboradores/as ..... 129



Neste momento em que nos dedicamos a escrever o editorial para a presente edição da Revista Convergência, nosso coração está repleto de tristeza. Na última segunda-feira desta primeira semana de Páscoa, o Papa Francisco deixou esta vida e partiu para o seio de Deus-Pai.

Foram 12 anos em que Jorge Mário Bergoglio, assumindo o nome e o jeito de ser do Pobre de Assis, esteve Bispo de Roma. Símbolo da Unidade da Igreja e Pastor que aspirou e espalhou os muitos *cheiros das múltiplas e variadas ovelhas* que lhe coube pastorear para que *todos, todos e todos* se sentissem em casa numa Igreja verdadeiramente católica.

Ele nos lembrou que *a misericórdia é o jeito de ser de Deus* e que nela Ele nos formou e nos enviou a anunciar ao mundo a *alegria do Evangelho*, não só aos humanos, mas a *todas as criaturas* pois *cada uma delas tem um valor em si mesma* e não na medida de sua utilidade para nós.

Para as famílias, com ternura de pai e vigor de mãe, ele lembrou que o importante não é como elas se formaram, mas *para onde que-*

*rem ir*. E que *não importa a forma familiar* em que se vive, mas o Amor que se constrói no dia a dia. Nelas e na sociedade, as juventudes foram alentadas a *fazer barulho* e a *sonhar*, a não se resignar e construir percursos de humanização e transcendência. Afinal, a santidade não é para poucos. Ela *mora ao lado* e é para *todos e todas*. E não é apenas individual. Ela é *comunitária e social*.

Para ser *Igreja-sinodal* e testemunhar no mundo o amor de Deus-Trindade, Papa Francisco nos convidou a *alegrarmo-nos e exultar* com as mesmas razões de Maria ao saber que Deus fez a *opção pelos pobres* enviando ao mundo a seu próprio Filho para identificar-se com os últimos e desprezados da sociedade e, com eles, fazer o caminho da libertação plena. Para suportar as cruzes que este caminho impõe, é necessário lembrar que *Ele nos amou primeiro*.

Tão significativos quanto as *palavras*, foram os *gestos* de Francisco. Desde a sua apresentação no dia de sua eleição até o modo como quis ser sepultado. Em tudo nos ensinou a humildade e o ser-

viço. Quis governar a Igreja junto com um Conselho de Cardeais dando o exemplo prático de sinodalidade. Enfrentou os grandes desafios internos da Igreja e não se calou diante dos dramas e mazelas da humanidade. Foi um pregador incansável da justiça e da paz. Sonhou e realizou com gestos o caminho da *amizade social* e da *fraternidade universal*. Dialogou com todos, mas nunca negociou seu “lugar de fala”: os pobres deste mundo. Sua primeira e sua última viagem abriram e fecharam um modo de ser. Dos naufragos de Lampedusa aos encarcerados de Roma, percorreu o longo caminho das dores da humanidade.

Quando o/a amigo/a leitora/a receber em suas mãos a revista, já teremos um novo Bispo de Roma. Não temos como hoje, ao escrevermos estas linhas, adivinhar quem foi o eleito. As tensões que atravessam a Igreja não nos permitem antever o resultado do Conclave. Qualquer que seja ele, como membros da Igreja, comprometemo-nos a manter viva a memória de Francisco de Roma e envidar os esforços para que ela se enraíze e produza cada vez mais frutos para a Igreja, a humanidade e o Reino de Deus.

A Assembleia Geral Eletiva que celebraremos de 8 a 11 de julho, será uma oportunidade para

consolidar o caminho percorrido nestes 70 Anos e dar passos novos que respondam aos desafios emergentes em nossas comunidades de VRC, da Igreja, da sociedade e de toda a criação.

Este número da Revista *Convergência* oferece reflexões que podem nos ajudar neste caminho. Para isso, no primeiro bloco, trazemos textos inspirados no magistério do Papa Francisco. Os dois primeiros falam de sinodalidade. Pe. João Batista Mendonça Filho, a partir da profecia de Isaías, nos convida a “ampliar o lugar da tenda” em que vivemos para que a nossa casa seja lugar de acolhida e envio de mais irmãos e irmãs. Irmã Eurides Alves de Oliveira, tomando como matéria o depoimento de religiosas profundamente comprometidas em processos eclesiais e sociais, assinala aspectos concretos e sonhados de uma vida religiosa na perspectiva sinodal.

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, retomando o Cântico das Criaturas de Francisco de Assis, aponta a releitura que Francisco de Roma faz deste poema místico que pode ser considerado o precursor da sensibilidade ecológica integral. Outro frade menor, Frei Johannes Joachim Maria Gierse, inspirado na *Fratelli Tutti*, nos toma pela mão e convida a fazer

caminho do Eu ao Tu para o Nós, a fim de construirmos um mundo onde a amizade social e a fraternidade universal se tornem expressão do Amor.

Por fim, para encerrar o bloco de memória grata ao Papa Francisco, Pe. Vinícius Augusto Teixeira, tendo como referência o Jubileu da Esperança, aborda a dimensão antropológico-existencial presente no peregrinar que todos somos convidados a viver neste tempo de conversão e alegria.

O segundo bloco, nos convida a refletir sobre os caminhos iniciais na VRC. Irmã Teresinha Mendonça Dal’Acqua, a partir de sua experiência no acompanhamento à VRC, reflete sobre as particularidades das motivações vocacionais. Na sequência, dois jovens religiosos, Luiz Eleildo Pereira Alves e Renato Correia Campos, focam em seus textos o segundo passo no caminho da consagração: o acompanhamento, o discernimento e o projeto de vida. Fechando este primeiro bloco, Frei Kardiamam Caverius Symbolon, expõe sobre a origem, missão e importância do/a mestre de noviços/as.

Na sequência – e isso é muito importante tanto para a formação inicial como para a continuada – Pe. Ronaldo Zacharias recorda que somos pessoas consagradas e sexuadas e que esta realidade não pode ser esquecida ou negada. Da nossa condição sexual brotam exigências concretas que pedem para serem assumidas e cultivadas no dia a dia e em todos os dias de nossas vidas.

Para concluir, uma reflexão de Pe. Antônio Iraildo Alves Brito e Irmã Neusa Santos sobre um tema de extrema urgência na sociedade, na Igreja e na VRC: a comunicação na era digital. Um campo que traz muitas possibilidades e que precisa ser conhecido e assimilado pelos irmãos e irmãs tanto na comunicação interna das comunidades e congregações como nas atividades missionárias.

Desejamos a cada irmão e a cada irmã boas leituras pessoais e boas conversas comunitárias neste tempo de mudanças onde caminhamos com a certeza de que a Esperança não Decepciona.

*Frei Vanildo Luiz Zugno  
OFM Cap.*



## PÓS-GRADUAÇÃO PARA FORMADORES/AS DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Qualificar religiosas e religiosos que atuam  
ou atuarão em processos formativos da  
Vida Religiosa Consagrada

### INSCREVA-SE

[secretaria@estef.edu.br](mailto:secretaria@estef.edu.br)

(51) 99107-2640



**CRB NACIONAL**  
Conferência dos Religiosos do Brasil



**ESTEF** @estef.poa

## RESSIGNIFICAR A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA À LUZ DA PROFECIA DE ISAÍAS

Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb

**Resumo:** A partir da imagem da tenda (Is 54,2) proposta na Etapa Continental do Sínodo sobre a Sinodalidade, o autor propõe uma ressignificação da vida e missão da Vida Religiosa Consagrada (VRC). Refletindo sobre o processo eclesial sinodal e os desafios que ele coloca para religiosos e religiosas, conclui que a VRC não é apenas tenda, mas também corda e estaca que dá suporte às fragilidades da Igreja.

**Palavras-chave:** Sínodo. Carisma. Profecia.

### Introdução

O Documento da Etapa Continental do Sínodo (SECRETARIA GERAL, 2022), trouxe uma imagem bastante sugestiva para todo o Povo de Deus e muito mais para nós da VRC, a profecia de Isaías 54, 2: “Amplia o lugar da tenda, e os tetos de tuas moradas se estendam! Não te retenhas: alonga tuas cordas e firma tuas estacas!”

Trata-se de uma palavra dirigida ao povo no exílio, humilhado, mas necessitado de esperança, acolhida e do saber acolher. É também assim a VRC com a riqueza de seus carismas; tem sido assim a missão da CRB Nacional nesses 70 anos de história. Uma grande tenda de encontro cuja lona quer se estender sobre toda a riqueza carismática da VRC.

---

<sup>1</sup> Salesiano de Dom Bosco. Licenciado em Filosofia; Bacharel em Teologia e em Comunicação; Mestre em Educação. Vigário paroquial. Endereço para contato: [pe.mendonca@hotmail.com](mailto:pe.mendonca@hotmail.com)

Com as cordas da solidariedade, fraternidade e ação conjunta para não deixar que os ventos do modernismo e da secularização arranquem nossas esperanças. Com as estacas da missão firmes na realidade do povo sempre presente nos cenários históricos do Brasil de ontem e de hoje, inclusive das tempestades eclesiais.

Com esta inspiração apresento este texto para a VRC com o objetivo de ajudar na reflexão dessas décadas de existência da Conferência a partir do apelo a ressignificação. Seguirei um itinerário em 3 momentos: 1. Desenrolar a lona dos carismas fundacionais; 2. Esticar as cordas da espiritualidade dos carismas; 3. Fincar as estacas da missão a partir dos carismas e de suas especificidades. Espero que seja uma colaboração pastoral e espiritual para nossa caminhada.

## **Desenrolar a lona dos carismas fundacionais**

O carisma fundacional é fruto de um “grito de socorro” (CIARDI, 1982, p. 225) que surge no “teatro da história” (GS 1) e encontra eco no coração de Deus. Cada fundador/a é suscitado através de uma profunda experiência de Cristo, portanto, cada carisma é uma lona que se desenrola e se es-

tende para socorrer a Igreja que o próprio Deus cria na sua genialidade e liberdade. Trata-se de uma chamada na plenitude do Espírito Santo.

Na medida que o/a fundador/a vai colhendo das expressões evangélicas, a leitura orante da presença de Deus nos rostos das pessoas, ele responde com a criatividade e a impulsividade da voz interior que chama de alguma forma específica.

O fundador da obra salesiana, São João Bosco (1815-1888), teve um sonho aos nove anos. Um sonho confuso, com um senhor imponente e uma senhora majestosa. Ambos revelaram a ele uma missão: tornar-se educador pastor. Era preciso ser forte, humilde e robusto porque aquele chamado seria revelado aos poucos e um dia ele entenderia tudo. Fato é que na história de cada carisma está o apelo ao serviço da Igreja, da sua renovação, do seu crescimento e expansão missionária. É a tenda que se desenrola para acolher aqueles que estão à margem. É a tenda que ressignifica cada vez que é armada e desarmada.

Para São Francisco de Assis (1182-1226), a pobreza solidária tornou-se o critério absoluto para identificar sua missão e ser reconhecido pela Igreja. A história franciscana gera uma nova for-

ma de vida religiosa guiada pelo olhar dos pobres dirigido a Francisco e seus seguidores.

Santo Inácio de Loyola (1491-1556), por sua vez, percebe a intervenção do Espírito Santo, num cenário cismático da Reforma e Contrarreforma, para mover um exército de educadores à serviço da doutrina e da defesa da Igreja. Assim, Inácio aparece como um dos principais protagonistas da contrarreforma. Servir a Igreja, portanto, foi a chave carismática, a lona que se estendeu sobre a Igreja desde a intuição inaciana.

Santa Ângela de Mérici (1474-1540), surge ao lado de Inácio, como sua versão feminina. A grande novidade de Ângela, no cenário da contrarreforma, foi atender a educação das jovens para reformar a família a partir dos valores do Evangelho. Era uma mulher inconformada com a decadência moral do seu tempo: os jovens em perigo, a virgindade era considerada algo ridículo; a Igreja era sistematicamente atacada. Ângela percebe, sente e vê a situação na qual se encontrava a sociedade e a Igreja e se lança numa resposta audaciosa para a época.

Outro a estender a lona do carisma sobre a sociedade e a Igreja foi São Vicente de Paulo (1581-1660), com a fundação das Filhas

da Caridade. Foi a primeira fundação feminina em âmbito secular dando assistência aos doentes, livres de estruturas conventuais, hábito religioso. Uma forma completamente revolucionária de vida religiosa para a época: sem clausura, sem hábito, sem moradia fixa.

A Paixão de Cristo moveu o coração, a mente e a vontade de outro grande fundador, São Paulo da Cruz (1694-1775). Na meditação do mistério da Paixão de Cristo e dos povos, Paulo da Cruz, entendeu que o Espírito o chamava a uma ação mística num século marcado por calamidades, inquietações, ameaças; portanto, carente de compreender que a Paixão de Cristo continuava na história.

A necessidade de uma presença nos meios de comunicação tocou a vida do beato Tiago Alberione (1884-1971). A necessidade de uma comunicação fundada na verdade do Evangelho inquietou a vida de Alberione a tal ponto que se lançou na grande aventura de entrar nos meios de comunicação para usá-los em função do Evangelho e não para condená-lo. Foi um precursor da boa comunicação.

Poderíamos seguir adiante com tantos outros fundadores e fundadoras: Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), São Charles

Eugène de Foucauld (1858-1916), São Camilo de Lelis (1550-1614) e tantos e tantas. Nesse desenrolar da tenda os carismas se estendem no grande campo da Igreja, a partir de Jesus Cristo, pois, cada família religiosa é uma resposta concreta, suscitada pelo Espírito Santo para uma necessidade da Igreja (CIARDI, 1982, p. 247).

E esse movimento continua hoje. Estou cada vez mais convencido de que as novas comunidades de vida “gritam” hoje por serem presença não de substituição dos carismas da grande tradição da VRC, mas como formas novas e ousadas do mesmo Espírito Santo que quer continuar desenrolando a lona dos carismas na Igreja de hoje, para as realidades de hoje. É um desafio a ser enfrentado pela instituição CRB que não pode ficar indiferente diante desse movimento do Espírito e, se quiser ser dócil a Ele, precisa saber discernir os sinais dos tempos e aprender com os tempos.

## **Esticar as cordas da espiritualidade dos carismas**

Há tempo que venho pensando na força da espiritualidade carismática que recebemos como herança na Congregação. Certa vez, num diálogo com Dom Amilton Manoel da Silva, passionista, Bis-

po de Guarapuava, ele dizia que um dos critérios e o mais importante para receber uma Congregação na diocese era a contribuição da espiritualidade carismática, ou seja, evangelizar com a riqueza do próprio carisma e não de forma genérica. Aqui está uma chave importante da presença da VRC nas Igrejas particulares, nas quais precisa esticar bem a corda da espiritualidade, isto requer criatividade, ousadia e espírito de iniciativa. Não podemos ser genéricos ou, pior ainda, beber de outras fontes escondendo a nossa. É preciso saber esticar as cordas e ressignificar a experiência da moção do Espírito.

A corda é que arma a tenda. Abre a sua extensão para abrigar a todos. Sem as cordas a lona cai no chão e vira tapete. Trata-se, pois, a partir da espiritualidade, de conformar a vida no mistério de Cristo. A VRC não pode renunciar a esta tarefa de saber esticar a corda espiritual, fazendo a leitura da vida e da Palavra à luz da moção do Espírito, de modo que o povo beba de sua fonte espiritual carismática. Quem de nós tem experiência de evangelizar com os elementos que moveram o fundador(a) na sua relação com Deus? Como um salesiano, um franciscano, um jesuíta, uma dorotéia, uma mercedária, uma carmelita, um redentorista, um

verbita, um marista, uma salesiana, uma passionista, uma filha da caridade..., tem a genialidade de anunciar o Cristo movidos pelas energias da espiritualidade do próprio carisma? Ou será que nem sabemos o que, de fato, é nossa raiz espiritual? Somos tudo e nada! Pior ainda, vamos bebendo de muitas fontes e acabamos sem saber o sabor do bom vinho no qual bebeu nossos fundadores e fundadoras.

Eis aqui também um elemento importante da questão vocacional. Animação vocacional não é estratégia, panfletos, seminários, lives de todo tipo. Animação vocacional brota da experiência espiritual do carisma, aquilo que move os religiosos e religiosas.

Um dos nossos superiores gerais, Padre Egídio Viganó, falecido, visitou Calcutá no período em que a Congregação de Madre Teresa estava nos seus inícios. Encontrou um noviciado cheio de noviças, um juniorato pleno de religiosas, uma Congregação jovem e vibrante. Ele logo se interessou em saber qual era a pastoral vocacional para poder imitar. No encontro com Madre Teresa perguntou logo: “qual é o método que a senhora usa para atrair tantas vocações?” Madre Teresa segurou o braço dele e o levou para ver o trabalho das irmãs e das noviças

fundado na oração, simplicidade de vida, alegria e partilha com os pobres. Dizia ela: “esta é a nossa pastoral vocacional”.

Eis aqui a chave da questão. A corda estendida de uma espiritualidade que se faz real, concreta, sentida, participativa, solidária. Parece que hoje o que está faltando é exatamente isto. Temos muita propaganda e pouca experiência de vida em ação. Quando falamos de centralidade de Jesus Cristo esquecemos do CEN-TRO. Ele que nos move, Ele que nos atrai com seus gestos, com suas palavras, com seus milagres (DAp, 21).

Neste momento chamo em causa, em ordem diacrônica, três documentos que me parecem que ajudam muito a esticar a corda da espiritualidade carismática. O primeiro é o Documento de Puebla quando diz que “por Cristo, com ele e nele, passamos a participar da comunhão de Deus. Não há outro caminho. Para ele se orienta toda a nossa história de salvação e nela se consuma o desígnio do Pai que nos criou.” (Puebla, n. 214).

O segundo que reforça esta verdade nos diz “é preciso redescobrir também os meios ascéticos, típicos da tradição espiritual da Igreja e do próprio Instituto. Eles foram, e continuam sendo, um au-

xílio poderoso para um autêntico caminho de santidade... a ascese é indispensável para a pessoa consagrada permanecer fiel à própria consagração e seguir Jesus pelo caminho da cruz.” (VC, n. 38). O terceiro reza a experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permitindo-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro.

Tudo começa com uma pergunta: “O que procuram?” (Jo 1,38), e um convite: “Venham e verão” (Jo 1,39). Aqui está a chave do encontro com Cristo.” (Puebla, n. 240. 244.246), Com esta corda bem esticada *Vita Consecrada* afirma: “as pessoas consagradas têm o dever de oferecer generosamente acolhimento e acompanhamento espiritual a quantos, movidos pela sede de Deus e desejosos de viverem as exigências profundas da fé, se lhes dirigem.” (VC, n. 103). Enquanto mantivermos nossas cordas embaralhadas, cheias de nós, sem possibilidade de desamarrar daremos voltas ao redor de nós procurando respostas a questões que estão na raiz de nossos carismas. Estamos buscando fora o que já está dentro de nós.

## Fincar as estacas da missão a partir dos carismas e de suas especificidades

As estacas fincadas na terra firme dão segurança para toda a estrutura da tenda. A VRC é chamada a fincar no cenário complexo da Igreja e da sociedade brasileira os pés como estacas. Aqui é também necessário revisitar o magistério em suas várias expressões. No discurso inaugural de Aparecida Bento XVI dizia: “é necessário que os cristãos experimentem que não se seguem um personagem da história passada, senão o Cristo vivo, presente hoje e no agora de suas vidas” (DAp, p. 276). Na sequência o Papa se dirigiu especificamente aos religiosos, religiosas e consagrados dizendo

a sociedade latino-americana e caribenha tem necessidade de vosso testemunho: em um mundo que tantas vezes busca, sobretudo o bem-estar, a riqueza e o prazer como finalidade da vida... vós sois testemunhas de que existe outra forma de viver com sentido... com generosidade, até o heroísmo, continuai trabalhando para que reine o amor, a justiça, a bondade, o serviço, a solidariedade *conforme o carisma dos vossos fundadores*. (DAp, p. 281).

Fincar as estacas na realidade, com os pés no caminho sinodal é recordar sempre a reflexão de Puebla: A missão evangelizadora é de todo o Povo de Deus. Esta é a sua vocação primordial, sua identidade mais profunda (EN 14). É a sua finalidade. O Povo de Deus com todos os seus membros, instituições e planos existe para evangelizar.” (Dap. n. 348)

No entanto, no “teatro da história”, como diz o Concílio (GS 1), parece que evangelizar passou a ser a comercialização de fórmulas religiosas com a fabricação de perfis de Jesus: o jesus do milagre do meio-dia; o jesus que paga as dívidas; o jesus que resolve o problema dos conflitos matrimoniais na sexta-feira; o jesus do óleo do samaritano cuja receita foi dada por Maria; o jesus da paga do dí-zimo; enfim, tem jesus para todos os gostos.

Porém, o Jesus de Nazaré o “judeu marginal” porque viveu à margem da sociedade da ganância, da religiosidade do comércio, do farisaísmo da Lei pela Lei, que caminhava com os pobres, mulheres e pescadores, que tocava nos leprosos, surdos e mudos, que multiplicava o pão e o peixe e anunciava a proximidade do Reinado de Deus; este Jesus incomoda, inquieta e é rejeitado ainda hoje por muitos. Acolhe-se com

ramos apenas aquele jesus que não lembra pobreza, injustiça, política, verdade. Condena-se, porém, o Jesus que usou um chicote para desmontar a farsa religiosa dos vendilhões do Templo.

A missão evangelizadora ainda impacta na vida cristã ordinária, mas precisa ressignificar a nossa de pessoas consagradas. No entanto, há um vazio, um imenso vazio de sentido na existência de muitos que nada é capaz de saciar. É o buraco negro da ausência de Deus. As estacas estão sendo arrancadas da realidade, a grande tenda é colocada em cima de areia movediça. Falta firmeza, saber caminhar com os olhos voltados para a luz, com os pés na estrada cotidiana e real, com o coração inundado de fé pronto para adorar o Senhor que grita ainda hoje nas dores do mundo doente, chagado e dilacerado. (FRANCISCO, 2024). É constatável, no processo sinodal, que estamos numa crise eclesiológica de grande magnitude e, o tempo requer discernimento.

Este vazio, creio eu, também tem impacto sobre as vocações. Claro que a questão vocacional também implica no processo de secularização, a diminuição de filhos, as muitas possibilidades da era moderna, a liquidez das relações. Porém, é fato que o cha-

mado ainda existe: Deus continua chamando! Mas, há interditos. Um deles é que falta a presença viva de religiosos e religiosas no cenário complexo juvenil de hoje. Estamos bastante ausentes da catequese de iniciação; estamos também ausentes das organizações juvenis; estamos nas escolas em postos administrativos com pouco tempo para a pastoral e a presença efetiva com eles. Somos pessoas invisíveis num contexto que a imagem é importante e necessária para ser reconhecida e valorizada como tal. Pretendemos vocações, mas não estamos nos lugares onde elas despertam para saber cultivar. É preciso ressignificar nossa presença.

Era fácil em décadas passadas passar com o ônibus no interior dos Estados e levar para os internatos os filhos de casais dispostos a terem seus filhos com possibilidade de ter uma profissão, inclusive a vida religiosa. Hoje o cenário mudou drasticamente. O êxodo da zona rural para os grandes centros aglomerou os jovens em espaços digitais, em grupos comunitários urbanos definidos, o campo de trabalho, estudo e nós, como VRC, estamos aquém destes espaços. Se nos inícios da organização da CRB estávamos na JOC, JEC, JOP, JUC, JMP, hoje, como tal, onde estamos? Na infância missionária e juventude missionária ainda encontramos

aqui e ali alguma religiosa, mas a ausência, o vazio, é um buraco negro que só consome e nada pode saciar a fome destes jovens da sociedade líquida.

Voltemos às estacas. A estaca da presença efetiva com as crianças, adolescentes e jovens. As estacas da educação da fé. As estacas da presença visível nos lugares onde eles estão. Saibamos promover convivências, deixemos os setores burocráticos de nossos institutos aos leigos e saiamos ao encontro sem medo de tocar na realidade humana desta geração que chega cada vez mais sedenta de acolhida, afeto, esperança, testemunho, palavra e propostas. Não tenhamos medo de propor, de acender luzes, de fincar a estaca do Evangelho no coração, na mente e na vontade.

## À guisa de conclusão

Nossa proposta não era de elaborar algo completamente novo, mas responder e partilhar primeiramente a alguns anseios que brotam da minha vivência. Escolhemos o caminho sinodal da escuta da realidade com os pés no chão e não com projetos estratégicos. A VRC não é um projeto estratégico, mas uma realidade suscitada pelo Espírito Santo em tempos e cenários do teatro da história com suas especificidades.

Escolhemos a imagem Bíblica de Isaías 54,2 porque a consideramos uma chave de leitura sinodal pertinente para o momento atual. A imagem da Igreja como uma grande tenda no deserto dos tempos modernos é uma compreensão eclesiológica importante. Ela tem a capacidade de ser armada com suas cordas e estacas, para vencer as tempestades do tempo presente, porém, tem capacidade de mobilidade, quer dizer, de adaptação aos tempos e seus apelos. Na tenda armada todos são convidados a entrar e fazer parte da reunião, da celebração, das decisões, das buscas em meio as incertezas. Debaxo da tenda também precisa estar o mosaico de carismas da VRC.

Na verdade, a VRC é tenda, é corda, é estaca, porque assume seu papel de “socorro” aos proble-

mas atuais da Igreja, sempre foi assim. A VRC nasceu como auxílio, socorro e resposta às necessidades urgentes que surgiam nas sociedades e questionavam a instituição hierárquica, por isso, não somos hierarquia. Somos cristãos chamados a viver a laicidade consagrada. Alguns, porém, também são ordenados, mas não podem perder a consagração, porque é ela o nosso DNA vocacional.

Que o Senhor nos ajude a permanecer fincados no tempo com a capacidade ressignificadora de sonhar, inquietar e nunca permanecer no sofá da mesmice, da comodidade, da superficialidade espiritual, da mediocridade de vida. O “socorro” eclesial nos dias de hoje requer de nós, VRC, um novo protagonismo ou perderemos a batalha, mas Deus é sempre fiel.

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. Onde estamos eficazmente como VRC no “teatro da história” atual?
2. Nosso carisma fundacional está presente como uma grande lona que se arma para agregar todos em Cristo ou estamos recolhidos?
3. Como proporcionar aos jovens uma vivência do carisma como resultado da riqueza carismática fundacional?

## Referências

- CELAM. **Documento de Aparecida**. V Conferência Geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.
- CELAM. **Documento de Puebla**. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. 8. ed. São Paulo - SP: Paulinas, 1986.
- CIARDI, Fábio. **I fondatori uomini dello Spirito**, per una Teologia del carisma di fondatore. Roma: Città Nuova, 1982.
- FRANCISCO, Papa. **Homilia na festa da Epifania**. Roma, 2024. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2024/documents/20240106\\_omelia-epifania.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2024/documents/20240106_omelia-epifania.html) Acesso em: 29 mar. 2024.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Vida Religiosa. São Paulo - SP: Paulinas, 1996.
- SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. **Documento de Trabalho para a Etapa Continental**. Roma, 2022. Disponível em: [www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/Documento-Tappa-Continental-POR.pdf](http://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/Documento-Tappa-Continental-POR.pdf) Acesso em: 25 jul. 2024.

# VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: LABORATÓRIO DE UMA IGREJA SINODAL

Irmã Eurides Alves de Oliveira, ICM<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir do depoimento de religiosas mulheres, o texto assinala elementos de sinodalidade presentes na missão das comunidades religiosas femininas em diferentes regiões e realidades brasileiras. A autora constata que, apesar das muitas dificuldades e revezes na vivência eclesial das últimas décadas do pós Vaticano II, a Vida Religiosa Consagrada feminina continua sendo sinal profético de vivências comunitárias e práticas missionárias sinodais que provocam a Igreja e a sociedade a avançarem no caminho da comunhão, participação e construção de relações inclusivas e equitativas.

**Palavras-chave:** Sinodalidade. Mulheres consagradas. Missão. Igreja. Sociedade.

## Contextualizando

Como parte integrante da Igreja povo de Deus, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) é essencialmente sinodal. Distanciá-la do processo de sinodalidade, seria

torná-la insignificante e infiel à sua vocação/missão. Ao assumir a radicalidade de sua identidade batismal pela Consagração Religiosa e a Profissão dos Conse-

---

<sup>1</sup> Religiosa da Congregação do Imaculado Coração de Maria na Província Guadalupe. Graduada em Ciências Sociais; Especialista em Gestão Social; Mestre em Ciências da Religião. Ministra Provincial. Integrante da Rede Um Grito pela vida e da Comissão Especial Pastoral de Enfrentamento ao Tráfico de pessoas da CNBB – CEPHETH; Membro do GT de Formação da Ampliada Nacional das CEBs do Brasil e do Serviço Teológico Pastoral. Endereço para contato: ireurides@hotmail.com

lhos Evangélicos como caminho e fonte de amor e liberdade para *reinocentrar* a vida em Deus e no seu Projeto de amor e justiça, as consagradas e os consagrados junto ao Povo de Deus, disponibilizam sua vida a serviço do Reino de Deus na Igreja e na sociedade. Eles e elas assumem igualmente o seguimento radical a Jesus em Comunidades de irmãs, de irmãos, sendo sinal do amor Deus, rastro da Trindade na história, criando comunhão de vida a partir dos Carismas específicos de cada Instituto/Congregação.

Nos diferentes ciclos da história da VRC, as religiosas e os religiosos foram tecendo experiências de sinodalidade, tanto na sua forma interna de se organizar, relacionar, rezar e viver, como nas suas práticas missionárias. Em momentos decisivos, eles e elas serviram de inspiração e provocação para a caminhada da Igreja. Isso aconteceu, em tempos recentes, no Concílio Vaticano II, quando a Teologia da Vida Consagrada voltou a ser pensada como um dom do Espírito necessário para a renovação da Igreja, conforme explicita o Documento *Vita Consecrata*:

A vida consagrada, profundamente arraigada nos exemplos e ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja, por meio do Espírito. Através da profissão dos conselhos evangélicos, os traços ca-

racterísticos de Jesus — casto, pobre e obediente — adquirem uma típica e permanente visibilidade no meio do mundo, e o olhar dos fiéis é atraído para aquele mistério do Reino de Deus que já atua na história. (VC 1).

As Congregações e Institutos Religiosos, foram inovadores em processos de Comunhão, missão e Participação com traços tipicamente sinodais, que incidiram positiva e profeticamente na caminhada sinodal de toda Igreja. Vale mencionar as vivências das Comunidades inseridas no meio popular, caminhando junto ao povo, aportando as suas valiosas contribuições na formação das Comunidades Eclesiais de Base, a inserção e participação das religiosas na organização dos movimentos populares, nos processos participativos nas congregações e na caminhada pastoral das igrejas locais, o trabalho conjunto com os leigos e leigas, dentre outras. Embora “sinodalidade” não fosse uma expressão usada, as vivências que marcaram a Vida Religiosa Pós conciliar, foram e são um legado precioso que segue enriquecendo os percursos e práticas sinodais da Igreja no contexto hodierno à luz do pontificado do Papa Francisco.

Há de se reconhecer os recuos e contaminações causados pelos

processos de involução e abortamento da eclesiologia do Concílio Vaticano II na Igreja nas últimas décadas pelas conjunturas de crises e mudanças epocais que atravancaram os processos de inserção e profecia de muitas Congregações e Institutos Religiosos. No entanto, a memória da criatividade sinodal da VRC continua atuante em uma parcela significativa da Vida Religiosa Conagrada, majoritariamente da Vida Religiosa feminina que segue sendo expressão do seguimento de Cristo no meio do Povo de Deus, através das práticas de Comunhão, Missão e Participação na Igreja e na sociedade.

Mesmo diante dos inúmeros desafios e entraves numa igreja marcada pela *autorreferencialidade* e *clericalismo*, conscientes de que a *sinodalidade eclesial* está pautada na construção da Comunhão, Missão e Participação de uma Igreja em saída para as periferias, uma igreja inclusiva, aberta a todas e todos, independente de raça, classe social, idade, gênero, as religiosas seguem resilientes e firmes na arquitetura de uma Igreja sinodal, circular e horizontal de todo o povo de Deus.

A VRC assume a sinodalidade, como um modo de *ser e fazer*, próprios de sua vocação/missão, com presença inserida e servidora de

Jesus Cristo junto aos pobres nas periferias e fronteiras existenciais, geográficas e culturais, com criativas vivências de sinodalidade que une: escuta, acolhida, diálogo, convivência, solidariedade, defesa e promoção da vida dos que sofrem. Atua em parceria com os leigos e leigas na animação das Comunidades Eclesiais de Base, nas pastorais e serviços; contribuindo nos processos formativos através da leitura popular da Palavra de Deus, na teologia feminista, na Educação Popular à luz da Doutrina Social da Igreja, nas lutas coletivas das classes populares por direitos, justiça social e cidadania, integrando e tecendo redes de solidariedade, no exercício de liderança compartilhada e da construção coletiva de processos e discernimento comunitário nas decisões do horizonte do Reino de Deus.

No intuito de visibilizar e contribuir a partir do *modus operandi* da VRC no caminho sinodal, compartilho alguns depoimentos de religiosas que vivem *na e para além* da Igreja, a sinodalidade como resposta missionária ao Seguimento de Jesus, tecendo caminhos de cuidado com e promoção da vida, como anúncio/testemunho do Reino de Deus.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Todos os relatos aqui apresentados são fruto de comunicações pessoais à autora.

## Irmã Denise Morra

Irmã Denise Morra, da Congregação das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus (Irmãs Cabrini), residente na Vila Irmã Dulce, uma grande área de ocupação urbana, na zona sul da periferia da cidade de Teresina, no Piauí, conta-nos como sua comunidade compreende e vive a sinodalidade a partir da inserção e engajamentos eclesiais, socio-culturais e políticos neste espaço.

*Nós, Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, vivemos na periferia de Teresina, Vila Irmã Dulce. Atuamos pastoralmente na Igreja local, nas Pastorais Sociais Arquidiocesanas como CEBs, CEBI, Pastoral do Migrante e também na Paróquia, com assessorias bíblicas, catequética e social.*

*No Centro da Juventude Santa Cabrini, atuamos com Projetos Sociais, em especial o Projeto Esperança, atendendo diretamente 800 famílias mantidas pela Associação Madre Cabrini e parcerias públicas e privadas.*

*Na prática pastoral cotidiana buscamos vivenciar a sinodalidade, sendo uma comunidade de fé e vida, na perspectiva do acolhimento, sem distinção de pessoas, não excluindo ninguém, mesmo aqueles que possuem outras deno-*

*minações religiosas, situações especiais em relação ao matrimônio ou de orientação sexual.*

*Entendemos a opção pelos pobres dentro da sinodalidade, como uma leitura teológica que deve perpassar as estruturas pastorais através dos círculos bíblicos, com reuniões e conferências a partir do Método Ver- Julgar – Agir e Celebrar, buscamos refletir e rezar as causas da pobreza e da exclusão com aqueles/as que estão conosco.*

*Hoje trabalhamos os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial os ODS 01, 02 e 05 que ajudam as famílias a terem mais consciência crítica e participação ativa no enfrentamento à fome, à pobreza, às desigualdades de gênero, raça e todas as outras mazelas que afetam a vida na comunidade.*

*Através da incidência política e do orçamento participativo, conquistamos uma brinquedopraça que oportuniza crianças da primeira infância, a terem o direito a brincar e uma cozinha comunitária que atende diariamente 200 pessoas que se alimentam com a aquilo que vem da agricultura familiar.*

*Estamos crescendo na escuta das famílias atendidas e também na descentralização da gestão, através da atuação de equipe multidisciplinar, onde as demandas*

são compartilhadas, buscando uma resolução coletiva.

*Entendemos que a sinodalidade nos faz mais fortes quando escutamos e construímos juntas com a comunidade que servimos, pois fortalece a nossa vocação primeira no seguimento de Jesus. Parafraseando Madre Cabrini, “Com Deus faremos sempre grandes Coisas”.*

O depoimento da *Irmã Denise*, nos apresenta vários aspectos que ajudam a compreender a partir da práxis, a vivência da sinodalidade na Vida Religiosa Consagrada Inserida nos meios populares. Aspectos que quiçá, possam ser um farol de luz para o processo sinodal de toda igreja:

- a. O ir para as periferias e lá, com as pessoas, caminhar juntas, construir processos de evangelização que integrem fé e vida, articular processos de escuta, acolhida e diálogo que transformam;
- b. o caminhar juntos de forma inclusiva e ecumênica;
- c. Os pobres como lugar teológico, no centro das práticas e estruturas pastorais, onde a Palavra de Deus e a realidade concreta, é rezada, refletida e celebrada, através do método Ver-Julgar-Agir-Celebrar;

- d. o compromisso sociotransformador assumido em redes e parcerias, com ativa participação e incidência política nos espaços de políticas públicas como forma de garantir melhorias concretas para a vida da comunidade.

Uma vivência que, como ela mesma expressou no seu relato, as fazem entender e crescer na vivência sinodal, construindo-a com a *comunidade*, espaço sinodal por excelência.

É a sinodalidade vivida como processo de encarnação na vida do Povo fiel de Deus. Uma sinodalidade que emerge da força de serem irmãs do povo numa igreja-comunidade, que na graça do Espírito que faz novas todas as coisas, se deixa fecundar pelo Evangelho.

## **Irmã Raquel Pena Pinto**

Irmã Raquel Pena Pinto, da Congregação Filhas de Maria Santíssima do Horto, fala-nos da vivência sinodal de sua comunidade, desde a periferia de Porto Alegre através da missão no Centro Social Antônio Gianelli uma obra social que objetiva ser um importante espaço de trabalho voltado à educação de crianças, adolescentes, mulheres e famílias, pos-

sibilitando ações que garantam a promoção humana, a inclusão social e o exercício da cidadania.

*Chegamos à periferia de Porto Alegre no ano de 1996 com o desejo imenso de escutar os gritos de nossos irmãos e irmãs empobrecidos/as, em especial as mulheres e crianças que viviam desprovidas de direitos básicos. Na época não tínhamos ideia clara de como iniciar um trabalho com o povo fora dos muros da Igreja. É difícil sair das obras e serviços já estabelecidos, mas fomos descobrindo aos poucos, caminhando, buscando ajuda de outras comunidades religiosas que tinham iniciado este processo antes de nós e aprendendo entre erros e acertos com muita gente de boa vontade. Visitando, escutando, inserindo-nos nos movimentos existentes, criando grupos e, sobretudo, dispendo-nos a aproximarmos mais e mais da vida das pessoas. Muito nos inspirou a Pastoral da Criança: mulheres atendendo outras mulheres e seus respectivos filhos, filhas, o que é muito significativo, porque de certa forma mostra-nos que o caminho sinodal, proposto pelo Papa Francisco, para a Igreja inteira, há muito é uma realidade desde as bases da mesma igreja, em pequenos e em grandes projetos, mundo a fora.*

*Tudo o que vivemos neste período implicava fortemente no Caris-*

*ma Gianellino de estarmos atentas às necessidades das pessoas, dos tempos, de “ir aonde ninguém vai”, ou seja, vivenciar um amor vigilante, mas também operativo, capaz de dar respostas concretas às necessidades emergentes. E foi deste impulso carismático que nasceu o Centro Social Antônio Gianelli, construído e mantido a muitas mãos num importante movimento de solidariedade organizada.*

*Desde o nascimento do Centro Social Antônio Gianelli, como comunidade religiosa e como espaço educativo-social, procuramos construir um lugar de escuta, diálogo e participação. A nossa presença e trabalho são realizados de forma ativa com as diferentes equipes. O ouvir e o fazer juntos, são marcas fortes da nossa atuação. A equipe diretiva é composta por coordenação de leigas/os e Irmãs, e essa equipe é responsável por estar à frente de processos de gerência da Instituição. Todavia, todas/os colaboradoras e colaboradores são escutadas/os sempre que necessitam pelas Irmãs, o que é fundamental para a construção de processos coletivos, visando “o todo da Casa”. Assim, conquistamos direitos, organizamos eventos e elaboramos documentos com a colaboração, troca de ideias e engajamento. Muitas melhorias no território, especialmente ao redor*

*da instituição, devem-se à adesão ao Orçamento Participativo Municipal. O Projeto Político Pedagógico e, de modo especial, o Projeto Anual são construções feitas em mutirão. Com as crianças e adolescentes, assembleias são ensaiadas em vista da promoção cidadã. Na prática, buscamos criar oportunidades no dia a dia da missão para que possamos caminhar juntas/os.*

*Todas essas coisas que testemunham explicitamente a sinodalidade, deve-se à presença inserida, radical, oblativa e organizada de mulheres consagradas à vida religiosa que, ao considerarem a escuta como ato de reconhecimento da dignidade humana, identificam necessidades e animam os sonhos de tantas pessoas que fizeram e fazem parte da respectiva comunidade, e continuam construindo juntas soluções eficazes.*

Irmã Raquel nos relata processos e elementos importantes na vivência da sinodalidade como espaço de missão que transcende os lugares eclesiais, ampliando-os para outros espaços de ação onde, juntas e juntos se constrói vida e cidadania eclesial e sociopolítica no horizonte do Reino de Deus, do qual a Igreja é sacramento.

Sua partilha enfatiza a importância de escutar e agir juntos e juntas na construção de processos

coletivos de planejamento, decisão e execução da missão, envolvendo irmãs e leigos/as e tendo presente:

- a. A periferia como lugar da escuta de Deus no grito dos pobres: mulheres, crianças e adolescentes, e famílias vulneráveis;
- b. a cooperação de todas e todos num movimento de solidariedade organizada;
- c. a abertura para aprender com outros e outras;
- d. a participação organizada em equipes onde todas e todos têm voz e contribuem nos processos realizados;
- e. a participação nos espaços e projetos políticos capazes de conquistar melhorias para a comunidade como o orçamento participativo;
- f. a sinodalidade como prática educativa, introduzindo as crianças e adolescentes na participação através de assembleias, afirmando que a sinodalidade é vivida pela Vida Religiosa Feminina como prática de inserção, doação e entrega oblativa da vida em missão, como parte de uma comunidade que promove vida e alimenta sonhos.

Um experiência sinodal, que configura o ensaio de um mundo novo, da gestação de uma forma de solidariedade social organizada desde baixo, da periferia com a participação de todas e todos, evidenciando a natureza da sinodalidade que se faz num processo horizontal. Uma profecia diante das estruturas eclesiais que ainda se movem de forma vertical e por vezes, autocentradas em si mesmas.

### Irmã Michele da Silva

Irmã Michele da Silva, da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, compartilha a missão sinodal que vivencia no território amazônico, como Rede um Grito pela Vida. Uma rede inter-congregacional e interinstitucional, composta por religiosas e leigos/as de diversas congregações e instituições, que assumem a missão de promover a vida atuando no enfrentamento ao tráfico de pessoas, abuso e exploração sexual de crianças, adolescentes e mulheres, além do esforço de participar e construir uma igreja ministerial e em saída para as periferias.

*Sou Mulher Consagrada no território sagrado da Amazônia, sinto-me muito privilegiada por todas as oportunidades de construções sororais e sinodais trilha-*

*das na vida e missão, neste tempo da minha história pessoal e comunitária.*

*A missão na Rede um Grito pela Vida - prevenção ao tráfico de pessoas, abuso e exploração sexual, me proporciona diversas experiências sinodais de circularidade do poder por meio de relações de igualdade e respeito às diversidades. Somos um grupo formado por religiosas de diferentes congregações e leigas que assumem o compromisso no cuidado com a vida, na amorosidade e no empoderamento feminino. Tecemos em nossas ações, fios de encorajamento e restituição da dignidade para mulheres, crianças, adolescentes, jovens e pessoas vulneráveis, com a contribuição dos saberes e habilidades de cada uma.*

*Ser Irmã Imaculado Coração de Maria me compromete na dinâmica de construir um caminho sinodal e ministerial no solo onde piso, com o povo manauara, nas suas alegrias e desafios; a ser Igreja em Saída, que propõe novas possibilidades com olhar crítico e escuta atenta aos clamores do nosso tempo, especialmente na superação das violências e violações de direitos, que motivam diariamente a vivência de minha consagração e me faz esperar por um mundo melhor.*

Com seu jeito leve de Mulher Consagrada, como aprendiz no caminho, Irmã Michele socializa com simplicidade as experiências sinodais vivenciadas em rede com outras mulheres, evidenciando os seguintes aspectos:

- a. A construção de relações sororais na comunidade e na missão em rede;
- b. a horizontalidade e a circularidade da organização e dos processos;
- c. o poder compartilhado;
- d. as relações de igualdade, respeito e acolhida das diferenças;
- e. a integração dos carismas das diversas congregações;
- f. o trabalhar juntos, irmãs e leigas/os;
- g. o empoderamento feminino;
- h. o compromisso coletivo com a restituição da dignidade dos sujeitos da missão.

No tocante ao engajamento eclesial, ela destaca o esforço de construir um caminho sinodal na dinâmica ministerial e na vivência de uma Igreja em saída para as periferias com olhar crítico diante da realidade e uma escuta atenta aos clamores dos pobres, sobretudo dos que têm seus direitos violados e sofrem violências. Caminho que segundo ela, motiva

a vivência de sua consagração e a faz esperar na possibilidade de um mundo melhor.

Um caminho sinodal que emerge de uma experiência coletiva de construir processos, evidenciando a importante participação e compromisso das mulheres Consagradas e Leigas para uma igreja profeticamente comprometida com as lutas em defesa da dignidade da vida, da justiça e da paz, com a construção de um outro mundo possível (AQUINO JUNIOR, 2022, p. 151).

## Irmã Elsie Vinhote

Irmã Elsie Vinhote, da Congregação das Adoradoras do Sangue de Cristo, natural de Borba no estado do Amazonas, atuou por anos na Arquidiocese de Manaus e hoje reside em Santarém no Pará. Ela compartilha a sua trajetória e da Congregação na vivência da sinodalidade na Igreja da Amazônia, relatando que “o caminhar juntos”, presente em sua caminhada desde a juventude, através dos engajamentos pastorais diversos, depois no processo de descoberta até assumir a vocação à VRC, foi se alargando para a vivência da sinodalidade como grupo de Consagradas na missão eclesial e social, sinalizando o protagonismo feminino, a missionariedade e profecia vivida, bem como, sinali-

zando os desafios e até incompreensões enfrentadas.

*Caminhar juntos foi o tema de uma campanha da fraternidade que me marcou muito. Todos os cantos eram muito profundos, um deles: "juntos como irmãos, membros da Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor", me fazia sentir desde criança ser parte desta Igreja viva, povo de Deus. Eu estava chegando da zona rural onde vivia, para uma experiência de cidade. Passando da vila, comunidade pequena, à sede da paróquia com toda a sua riqueza de oportunidades, participação na Igreja, como catequese e celebrações. Da missa que era no máximo duas vezes ao ano, para todos os dias, celebração que nos aproximava da vida das irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo-ASC, dos Franciscanos. Assim fui crescendo na fé e no discernimento à vida religiosa consagrada.*

*A vida delas e deles me chamava a atenção por sua proximidade, simplicidade e profundidade. Não falávamos de sinodalidade, mas agora refletindo sobre esse tema, eu me lembro desse caminhar juntos. E como isso foi importante para tomar a decisão a partir dos 16 anos, que queria ser uma religiosa Adoradora do Sangue de Cristo. A participação na vida eclesial que se expandia a toda a sociedade através dos serviços na*

*educação e na saúde. Mulheres que davam a vida pelas pessoas, hoje já sabendo que era a própria vivência do carisma como falava nossa fundadora, amor a Deus e ao querido próximo.*

*Como Adoradoras do Sangue de Cristo somos mulheres eclesiais. Estamos em muitos espaços e ajudamos a construir a Igreja da Amazônia. Fomos e somos protagonistas de uma Igreja sinodal na Amazônia sobretudo no Regional Norte 1 que tem sua característica missionária e de participação. No entanto sabemos também que para isso houve iniciativa de nossa parte, e nem sempre fomos compreendidas, houve e há confiança, mas também encontramos atitudes não agradáveis que não primam pela comunhão, mas pela submissão.*

*O nosso estilo é estar inseridas e dialogar para que o Reino esteja em primeiro lugar. Já passamos por situações que, diante do machismo, clericalismo e colonialismo, fomos expulsas, convidadas a nos retirar. Em outros lugares, de um modo geral, ignoram a presença da Vida Religiosa, pois esta incomoda.*

*Creio que só iremos colocar em prática a sinodalidade se nos colocarmos todos e todas no caminho de conversão, passando do discurso pronto, a uma vivência de respeito e diálogo, com escuta*

*profunda, acolhendo a diversidade, o diferente, reconhecendo que todos somos irmãos e irmãs. Sinto um retrocesso em algumas situações, mas acredito na força do Espírito Santo que faz novas todas as coisas, para fazer acontecer o caminhar juntos.*

O depoimento da *Irmã Elsie* revela uma clara consciência do que é sinodalidade, de uma eclesialidade de comunhão e participação:

- a. Uma compreensão de Vida Religiosa *reinocêntrica* vivida na igreja e na sociedade de forma inserida, aberta ao diálogo e à doação;
- b. revela o importante e necessário protagonismo das mulheres, da Vida Religiosa Feminina na caminhada histórica da Igreja na Amazônia e como isso é fundamental para a sinodalidade;
- c. destaca a missionariedade e a participação como marcas da igreja local, no entanto denuncia o machismo, clericalismo e colonialismo como *anti-sinodais* responsáveis por práticas de abuso do poder na igreja como perseguição, expulsão e indiferença às práticas que elas vivenciaram na caminhada por não admitirem ser submissas.

Irmã Elsie faz sua profissão de fé na sinodalidade, dizendo que a mesma implica um caminho de conversão de todas, todos num êxodo, uma travessia da teoria para prática, uma passagem do discurso para a vivência do respeito e diálogo, com escuta profunda, acolhendo a diversidade, o diferente, reconhecendo que todos e todas somos irmãos e irmãs. E que apesar dos retrocessos, o Espírito que é o protagonista do processo sinodal em curso, realizará as mudanças necessárias.

## **Irmã Teresinha Mendonça Del'Acqua**

Irmã Teresinha Mendonça Del'Acqua, da Congregação das Irmãs Franciscanas Maria Imaculada, reside em Goiânia e é integrante da equipe interdisciplinar da Conferência dos Religiosos/as do Brasil e da equipe nacional do sínodo da CNBB, compartilha como vê, sente e interpreta o envolvimento e vivência da Vida Religiosa Consagrada do Brasil do processo sinodal em curso.

*Como membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional e integrante da Equipe Sinodal da CNBB, tenho tido a alegria de constatar um grande interesse por parte da Vida Religiosa Con-*

*sagrada feminina a respeito do processo sinodal. Numerosas têm sido as solicitações para encontros de aprofundamento, retiros, encontros de Conselhos, núcleos da CRB e outras atividades a respeito da temática sinodalidade. A grande busca tem como foco a maior compreensão e assimilação desse modo de ser, perceber, relacionar e organizar estruturalmente de modo sinodal.*

*Tenho testemunhado significativas mudanças de paradigmas e práticas relacionais e organizacionais. Dentre outras destaco: a linguagem tornando-se menos violenta e apreciativa dos diferentes e das diferenças; inclusões representativas nas equipes e comissões congregacionais de pessoas sem votos religiosos; maior abertura ao ecumenismo vinculado a causas sociais; crescente valorização e integração cotidianas das diferentes culturas e expressões de espiritualidades; processo formativo mais personalizado, interdisciplinar; o exercício do poder em forma de rodízio corresponsável; maior participação nas decisões comunitárias; maior valorização da intercongregacionalidade; diminuição das resistências e crescente capacitação e uso da tecnologia como meio de evangelização.*

*Desafios que constato: Ênfase nas mudanças das estruturas organizacionais em detrimento da*

*mudança das relações interpessoais; pouco aproveitamento do impulso sinodal para o deslocar-se, para revitalizar a dimensão missionária, tanto ad gentes como “entre gentes”; a ampliação da escuta como aprendiz e não com agenda e planejamentos pré-estabelecidos; “bolhas” de resistências abertas ou indiferença a tornar o vigor sinodal uma práxis cotidiana; expectativa de que este Sínodo Eclesial (2023 -2024) apresentará diretrizes normativas e dogmáticas à Igreja universal; certa dificuldade em compreender que esse Sínodo não é um evento e sim um caminho dinâmico e interminável por se tratar da identidade cristã, de um estilo de vida; “coragem anêmica” para Aprender, Desaprender e Reaprender.*

O depoimento da Irmã Teresinha é um testemunho ocular, sob o olhar de uma assessoria orgânica, pois não é uma leitura de sua vivência pessoal da sinodalidade, embora a sua vivência e de sua congregação certamente estejam incluídas. Ela fala a partir das oportunidades que teve de estar junto a várias instâncias da Vida Religiosa do Brasil, animando e contribuindo em processos de formação e animação sobre o sínodo:

- a. Destaca o interesse e envolvimento ativo das congregações femininas nos processos sinodais, um movi-

mento em busca de compreensão e aprofundamento da temática da sinodalidade;

- b. faz um elenco de mudanças que percebe no *modus operandi* da Vida Religiosa no tocante a mentalidade, relações e estruturas, como processos que sinalizam a sinodalidade como um caminho de revitalização e renovação da vida Religiosa Consagrada em todas as dimensões que lhe confere identidade hoje: espiritualidade, relações, processos formativos, missionariedade, eclesialidade, exercício do poder, intercâmbios culturais, intercongregacionalidade e profecia.

Com carinhosa lucidez, Irmã Teresinha nos apresenta um compêndio de desafios que nos evidencia que a sinodalidade como um modo de ser e viver, como *forma, estilo e missão*, requer ainda um longo processo de conversão e um laborioso caminho a percorrer tanto para a VRC, como para o conjunto de toda a igreja.

## Considerações inconclusivas

A título de considerações inconclusas, podemos dizer que os depoimentos das vivências com-

partilhadas pelas religiosas afirmam a compreensão e a prática da eclesiologia sinodal, oriunda do Concílio Vaticano II e pautada pelo pontificado do Papa Francisco através de uma igreja em saída para as periferias, uma igreja da escuta, da acolhida, do diálogo, do encontro e da comunhão, missão e participação *ad intra* e *ad extra* da Igreja.

Elas também revelam que VRC feminina e inserida no meio do povo, vem fazendo um percurso sinodal que *alarga a tenda* da sinodalidade, resituando a igreja na realidade do mundo, sobretudo do mundo dos pobres. Um caminho que atesta que a Vida Religiosa Consagrada não é algo marginal na Igreja, ela é igreja e como igreja é constitutivamente sinodal.

Em tudo isso é visibilizado o protagonismo ativo e criativo da Vida Religiosa Feminina na igreja e na sociedade e a fundamental importância de sua contribuição para uma igreja verdadeiramente sinodal, desde sua identidade carismática, suas dinâmicas internas e sobretudo, sua missionariedade, com ênfase na proximidade com o povo de Deus, sua contribuição nos processos formativos e evangelizadores das comunidades e lideranças, a beleza do leque de relações e parcerias com as leigas e leigos no cuidado com a vida dos

que sofrem, na defesa dos direitos, na organização popular, nos processos de cidadania, na de edificação do Reino de Deus na história.

Desse modo, a VRC feminina demarca sua profecia através do testemunho e da denúncia dos maiores entraves à sinodalidade no corpo eclesial: clericalismo, machismo, colonialismo e auto referencialidade. Enfatiza a conversão sinodal como condição primordial para que a sinodalidade seja de fato identitária na igreja.

Como afirmou Irmã Liliana Franco, presidenta da Conferência Latino-americana e Caribe-nha de Religiosas e Religiosos – CLAR, na sua fala durante a primeira sessão do sínodo sobre sinodalidade em outubro de 2023“o caminho das mulheres na Igreja é cheio de cicatrizes, de situações que envolveram dor e redenção,

um enredo pascal, no qual o que é evidente e definitivo é o amor de Deus; amor que permanece além dos esforços de alguns para tornar invisível a presença e a contribuição das mulheres na construção da Igreja (...) as mulheres sabem muito, apesar das muitas rejeições e desprezos recebidos, porque são elas que sustentam a fé em muitas comunidades ao redor do mundo.(...) a Igreja tem o rosto de mulher”.

Nesta Igreja com rosto e corpo de Mulher, as Consagradas, juntamente com outras mulheres, de mãos dadas com todos e todas, como Igreja Povo de Deus que caminha, não obstante os desafios e obstáculos, seguem esperando na tecitura de caminhos de sinodalidade. Caminhos para uma igreja sinodal em missão, configurando-se como um laboratório de aprendizagens.

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. Como repercutiu, em nossa comunidade religiosa, o processo sinodal?
2. O processo sinodal trouxe alguma mudança no modo como nos sentimos na Igreja? Quais mudanças?
3. O processo sinodal trouxe alguma mudança no modo como as mulheres são valorizadas em seu trabalho eclesial? Quais foram os avanços?

## Referências

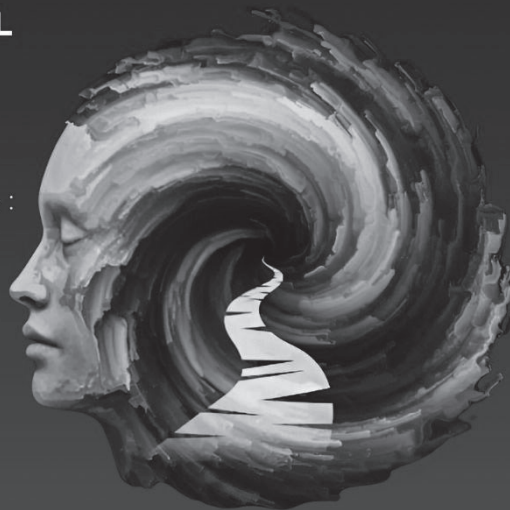
FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco à 18ª Congregação Geral da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. Roma, 25 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/october/documents/20231025-intervento-sinodo.html>. Acesso em: 2 set. 2024.

FRANCO, Liliana. O caminho das mulheres na Igreja é cheio de cicatrizes. **Vatican News**, 16 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/sinodo-liliana-franco-caminho-mulheres-igreja-cheio-cicatrizes.html>. Acesso em: 2 set. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Exortação Apostólica Post-sinodal sobre a Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo. Roma, 1996.

**SEMINÁRIO NACIONAL  
DAS/OS  
PSICÓLOGAS/OS DA  
CRB NACIONAL**

*Vida Religiosa Consagrada:  
Saúde Mental em  
tempos de travessia*



**EVENTO PRESENCIAL**  
**11 e 12 de Setembro de 2025**



**CRB NACIONAL**  
Conféncia dos Religiosos do Brasil



# O CÂNTICO DAS CRIATURAS: UM HINO DA ECOLOGIA INTEGRAL

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 2025, celebramos 800 anos do “Cântico das Criaturas”, de São Francisco de Assis, escrito pouco antes de sua morte. Com o corpo enfraquecido, Francisco de Assis compôs o Cântico das Criaturas, como louvor à bondade divina refletida na natureza. Nele, exalta a luz, o perdão e até mesmo a morte. O Cântico das Criaturas inspira a ecologia integral, reconhecendo a interligação entre a criação e as relações humanas. O Papa Francisco retoma essa visão na *Laudato Si*, destacando o cuidado com a Terra e a conversão integral. O exemplo de São Francisco, com sua reverência pela vida, simplicidade e fraternidade universal, permanece um guia para superar crises ambientais e sociais.

**Palavras-chave:** Francisco de Assis. Cântico das criaturas. Ecologia integral. Conversão ecológica.

## Introdução

Em 2025, celebramos os 800 anos do Cântico das Criaturas, composto por Francisco de Assis poucos meses antes de sua morte. No primeiro número da *Laudato Si*, Papa Francisco destaca

que neste gracioso cântico, São Francisco “recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços” (LS, 1) considerar-

---

<sup>1</sup> Frade Menor. Doutor em Teologia. Membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: freioton@gmail.com

mos a ecologia integral, revisitando o Cântico das Criaturas, também conhecido como Cântico do Irmão Sol, pode nos dar boas indicativas para o cuidado de nossa Casa e das pessoas que a habitam.

Para aprofundar sobre este poema místico, vamos dividir nossa reflexão em três passagens: o momento existencial de seu autor, os aspectos místico-poéticos do Cântico e suas atualizações à luz do magistério de Francisco de Roma.

### Francisco de Assis, um poeta chagado

Em seus últimos anos de vida, de Francisco de Assis experenciou acontecimentos muito significativos. Antes de sua partida, ele quis celebrar o Natal em Greccio, com personagens reais, à imitação do ocorrido em Belém, inventando assim o presépio, em 1223. No mesmo ano, obteve a aprovação definitiva de sua Regra de Vida. Em 1224, recebeu os estigmas de Cristo, no Monte Alverne. Em 1225, concluiu o *Cântico del Frate Sole*, sendo as duas últimas estrofes compostas meses antes de falecer, em outubro do ano seguinte.

À primeira vista, o Cântico parece fruto de uma meditação à beira mar, ou de uma contemplação bucólica da natureza. Um

olhar mais atento, como apenas dito, nos recorda que essa composição se deu após a recepção dos estigmas de Cristo. O autor é um homem sofrido, praticamente cego, que já não podia caminhar e sofria por terríveis dores de estômago.

Na história da arte, temos vários exemplos de manifestações surgidas a partir de um sofrimento físico ou psíquico do autor. Podemos lembrar do famoso quadro “Noite Estrelada”, de Vincent van Gogh (1853-1890), pintado durante sua internação voluntária no hospital psiquiátrico de Saint-Rémy-de-Provence, em 1889, quando o pintor padecia de depressão e surtos psicóticos. No campo musical, recordamos, por exemplo, a “Sinfonia nº 9”, de Ludwig van Beethoven (1770-1827), (com o famoso início do “pam-pam-pam-pam”), composta entre 1822 e 1824, quando o compositor alemão já estava afetado pela surdez. Na poesia, há muitas composições inspiradas pelo amor que se foi, pelo passado que se prendeu na nostalgia (“Oh! que saudades que tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais!” – Casimiro de Abreu).

Esses poucos exemplos nos fazem lembrar que nem sempre a arte é produzida em estado de

bem-estar, mas, pelo contrário, muitas obras brotaram de intenso sofrimento. Nossa questão fundamental é: que tipo de expressão surge a partir do sofrimento? Que alguém entristecido queira expressar sua tristeza, ou que o vitorioso externe sua alegria não é algo que surpreenda. O surpreendente é justamente quando da tristeza e do desalento brotam beleza e graciosidade.

Este é o caso do Cântico das Criaturas. À primeira vista, uma louvação inocente, quase pueril. Porém, àquela altura, Francisco de Assis tinha o corpo muito adoecido, mas em vez de se fixar na dor, se põe a louvar ao Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, a quem dirige a louvação pelas criaturas.

Na vida de Francisco, conhecemos sua paixão pela música e pela poesia, desde a juventude. Esse traço de sua personalidade ele nunca perdeu, mesmo depois de sua conversão. Seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano (1228), quando ressalta o tempo precedente à conversão de Francisco, diz que ele e seus companheiros, à noite, perturbavam o sono dos habitantes de Assis “com cantigas de ébrios pelas praças da cidade” (2Cel 7,7); e na *Legenda dos Três Companheiros* (LTC) lemos que ele se abandonava apaixonadamente aos “divertimentos e aos

cânticos, percorrendo a cidade de Assis de dia e de noite em companhia dos que eram iguais a ele” (LTC 2).

Após sua conversão, o hagiógrafo recorda: “Francisco, vestido com andrajos, aquele que outrora usava escarlate, ao caminhar por um bosque a cantar louvores ao Senhor começou a cantar em alta voz pelos bosques louvores ao Criador de todas as coisas” (1Cel 16).

O sofrimento físico sempre acompanhou Francisco. A *Legenda Perusina* (LP) destaca: “O bem-aventurado Francisco, se bem que sempre doente, já no mundo era de natureza frágil e enfermigo, e depois, até à hora da morte, cada vez estava mais adoentado” (n.92). Ele próprio disse um pouco antes de morrer “ter tido sempre pouca saúde, desde a sua conversão a Cristo” (LP, n. 76).

O modo de Francisco rezar é sobretudo elevando louvores a Deus. Praticamente não se encontram petições em seus escritos, mas perante a magnitude e bondade divinas não faz outra coisa do que louvar ao Senhor. No fim de sua vida, repete aquilo que sempre fez! “Chamava todas as criaturas pelo nome de irmão e irmã, intuindo-lhes o segredo de modo admirável e superior a qualquer outro homem, porque

tinha conquistado a liberdade da glória reservada aos filhos de Deus” (1Cel 91). “Tinha uma amizade com todas as criaturas que lembram nosso estado de inocência primitiva. Pela piedade sentia grandíssima atração para com as criaturas (LM, n. 8,1).

A ecologia integral tem a tarefa não só de apontar os retrocessos humanos, mas, de destacar uma visão positiva e mesmo contemplativa da realidade, identificando os sinais da presença do Verbo em cada ser criado. Considerar o mundo com graciosidade nos fará pessoas apaixonadas pela Casa em que habitamos, bem como seus moradores. Francisco de Assis nos dá um exemplo paradigmático a esse respeito.

## Aspectos literários e espirituais do Cântico das Criaturas

O Cântico das Criaturas tem um lugar especial na fundação da literatura italiana, e é estudado ainda hoje em sala de aula pelos adolescentes italianos, o que demonstra que não se trata somente de intuições espirituais importantes, mas é também esteticamente belo. Francisco tinha bom conhecimento da literatura cavalheiresca e dos romances franceses. A língua em que escreve ainda não

estava formatada como conhecemos hoje. “É na língua dos pobres e das mulheres que nasce a poesia franciscana. Estavam abertos os caminhos daquela que um século mais tarde seria a língua de Dante” (GHIRARDI, apud MATOS, 2012).

O Cântico se inicia com o qualitativo “Altíssimo” referente a Deus. Este termo se repete por quatro vezes no Cântico, sendo que só nas duas primeiras estrofes aparece três vezes:

*Altissimo*, onipotente, bom Senhor, Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a benção. Só a ti, *Altissimo*, são devidos; (...). Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o Senhor Irmão Sol, (...) de ti, *Altissimo* é a imagem.

Francisco demonstra toda sua reverência ao enfatizar que ninguém é digno de nomeá-Lo, o que nos faz lembrar das disposições bíblicas ao alertarem que o nome do Senhor Deus é impronunciável (Ex 20,7). A palavra que Francisco utiliza nesse caso é *mentovare*, que deriva de *mente*: é como se ninguém fosse digno sequer de elevar o pensamento ao Senhor. Para Francisco, o caminho principal do encontro com Deus não será a especulação intelectual, mas o amor (GHIRARDI, apud MATOS, 2012).

O Cântico das Criaturas manifesta uma preferência pelas imagens de luz: em primeiro lugar, está a imagem fulgurante do “irmão Sol”; em seguida, vêm as imagens da “irmã Lua e das Estrelas”, que também são imagens de luz: “claras, preciosas e belas”. No caso da lua, é preciso considerar toda sua significação, sobretudo para as culturas antigas, agrárias, para as quais a lua ditava a ordem do tempo, a vivência religiosa, além de influenciar nas plantações e na pesca.

Francisco utiliza um adjetivo curioso ao se referir à lua e estrelas, depois também à água. Estas criaturas são “preciosas”. Ora, no senso comum, algo precioso tem a ver com tesouro, como as pedras preciosas. Em seus escritos, Francisco utiliza a palavra “precioso” para se referir aos objetos relacionados ao mistério eucarístico: “E quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados e venerados acima de tudo em lugares preciosos” (Testamento 11). Ou seja, ao qualificar a lua, estrelas e a água como criaturas preciosas, Francisco lhes identifica como pertencentes a um grande tesouro, o mistério divino. “O Sagrado é celebrado aqui em um elemento do mundo. Essa celebração do Sagrado no Cosmos faz eco à sua revelação na alma. É a linguagem

simbólica de uma profunda Revelação” (LECLERC, 1999, p. 116).

Na estrofe seguinte, Francisco se refere ao vento e a água. Esses dois elementos aparecem juntos em várias passagens da Escritura: “O espírito de Deus movia-se sobre as águas” (Gn 1, 2); “derramarei sobre vós uma água pura e, porei novo espírito no meio de vós” (Ez 36, 25-26). “E quem não nascer da água e do espírito não pode entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5). Quanto ao vento, em particular, Francisco não lhe confere nenhum qualificativo.

Ainda sobre a água, é preciso considerar todos os atributos que Francisco reconhece nela: a irmã água é muito útil, humilde, preciosa (eis o termo novamente!) e casta. O que é verdadeiramente preciosa aos olhos é essa realidade sagrada, e designa ainda algo de grande valor, um tesouro, mas que escapa do domínio da posse (LECLERC, 1999, p. 24). Francisco “não quer possuí-las ou dominá-las, mas chama-as pelo nome, convidando-as a render louvores a Deus que as revestiu de beleza e de bondade” (ZOTTO, 1993, p. 120).

Em relação ao fogo, é costume localizar a composição dessa estrofe à enfermidade que Francisco tinha nos olhos, fazendo com que tivesse de ser submetido a

uma cauterização das têmperas, mediante um ferro em brasas. Tomás de Celano assim descreve o pedido de Francisco:

Meu irmão fogo, o Altíssimo te criou forte, bonito e útil, para emulares a beleza das outras coisas. Sê amigo meu nesta hora, sê cortês, porque eu sempre te amei no Senhor. Rogo ao grande Senhor que te criou, para que abrande um pouco o teu calor, para que queime com suavidade e eu possa aguentar (2Cel 3,14).

Para além de sua utilidade no cozimento, na iluminação da noite, o fogo na literatura sempre representou o desejo ardente da alma, o queimar-se de paixão, como na poesia de Camões: “Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer”. Ao redor das fogueiras, os povos se reuniam e perpetuavam sua identidade.

O fogo representa, ainda, a presença ardente da divindade, como no episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e no envio do Espírito quais línguas de fogo (At 2, 1- 4). Para Francisco, o sol é belo, as estrelas são belas e o fogo é igualmente belo.

Se o Cântico das Criaturas parece ter um movimento descen-

dente, desde o sol, o último elemento a que Francisco se refere é a Terra, com dois qualitativos muito especiais: ela é mãe e irmã. Dela, Francisco recorda o sustento, o governo, os frutos, as flores e ervas. A Terra constitui o *humanum* em sua fragilidade e em sua fecundidade. O homem se encontra com seu ser Adão, posto no Paraíso de Deus, na plena fruição e beleza da vida.

Eis que chegamos às duas últimas estrofes, compostas já no finalzinho da vida de Francisco. Nelas, o Seráfico Pai se refere à capacidade de perdoar e acolhe a morte como uma irmã. As duas últimas estrofes inserem o ser humano no conjunto da Criação, algo fundamental para a Ecologia Integral, na necessária conversão ecológica. O ser humano é, ao mesmo tempo, causador e também vítima das consequências de uma visão exploradora da natureza. Por sentir-se acima das demais criaturas, julgou-se no direito de usufruir delas de modo predatório, considerando o ambiente meramente para seu desfrute.

É sabido que a composição da estrofe sobre o perdão se dera por ocasião da disputa entre o bispo e o prefeito (*podestà*) da cidade de Assis. Graças à intervenção de Francisco, os dois se reconciliaram. Episódios assim não são

novidade na vida do Santo, basta lembrar do Lobo de Gubbio ou do encontro com o Sultão, em 1209. Francisco é homem da paz, e está decidido em intervir se alguma relação fere este pacto entre as pessoas e povos.

A palavra “Altíssimo”, mencionada pela última vez na segunda estrofe do Cântico reaparece agora, no final da peregrinação humana. Mas já não designa uma transcendência longínqua e inacessível, mas em relação amigável entre o Senhor Deus e a pessoa humana (LECLERC, 1999, p. 47).

Por fim, a morte, abraçada não como um absurdo, um trauma, mas como coroamento sereno de uma vida doada, como foi propriamente a vida de Francisco. Em Assis, duas décadas antes, ele ficara nu em praça pública para romper com seu pai; agora, pede para ser posto nu sobre a terra nua, para romper com esta existência limitada, e abraçar a eternidade.

As cotovias, tão amantes da luz e tão inimigas das trevas noturnas, aproximaram-se em grande número, pondo-se no lugar em que o santo acabava de exalar o último suspiro, já quando a noite caía, e em alegres revoadas, pareciam querer dar um testemunho tão espontâneo quanto evidente da glória daquele que tantas vezes as havia convidado a cantar os louvores do Criador (LM, XIV, 6,9).

São Francisco de Assis vê a criação como uma expressão da bondade de Deus, reconhecendo o lado positivo de cada criatura, mesmo aquelas que podem ser destrutivas, como as águas torrenciais ou os ventos impetuosos. Ele rejeita a visão herética de sua época que nutria um olhar negativo para com as criaturas. O olhar de Francisco é de bondade e beleza por todo o universo criado, incluindo o ser humano: “por teu único Filho com o Espírito Santo criaste todas as coisas espirituais e corporais e nós, feitos à tua imagem e semelhança, colocaste no paraíso (Gn 1,26)” (RnB 23,2).

## As atualizações do Cântico das Criaturas propostas por Francisco de Roma

Em 2025, por uma feliz coincidência, comemoramos, igualmente, os dez anos de um dos principais escritos do Papa Francisco, a Encíclica *Laudato Si* que, como o nome diz, se inspira diretamente no Cântico das Criaturas. Aliás, a referência a Francisco de Assis é algo muito presente no atual Pontífice.

Papa Francisco relaciona três vezes a figura de Francisco de Assis à ecologia integral: “Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é

frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (LS, n. 10); “O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano” (LS, n. 11). E ainda: “Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa” (LS, n. 218).

No segundo parágrafo da *Laudato Si*, Papa Francisco adverte que o modo como habitamos o Planeta está longe de ser romântico:

Esta irmã – diz o Papa – clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7) (LS, n. 2).

O Papa recorda a figura de São Francisco inspirando-se em São Boaventura (1221-1274), uma das principais figuras da Ordem Franciscana, que interpreta a figura de Francisco como uma reconciliação, após a ruptura do pecado das origens. “Através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara de alguma forma ao estado de inocência original”. E o Papa faz a devida consideração: “Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza” (LS, n. 66).

Papa Francisco, em várias passagens da *Laudato Si* repete o refrão de que “tudo está interligado” (n. 16, 42, 91, 111, 117, 138, 240): não é possível considerar os dramas da terra separados dos dramas humanos. No Cântico em que louva a Deus pelas criaturas, o Pobre de Assis menciona o dom do perdão: “Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor”, indicando assim uma preocupação pelo meio ambiente, um amor sincero pelos seres humanos e um compromisso constante com os problemas da sociedade (LS, n. 91).

O Papa Francisco insiste neste vínculo entre as questões ambientais e sociais: “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS, n. 49).

Em 2024, Papa Francisco publicou uma atualização da *Laudato Si*, alertando sobretudo para as mudanças climáticas. Na *Laudate Deum*, Francisco retoma o vínculo entre a questão ambiental e social:

O nosso cuidado pelo outro e o nosso cuidado com a terra estão intimamente ligados. As alterações climáticas são um dos principais desafios que a sociedade e a comunidade global têm de enfrentar. Os efeitos das alterações climáticas recaem sobre as pessoas mais vulneráveis, tanto a nível nacional como mundial (LD, n. 3).

No magistério de Francisco de Roma teríamos outros exemplos para ilustrar possíveis atualidades do Cântico das Criaturas. Na limitação do presente escrito, vamos simplesmente mencionar a Bula de proclamação do Jubileu do ano de 2025, quando o Papa refletiu sobre o perdão, o qual, como vimos, está presente na penúltima estrofe de Francisco de Assis:

Uma tal experiência repleta de perdão não pode deixar de abrir o coração e a mente para *perdoar*. Perdoar não muda o passado, não pode modificar o que já aconteceu; no entanto, o perdão pode-nos permitir mudar o futuro e viver de forma diferente, sem rancor, ódio e vingança. O futuro iluminado pelo perdão permite ler o passado com olhos diversos, mais serenos, mesmo que ainda banhados de lágrimas (*Spes non confundit*, n. 23).

Num passo seguinte, Bergoglio toma Francisco de Assis como modelo de conversão integral, o que exige reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro. “Para realizar esta reconciliação, devemos examinar as nossas vidas e reconhecer de que modo ofendemos a criação de Deus com as nossas ações e com a nossa incapacidade de agir. Devemos fazer a experiência duma conversão, duma mudança do coração” (LS, n. 218). E continua:

Convido todos os cristãos a explicitar esta dimensão da sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia, e suscite aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis (LS, n. 221).

## Conclusão

Francisco de Assis é um grande referencial para a ecologia integral. Seu contato com as pessoas, sua busca pela paz, sua reverência pela Criação, sua simplicidade de vida são elementos que ainda hoje podem nos inspirar.

Ao final de seus dias, já convalescente, sente vontade de continuar louvando e agradecendo ao Senhor Criador por todo o Universo Criado. Mas não o faz com um sentimento de posse, não instrumentaliza o Sol (como sugere a oração das Laudes da segunda-feira da IV semana: “Senhor nosso Deus, que confiastes ao ser humano a missão de guardar e cultivar a terra, e colocastes o sol a seu serviço”...), muito menos se vê como um explorador irresponsável, assentado num antropocentrismo despótico (*Laudato Si* n.68).

Desde o sol, a lua e estrelas, vento, água, fogo e até mesmo a morte fazem parte da grande família de Deus, todos irmãos e irmãs. “São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido

aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos” (*Fratelli Tutti* n. 2).

Porém, o Cântico das Criaturas não fala de pobreza, das injustiças diversas para com as criaturas de Deus. É como se tudo já tivesse sido consumado, todo o luto, toda a dor, toda ruptura, tivessem passado e a Criação exultasse vitoriosa, os povos se dando as mãos, perdoando-se, acolhendo a existência como um presente festejado (cf. Ap 21,4). Como nas narrativas do Apocalipse, é chegada a Festa do Cordeiro (Ap 19), convidando a todos ao brinde final. Ao Vencedor, devemos servir com grande humildade (Cant. 14).

Francisco compõe o Cântico das Criaturas, meses antes de sua morte, em São Damião, num momento de intenso sofrimento físico e interior, depois de ter certeza de ser cidadão do céu. Francisco “ama a luz, mas como o reflexo da luz eterna, ama a vida, mas como a imagem da vida divina, ama o belo, mas como a sombra da beleza sem mácula que é Deus” (ZOTTO, 1993, p. 125).

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. Como o Cântico das Criaturas pode nos inspirar em nosso cuidado da Casa Comum?
2. Aqui onde vivemos, quais os maiores desafios ligados à ecologia integral?
3. Quais iniciativas podemos promover a fim de tornar as intuições da Laudato Si mais conhecidas aqui onde estamos?

## Referências

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, *Vozes/FFB*, 1999.

FRANCISCO, Papa. **Spes non confundit**. Bula de proclamação do Jubileu do ano de 2025. São Paulo: Paulus, 2024.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a amizade social e a fraternidade universal. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Laudate Deum**. Exortação Apostólica sobre a crise climática. São Paulo: Paulinas, 2023.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

LECLERC, Eloi, **O Cântico das criaturas**: os símbolos da união. Petrópolis: Vozes, 1999.

MATOS, Augusto. **Cântico das Criaturas**. 2012. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/4020813> Acesso em: 24 abr. 2025.

ZOTTO, Cornelio Basilio del, “Criado”, em **Dicionário Franciscano**. São Paulo: Vozes, 1993.

# PROFOLIDER 2025

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)  
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros das Irmãs de N.  
Sra. de Lurdes - São Gonçalo, RJ*

*De 28 de setembro a 06  
de novembro de 2025*

# SOMOS TODOS PEREGRINOS

## Dimensão antropológico-existencial

Pe. Vinícius Augusto Teixeira, CM<sup>1</sup>

**Resumo:** No horizonte aberto pelo Ano Santo 2025, que nos convida a viver como *peregrinos de esperança*, o artigo se propõe a discorrer sobre a *peregrinação como metáfora da existência humana*, à luz da fé cristã. O autor sublinha o fato de que todos somos peregrinos em busca do sentido da vida, de sua plena realização. Por seu caráter objetivo e transcendente, tal sentido estabelece um itinerário que a pessoa humana é chamada a percorrer assumindo as atitudes que melhor correspondem à meta que deseja alcançar, dilatando sua liberdade, potencializando o que tem de melhor, cultivando uma interioridade mística, entrando em comunhão com os outros, aprimorando-se continuamente, qualificando seu empenho ético e deixando-se guiar por sua sede na direção daquela Fonte que não cessa de atraí-la e que constitui o princípio, o vigor e a meta de sua peregrinação.

**Palavras-chave:** Antropologia. Peregrinação existencial. Mística. Ética.

### Introdução

Ao convocar o Jubileu Ordinário de 2025, com a Bula *Spes non confundit*, o Papa Francisco quis recordar o significado antropológico-

gico-espiritual da peregrinação que caracteriza esse evento eclesial: “Pôr-se a caminho é típico de quem anda à procura do sentido

---

<sup>1</sup> Presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazaristas): [viniciusaugustocm@gmail.com](mailto:viniciusaugustocm@gmail.com)

da vida” (n. 5). Certamente, a peregrinação é uma das mais significativas metáforas da existência humana, de seu dinamismo, de suas exigências, de seus percalços, de seus altos e baixos. Já o afirmava o inquieto Agostinho de Hipona, ao declarar que “todos nós somos caminhantes, peregrinos a caminho”<sup>2</sup>. E é mesmo assim, como diz um peregrino por vocação:

A vocação peregrina, o ser peregrino, perpassa a história da Humanidade. A Humanidade nasceu peregrina, nômade. Mesmo sedentária hoje, ela guarda em sua memória suas raízes peregrinas. Peregrinações e romarias estão presentes em todas as tradições religiosas e culturais. Elas nos lembram que nós somos hóspedes e peregrinos nesta terra: nada nos pertence, mas tudo nos foi confiado. Elas nos convidam à confiança e à entrega, à simplicidade e ao despojamento. Elas são parábolas da peregrinação de nossa vida, de nosso nascimento até nossa morte, como da peregrinação interior que cada ser humano faz até o mais íntimo de seu coração” (HENRIQUE, 2023, p. 15).

## A peregrinação como metáfora da existência

De fato, todos somos peregrinos, sem exceção. E isso porque todos – embora de maneiras muito diferentes – buscamos o *sentido da vida*, ou seja, todos sentimos a necessidade e o desejo de descobrir e experimentar a verdade, a bondade, a beleza que a vida contém e que pode satisfazer nossos anseios mais radicais e responder a nossas inquietações mais legítimas. Trata-se, portanto, de uma *volta ao essencial*, ao que temos de mais profundo e determinante, para encontrar aí o ponto de partida e o impulso criativo de nosso percurso vital, do itinerário que se estenderá ao longo de toda nossa existência na direção do que somos chamados a ser, de nossa autêntica realização como pessoas. Um renomado autor contemporâneo descreve essa aventura humana com estas palavras:

O caminho, como metáfora de nossa vida, engloba tudo o que nos acontece, tudo o que descobrimos e suportamos, planejamos e realizamos. Algo nos impulsiona. Nós nos movemos, temos motivos para fazê-lo e assumimos riscos. Percorremos caminhos e, portanto, mudamos. Os companheiros de viagem caminham conosco. Precisamos de provisões e indicações. O cami-

<sup>2</sup> Em seu sermão 75, acrescenta: “Não há ninguém neste mundo que não seja peregrino, mesmo que nem todos desejem regressar à pátria”.

nho percorrido se torna nossa experiência. Colocamos tudo em movimento, queremos avançar e mudar. (GRÜN, 2005, p. 6).

A peregrinação da vida se define, portanto, por duas características sem as quais ela não pode subsistir: uma *meta* que lhe abre um panorama e lhe dá finalidade, e uma *rota* que indica o caminho e inspira atitudes e procedimentos. Dessa forma, o peregrino é moldado *pelo que espera*, ou seja, pelo horizonte que ilumina seu caminho e encoraja seus passos; *pelo que crê*, isto é, pelas convicções que suscitam e confirmam seus propósitos e disposições; e *pelo que ama*, por aquela experiência fundante que, mantendo seus olhos fixos na meta, esclarece-o e o robustece em meio às fadigas e desafios, leva-o a perseverar em suas buscas e o solidariza com outros peregrinos, especialmente com aqueles que caminham descalços e mais lentamente. Vemos, assim, que, do ponto de vista antropológico, a metáfora da peregrinação corresponde a uma experiência totalizante e integradora, que reúne e harmoniza as diferentes dimensões e potencialidades da pessoa, com vistas a proporcionar-lhe um conhecimento adequado de si mesma, da vida e do mistério que a envolve.

Viver como peregrinos significa, portanto, em primeiro lugar, saber para onde se deve caminhar. O peregrino não é um andarilho sem rumo, muito menos um exilado sem esperança. Compete-lhe, então, nunca perder de vista a meta, mesmo que esteja longe de seu alcance imediato. Com efeito, quando se conhece o “para onde”, é possível descobrir o “como ir”. Por outro lado, para quem não tem um destino, não há caminho que lhe sirva. E esta é a situação de quem não descobriu o sentido da vida: move-se pela existência e pela história como um errante sem rumo ou um turista distraído. De fato, “só o Fim explica os fins. Só há sentidos porque há o Sentido. Só há amores porque há o Amor, assim como só há dia porque há sol”. (BOFF, 2014, p. 61) É exatamente por isso que “subsiste no coração humano o desejo incoercível de ver e de abraçar concretamente o Sentido” (BOFF, 2014, p. 61).

## Os sentidos do peregrino

*Homo viator*, eis aí o que somos, como lembra G. Marcel (1889-1973), acrescentando que “uma ordem terrena estável só pode se estabelecer se o homem mantiver viva a consciência do que se pode chamar sua condição itinerante” (1980, p. 11). A par-

tir de uma mais profunda consciência de si, de sua identidade dinâmica e evolutiva, ou seja, de sua condição peregrina, sempre a caminho, a pessoa se consolida e se habilita para qualificar suas relações e aperfeiçoar suas ações, a fim de colaborar nos processos de transformação da realidade que a circunda. Enquanto experiência espiritual, a peregrinação harmoniza todas as dimensões essenciais do ser humano, inclusive a corporeidade que lhe permite entrar em relação com os outros e com tudo o que é animado de vida. E, para isso, nada melhor do que valer-nos dos sentidos que nos abrem para o mundo do qual fazemos parte e podem inclusive introduzir-nos na jubilosa experiência do mistério transcendente que se comunica e se deixa alcançar.

O peregrino *ouve* a melodia da vida e capta os clamores mais profundos que brotam de suas entranhas; em seus encontros, procura silenciar para escutar o dito e perscrutar o não dito. Ao longo do caminho, purifica seu olhar para *ver* os rostos e os acontecimentos, entender adequadamente as situações, intuir novas direções e contemplar o mistério que se aninha no mais íntimo de tudo e de todos. Tendo presente a meta desejada, *experimenta* vivências significativas e saboreia seus frutos para

extrair o néctar que o fortalece e assim continuar na estrada. Às vezes diminuindo, outras vezes acelerando o ritmo da viagem, o peregrino *respira* com serenidade os ares da vida cotidiana e fareja as oportunidades que lhe são oferecidas. Deixa-se tocar no mais íntimo para, por sua vez, *tocar* as pessoas e apalpar as circunstâncias a partir de um realismo cheio de esperança; com uma presença discreta e com os dedos da bondade, toca ainda as feridas dos caídos à beira da estrada, derramando sobre elas o óleo da compaixão e o vinho da alegria.

## Os tempos do peregrino: do *chronos* ao *kairos*

Igualmente importante é a relação que o peregrino estabelece com o *tempo*. A compreensão da aventura da vida como peregrinação requer uma fruição serena e sábia dos tempos que nos são dados ou das ocasiões que se nos apresentam, o que implica resistir à agitação e à precipitação que podem tornar-nos pessoas dispersas e superficiais, compulsivas, mecânicas e ocas, desprovidas de densidade existencial, gente de muita urgência e pouca essência, de muitos contatos e poucas relações, de muitas ideias e pou-

cas iniciativas, de muitas críticas e de pouca autocrítica. Comportando-se desse modo, a pessoa se torna incapaz de interiorizar princípios e valores, de colher as lições das experiências, de viver com intensidade cada momento que a vida lhe proporciona, de discernir possibilidades e eleger prioridades, de definir critérios e fazer renúncias, de posicionar-se de forma ponderada e sensata diante das situações, de criar vínculos sólidos e estáveis, de honrar a palavra dada, de perseverar nos compromissos assumidos e de apreciar o que há de bom e belo em seu entorno.

Trata-se, pois, de humanizar o tempo como processo gerador de maturação e equilíbrio, no qual o presente é filho do passado e pai do futuro (MARELLI, 2022, p. 48-57). Dessa maneira, o *chronos* se reveste do *kairos*, a temporalidade se abre para a eternidade e o caminhante pode ver restituída a profundidade existencial e espiritual de que seu itinerário precisa para conduzi-lo ao sentido pleno da vida, vislumbrado em cada instante e a cada passo de sua trajetória:

A mística do instante nos devolve ao coração de uma existência autêntica, ensina-nos a estar verdadeiramente presentes, a ver o infinito em cada fragmento, a ouvir o sussurro da eter-

nidade em cada som, a tocar o intangível com os gestos mais simples. (TOLENTINO MENDONÇA, 2015, p. 44).

## As entranhas do peregrino: mística e ascese

É preciso dizer que, desde o âmbito propriamente antropológico, a vida como peregrinação supõe o cultivo da *interioridade* como uma dimensão essencialmente humana e humanizadora, requerida por sua própria vocação original. Com efeito, como base da vida espiritual ou da *mística* (entendida aqui em sentido *lato*), a interioridade propicia ao peregrino escutar atentamente a si mesmo e aos outros, contemplar com olhos limpos o mistério que se desvela ao longo de seu itinerário e abraçar sua liberdade como dádiva e responsabilidade. O místico que foi São Vicente de Paulo (+1660) dizia com acerto que a pessoa “que não se preocupa com sua vida interior deixa-se arrastar pela correnteza de suas paixões” (SV X, 731). De fato, só quando se cava mais profundamente é que se encontra a água mais pura e só quando se vai ao fundo do mar é que se descobrem as pérolas mais preciosas. Nada mais importante do que uma sã interioridade para superar a dissipação e a distração que põem em risco a fruição do

caminho existencial, a qualidade das relações humanas, a assimilação dos valores éticos, a seriedade dos compromissos e, sobretudo, a perseverança na busca do sentido transcendente da vida, ou seja, a experiência fundante e plenificante do Absoluto.

Por isso, o peregrino não foge do mundo, tampouco de si mesmo, nem alimenta dualismos ou extremismos, preferindo desenvolver o círculo virtuoso da interioridade e da exterioridade, da imanência e da transcendência, da finitude de suas realizações e da infinitude de seus anelos. Quanto mais cultivada é a interioridade de uma pessoa, mais ela se compenetra de sua própria riqueza, mais se sente envolvida pelo sopro do Inefável que a atrai e mais se abre à complementação que lhe vem de fora, dos outros, deixando-se formar livre e sabiamente pela vida e suas interações. De fato, é do silêncio que brota a palavra que abre caminho para o diálogo, é do discernimento que nasce a decisão, assim como é da contemplação que flui o compromisso. Tinha razão T. Merton (1915-1968), na circular que dirigiu a seus amigos no último ano de sua vida terrena:

Nossa verdadeira viagem na vida é interior. É uma questão de crescer, de aprofundar e de render-nos cada vez mais à ação

criativa do amor e da graça em nossos corações. Hoje mais do que nunca, é necessário que demos uma resposta a essa ação. (2000, p. 258).

O itinerário do peregrino é, sem dúvida, portador de belas potencialidades e surpresas, mas isso não significa que não inclua, em algum momento, asperezas, cansaços e espinhos. Além de uma mística, de uma profunda experiência espiritual, de uma opção fundamental pelo essencial, o peregrino também precisa cultivar uma *ascese*, uma vigilância constante, um esforço contínuo, que lhe permita inclusive fazer renúncias em conformidade com seu processo de amadurecimento e crescimento integral. Além disso, há que aprender a suportar com paz as fadigas do caminho, as inevitáveis incompreensões e até mesmo as solidões. E isso sem vacilar nos princípios e convicções que vertebram o ser humano, na retidão e na generosidade que estruturam uma conduta íntegra, persistindo no que é justo, necessário e digno de ser amado e buscado. De fato, o caminho muitas vezes exige a coragem e a fibra de quem assume sacrifícios com firmeza, enfrenta desafios com serenidade e avança com esperança sempre renovada. E tudo isso conservando o entusiasmo, a alegria

de caminhar na direção de uma meta já vislumbrada, mas ainda não alcançada, como expressa o poeta espanhol: “Pues de pronto comprendo iluminado que en caminar consiste nuestra vida hacia la luz del gran descubrimiento” (LAMET, 2024).

Na aventura da vida, o peregrino deve evitar dois extremos perigosos: o de *encastelar-se na própria interioridade*, negando ou subestimando o que é propriamente humano ou mundano, ou o de *viver ao sabor dos instintos e tendências (eu superficial)*, desconsiderando os anseios e as exigências do espírito (*eu profundo*). Se, por um lado, reprimir as pulsões produz neurose, por outro, desprezar a dimensão espiritual gera personalidades vazias, frágeis, impetuosas e tediosas, justamente por carecerem de um horizonte de sentido capaz de iluminar seu percurso existencial e servir-lhes de critério e bússola. Compete, portanto, à mística, acolitada pela ascese, superar as oposições dualistas e moderar com finura e destreza as tendências e os ímpetos da natureza humana, orientando-os na direção adequada e contribuindo para a harmonização dos componentes dinâmicos da existência peregrina (TEPE, 2002, p. 11-19).

## O perfil do peregrino

Como o peregrino é chamado a *deixar-se fazer pelo caminho que faz*, sua condição itinerante inspira e estimula um verdadeiro *estilo de vida*, o qual implica uma série de atitudes de grande alcance antropológico. Assim, ser peregrino é:

- Dispor-se a partir sem medo, deixando para trás caminhos já palmilhados e aventurando-se em novas trilhas;
- aprofundar o sentido transcendente da vida, para não perder de vista a meta à qual é chamado, bem como o ideal que o move, impregnando-se dos valores que lhe correspondem;
- buscar sempre o essencial nas diversas situações da vida, o que implica não se aferrar ao periférico e secundário, já que um caminhante não pode carregar muito peso nas costas;
- sedimentar sua sensibilidade humana, compartilhando o que é e o que possui, bem como aceitando com gratidão a hospitalidade alheia;
- viver com sobriedade, despojando-se do supérfluo e apreciando o que há de belo

- em uma vida simples, leve e bem ordenada;
- ter a coragem de abandonar zonas de conforto e deixar-se surpreender pelo inesperado enquanto caminha;
  - deixar-se formar pela vida, aprendendo dos encontros e desencontros que ela proporciona e adaptando-se criativamente às circunstâncias previstas e imprevisíveis;
  - reconhecer pacificamente os próprios limites e deixar-se acompanhar, descentrando-se de si mesmo e assumindo a necessidade que tem dos outros;
  - afastar-se tanto de fatalismos derrotistas quanto de ingenuidades imaturas, priorizando sempre um realismo saudável e repleto de esperança;
  - cultivar o silêncio, desfrutar da *solitude* (a solidão benéfica), descobrindo aí um renovado impulso para o diálogo e o encontro;
  - rever constantemente a própria conduta, sem jamais considerar-se acabado ou deter-se na mediocridade e na superficialidade;
  - aceitar sua própria vulnerabilidade e a provisoriedade de suas vivências e das coisas, bem como purificar-se de fixações e aversões;
  - corrigir eventuais desvios e levantar-se de possíveis quedas, entrando na dinâmica da conversão permanente e do aperfeiçoamento contínuo;
  - avaliar possibilidades e abraçar oportunidades, mediante o discernimento que lhe confere mais liberdade e coragem nas decisões;
  - avançar com pequenos passos e parar quando necessário, superando cansaços ou frustrações e recriando o ânimo e as disposições;
  - reconciliar-se com sua história e atribuir novo significado ao que não pode mudar (desilusões, sofrimentos, mágoas, lutos etc.);
  - tomar certa distância das situações para entendê-las melhor e, assim, juntar os fragmentos da existência, colhendo suas lições para o presente e o futuro;
  - guardar na memória as ressonâncias do que foi vivido, ser grato pelo que recebeu e transmitir suas experiências com solidez e simplicidade;
  - ouvir os sons e gemidos da natureza e sentir-se parte dela, maravilhar-se diante

das belezas que contempla, afinando seu senso estético;

- solidarizar-se com aqueles que são forçados a peregrinar, deixando seus lares e suas terras em busca de melhores condições de vida para si e para os seus;
- aprimorar-se a cada passo do caminho e avançar na direção da meta intuída e desejada, pois, afinal, como garante o ditado, “*a donde el corazón se inclina, el pie camina*”.

## Concluindo

Por sua longa e bela história, o caminho de Santiago de Compostela se tornou um esplêndido símbolo da peregrinação que mobiliza a existência humana em todos os tempos e lugares. De fato, somente em 2023, mais de 446 mil pessoas transitaram por aquelas rotas. Percorrendo seus 800 ou 900 km de extensão, os peregrinos costumam passar por diferentes situações que os remetem às mais significativas experiências da vida: calor e frio, alegria e cansaço, silêncio e partilha, solidão e hospitalidade, fome e saciedade etc. E a tudo isso se soma a indizível experiência do Mistério que fascina o peregrino e o envolve, clareando-lhe o sen-

tido, a consistência e a beleza da vida, superando qualquer laivo de secularismo. Justamente no caminho de Santiago, mais precisamente na cidade de Nájera (La Rioja), escrito em uma parede, encontra-se um poema de Eugenio Garibay que traduz muito bem o significado transcendental da peregrinação, refletido no fenômeno de Santiago de Compostela e em tantos outros:

*Polvo, barro, sol y lluvia  
es el camino de Santiago,  
millares de peregrinos  
y más de un millar de años.  
Peregrino, ¿quién te llama?  
¿Qué fuerza oculta te atrae?  
No es el campo de las estrellas,  
ni las grandes catedrales.  
No es la bravura navarra,  
ni el vino de los riojanos,  
ni los mariscos gallegos,  
ni los campos castellanos.  
Peregrino, ¿quién te llama?  
¿Qué fuerza oculta te atrae?  
Ni las gentes del camino,  
ni las costumbres rurales.  
Ni es la historia y la cultura,  
ni el gallo de la Calzada,  
ni el palacio de Gaudí,  
ni el castillo de Ponferrada.  
Todo lo veo al pasar  
y es un gozo verlo todo,  
más la voz que a mi me llama  
lo siento mucho más hondo.  
La fuerza que a mi me empuja,  
la fuerza que a mi me atrae,  
no sé explicarla ni yo.  
¡Sólo el de arriba lo sabe!*

## Para sentipensar em comunidade

1. Em que consiste a vocação peregrina do ser humano: sua meta, sua estrada e a conduta que ela sugere?
2. Segundo lhe parece, quais as atitudes peregrinas mais significativas e relevantes para os nossos dias?
3. Do ponto de vista existencial-antropológico, como se define um/a consagrado/a peregrino/a?

## Referências

- BOFF, Clodovis. **O livro do sentido**. v. I. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014.
- FRANCISCO, Papa. **Spes non confundit**. Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025. Roma, 2024.
- GRÜN, Anselm. **In cammino**: una teologia del peregrinare. Padova: Messaggero, 2005.
- HENRIQUE, Peregrino. **Peregrinas e peregrinos da Trindade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.
- LAMET, Pedro Miguel. **Soy Adviento**. 2024. Disponível em: <https://www.pedrolamet.com/2024/11/>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**: prolegomeni ad una metafisica della speranza. Torino: Borla, 1980.
- MARELLI, Samuele. **A passo d'uomo**: il pellegrinaggio come esperienza generativa. Milano: Centro Ambrosiano, 2022.
- MERTON, Thomas. **Diario de Asia**. Madrid: Trotta, 2000.
- TOLENTINO MENDONÇA, José. **La mistica dell'istante**: tempo e promessa. Milano: Vita e pensiero, 2015.
- VICENTE DE PAULO, São. **Correspondance, entretiens, documents**. Tome IX. Paris: Lecofre | Gabalda, 1925.
- TEPE, Valfredo. **O sentido da vida**: psicologia e ascese cristã. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

# PARA QUE O AMOR SE TORNE AMIZADE UNIVERSAL

Frei Johannes Joachim Maria Gierse, OFM<sup>1</sup>

**Resumo:** O propósito do texto é chamar à reflexão sobre as crises e polarizações sociopolíticas em nível nacional e internacional. Os leitores e as leitoras são convidados a sonharem novos horizontes e manterem viva a saudade de um novo mundo mais humano tecido pela amizade universal. Para o autor, os conflitos são causados pelas relações desequilibradas entre três sujeitos: o nós-minúsculo (tudo que se refere a categorias como nação, raça, religião) que se sobrepõe ao “eu” (o indivíduo) e ao “Nós-maiúsculo” (a unidade da família humana). A alternativa é que, movidos pelo Amor, possamos redimensionar as identidades secundárias do humano e resgatar as primárias: os valores da dignidade e dos direitos humanos, e o horizonte maior da unidade da família humana. Os cristãos são chamados a dar sua contribuição na transformação das relações vitais para atender aos atuais desafios da humanidade: a cultura da paz e não-violência, o novo modelo econômico e o cuidado da casa comum.

**Palavras-chave:** Conflitos. Violência. Amizade universal. Unidade. Eu e Tu.

## Uma criança nasce... e aí?

Uma criança vem à luz do mundo; os pais felizes postam a foto do bebê nas redes sociais. Outra vez

se manifesta o milagre da vida, como tantas outras vezes. A ONU estima que por dia nascem em média 211.000 pessoas no mundo.

---

<sup>1</sup> Frade Menor da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção (Maranhão/Piauí). Endereço para contato: johannesjoachimgierse@gmail.com

Mesmo sem memória do próprio parto, sentimos a vida como algo inexplicável quando vemos um bebê nascendo. O poeta bengali Tagore (1861-1941) afirma que “cada criança traz a mensagem de que Deus ainda não perdeu o interesse pelas pessoas”. E o salmista afirma: “O perfeito louvor vos é dado pelos lábios dos mais pequeninos, de crianças que a mãe amamenta” (Sl 8, 3).

E quando começa a vida humana? Certamente no segundo da fecundação, quando o espermatozoide encontra o óvulo. Tudo o que segue – ser tecidos no seio da mãe (Sl 138, 13) – é uma progressiva revelação. No dia de nosso aniversário celebramos este mistério: o dom da vida foi dado a mim. Portanto, ninguém escolhe sua personalidade, família ou nação.

No primeiro instante da vida interessam dados primários: nome, gênero, tamanho e peso; outras informações são posteriores: cor/raça (transmitida geneticamente pelo DNA dos pais), etnia e nacionalidade (adquiridas arbitrariamente), religião (determinada por um ato de fé dos pais). Porém, as características secundárias se tornam como decisivas! A pessoa é vista, antes de mais nada, um brasileiro, norte-americano ou chinês; como negro, branco ou índio; como muçul-

mano, budista, hindu ou cristão. Por outro lado, aquilo que todos os seres humanos têm em comum – ser amável, frágil-vulnerável, formado de corpo-espírito-alma, portador de sonhos e esperanças, mortal – isso fica em segundo plano.

Eis a causa dos crescentes conflitos violentos nacionais e internacionais: as relações desequilibradas entre estes três sujeitos: o “eu” + os “nós-minúsculo” (raça, nação, etnia, religião) + o “Nós-maiúsculo” (a unidade da família humana).

### “Estou no planeta errado?!”

Não são poucos os que se sentem desiludidos, desamparados, desanimados. A vontade é de ir embora por estar no planeta errado, já que muita coisa anda na contramão da unidade da família humana. – Eis alguns fatos mundiais e nacionais:

- Polarização cultural entre pessoas xenofóbicas e pessoas que defendem o socorro aos refugiados, a entrada de migrantes e a diversidade cultural;
- polarização político-ideológica cada vez mais violenta entre a (Extrema) Direita e a Esquerda/Centrão; aumento de regimes totalitá-

rios em detrimento de Estados democráticos;

- polarização geopolítica por causa da invasão da Rússia na Ucrânia, como ainda pelos conflitos militares no Oriente Médio e na África;
- polarização étnica (discriminação, racismo, antissemitismo);
- polarização socioeconômica mundial entre os 0,1% ricos e os 99,9% pobres favorecendo a aporofobia;
- polarização religiosa entre xiitas e sunitas; judeus ortodoxos e liberais; cristãos conservadores, evangélicos ou ortodoxos, e cristãos sinodais ou progressistas.

Parece que “as nações se enfureceram revoltadas” (Ap 11, 18). Na mente de muitos governantes e cidadãos/cidadãs reina a mentalidade nacionalista: “America first (again)”, “Brasil acima de tudo”. Os irmãos gêmeos do nacionalismo hegemônico são o (neo)imperialismo e o (neo)colonialismo político e econômico que negam o espaço vital de outros povos e nações. Trata-se da supremacia do nós-minúsculo em detrimento do “eu-indivíduo” e do Nós-maiúsculo. Mas, fuga e desespero não são a solução. Cabe a todos nós decidir o futuro da humanidade: ou destruição ou unidade da família

humana, tecida por uma amizade universal.

## A evolução histórica da *humani generis unitas*

Eis alguns momentos históricos relevantes – no mundo e na Igreja – na evolução da consciência de uma consciência humano-planetária:

- 776 a. C.: Olimpíada da Antiguidade entre as cidades da Grécia; era um festival religioso e atlético para celebrar a paz num mundo de guerras;
- 750 a. C.: O profeta Isaías tem a visão de que ao Monte da casa do Senhor acorrerão todas as nações (cf. 2, 2);
- 520 a. C.: O livro de Genesis trata de perguntas básicas: a criação do mundo e do ser humano como imagem e semelhança de Deus, a origem do mal e do fratricídio;
- Jesus de Nazaré prega o amor ao próximo que se concretiza na Regra Áurea: “Tudo quanto quereis que os outros vos façam, fazei também a eles” (Mt 7, 12);
- 1226 d. C.: Francisco de Assis, na Idade Média marcada por conflitos sócio-políticos, transformações econômicas e por uma Igreja

- que sustenta e retrata este sistema, deixa o legado da “fraternidade universal”;
- 1896 d. C.: Primeiros jogos Olímpicos da Modernidade (Atenas);
  - 1945/10 d. C.: Criação da Organização das Nações Unidas (ONU) para promover a cooperação internacional;
  - 1948/08 d. C.: O Conselho Mundial das Igrejas declara que os cristãos devem superar o nacionalismo e outras formas de divisão entre os povos (BEHS, 2023);
  - 1948/12 d. C.: A ONU declara os Direitos Humanos;
  - 1968 d. C.: Fundação do *Clube of Rome* reflete sobre o futuro da humanidade; relatório “Os limites do crescimento” que trata do “desenvolvimento sustentável” (1972);
  - 2000 d. C.: Publicação da Carta da Terra, uma declaração de princípios éticos para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica no século XXI;
  - 2015 d. C.: Encíclica do Papa Francisco *Laudato Si* sobre o Cuidado da Casa Comum”; a mensagem central é: “Tudo está interliga-

do” (LS 92, 120). A encíclica “Fratelli tutti – sobre a fraternidade e a amizade social” (2020) continua a reflexão.

Fica evidente que o sonho de uma família humana unida sempre habitou no coração da humanidade e foi principalmente aceso em meio ou após uma grande crise humanitária.

## Indicadores da unidade da família humana

O que justificaria a hipótese da existência de uma única família humana? (IMPULSGRUPPE..., 2016, p. 55-62). Uma resposta encontramos no pontificado de Pio XI (1922-1939), considerado o guardião do “dogma” da unidade da raça humana. Quando as ameaças do Nazismo eram inegáveis, publicou em 1937 a Encíclica “*Mit brennender Sorge*” (“Com ardente preocupação”) alertando contra a idolatria de raça, povo ou Estado, e enfatiza a validade dos Mandamentos “independentemente de tempo e espaço, de país e raça”.

Em 1938, quando os fascistas na Itália começam a perseguir os judeus, Pio XI afirma que “católico” significa “universal”, e não racista, nacionalista, separatista; e que o nacionalismo contradiz ao Credo: “Esquece-se que toda

a raça humana, é uma única e grande raça universal”. Ele encarrega os jesuítas John La Far-ge (norte-americano) e Gustav Grundlach (alemão antinazista) a elaborar uma encíclica que aborde as temáticas do racismo, antissemitismo e nacionalismo. O título da encíclica seria *Humani generis unitas*; sua minuta trata das seguintes indicadores da unidade da raça humana:

- **Indicadores naturais:** a experiência humana em geral (casar-se além das fronteiras alienantes, dançar e trabalhar juntos, aprender línguas e muito mais); as ciências sociais e a filosofia;
- **indicadores religiosos:** a doutrina da revelação fala da criação do homem e do pecado original, da encarnação e redenção;
- **indicadores culturais e vitais:** as pessoas podem aproximar-se além dos tempos históricos, bem como além das fronteiras nacionais, culturais ou linguísticas, e especialmente pela prática da hospitalidade;
- **indicadores “ecológicos”:** embora o termo não tenha sido usado, o argumento é que todas as pessoas têm o mesmo habitat debaixo de seus pés.

Após a morte de Pio XI (10 de fevereiro de 1939), o projeto da nova encíclica não foi pra frente.

## A correlação: dignidade humana – direitos humanos – família humana

O filósofo alemão-israelense Omri Böhm (2024), professor em Nova York, EUA, afirma no seu recente livro que somente um “Universalismo radical – Além da identidade” (eis o título) poderá superar os conflitos atrelados a interesses de identidade. Afinal, todas as pessoas têm a mesma dignidade, os mesmos direitos e deveres independentemente de sua identidade.

Portanto, a unidade da família humana está alicerçada em dois valores éticos: a dignidade humana e os direitos humanos. O que é dignidade humana? A definição tem a ver com a pergunta: O que é a pessoa humana? O próprio ser humano toma consciência que se diferencia dos outros seres por ter algo “a mais”: a dignidade, que é uma qualidade inerente. Só pelo fato de ter nascido e integrar o gênero humano, a pessoa já é detentora desta dignidade e torna-se credora de igual respeito por parte de seus semelhantes – somos todos irmãos e irmãs.

Na perspectiva espiritual, a dignidade humana recebe um salto qualitativo: “Deus criou o homem segundo a sua imagem e semelhança” (Gn 1, 26). Aos olhos da fé, a dignidade é dada por Deus não somente por ter nos criado, mas também por ter nos criado assim como Ele mesmo é.

Mas, não há dignidade sem a garantia de viver dignamente. O respeito aos direitos humanos é uma consequência lógica, declarado universalmente e garantido legalmente:

O preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU (1948) diz:

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo;

Considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos do Homem conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade;...

A Constituição da República Democrática da Alemanha (1949), Artigo 1, afirma:

(1) A dignidade do ser humano é inviolável. Respeitá-la e protegê-la é compromisso de todo poder estatal.

(2) Por isso, o povo alemão reconhece os direitos humanos invioláveis e inalienáveis como o fundamento de qualquer comunidade humana, da paz e da justiça no mundo.

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988), Título I (dos Princípios Fundamentais) - Art. 1º, assim se expressa:

A República Federativa do Brasil...constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I – a soberania; II – a cidadania; III – a dignidade da pessoa humana...

A dignidade e os direitos humanos são invioláveis e inalienáveis, e torna a todos “iguais” formando uma única família humana. Qualquer violação ofende toda a família. A judia-alemã Margot Friedländer (102 anos), sobrevivente do holocausto, explica a essência do ser humano assim: “Não há nenhum sangue cristão, nenhum sangue muçulmano ou judeu. Somos todos iguais” (SOBREVIVENTE..., 2024).

## “Tamo juntos no mesmo barco”

Estamos remando no mesmo barco. Neste sentido, a seguinte prece contida na Liturgia das Horas é bem sugestiva: “Fazei que todos os seres humanos respeitem

tem a dignidade de seus irmãos e irmãs, de acordo com a vossa vontade, a fim de que, todos juntos, respondam com generosidade às mais urgentes necessidades do nosso tempo”.

Quais são as mais urgentes necessidades atuais?

## Cultura da paz ou da não-violência

A visão de Isaías há de ser nosso Credo: “Uma nação não se armará mais contra a outra, nem haverão de exercitar-se para a guerra. Das espadas farão relhas de arado e das lanças forjarão as suas foices” (Is 2, 4). Jesus de Nazaré há de ser nossa medida: amar nossos inimigos, rezar pelos que nos perseguem (cf. Mt 5, 44) e promover a paz para ser filhos de Deus (cf. Mt 5, 9). Quem segue a Jesus não tem alternativa: há de romper com o círculo vicioso da violência combatendo o crescente militarismo, o armamentismo popular e as agressões verbais (racismo, intolerância, múltiplas formas de fobias).

A Primeira Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas (1948) declarou a incompatibilidade entre fé e guerra: Deus não quer que haja guerra! É possível realizar essa vontade divina! Nós temos a capacidade humana da

amizade: ela sempre era a prova de fogo que nos protegeu contra o fracasso catastrófico da fraternidade e do abuso grotesco de ideias abstratas em relação à resistência armada e à autodefesa. (BOEHM, 2024) Eis dois exemplos: Alemanha e França se odiaram ferrenhamente; hoje cultivam amizade, graças ao empenho daqueles que na política, cultura e religião plantaram as sementes da tolerância, do bem-querer e do diálogo. O mesmo acontece entre israelenses-judeus e israelenses-árabes, entre israelenses e palestinos que não obstante à guerra cultivam relações fraternas. Jamal Alden, um refugiado sírio-muçulmano que vive com sírios-cristãos, diz: “Temos uma única terra. Temos um único Deus. Nós todos temos que viver em paz”. A questão não é onde nós nascemos, mas o que guardamos na nossa mente e no nosso coração!

## Novo paradigma econômico

Sem dúvidas, houve um forte crescimento da economia e um gigantesco avanço do progresso técnico nos últimos cem anos. Também, não há dúvidas de que, essa riqueza e todo o progresso técnico, não só não resolveram problemas fundamentais da humanidade como serviram para agravá-los, aumentar de forma brutal as

desigualdades sociais e piorar as condições de vida no planeta. (CNBB, 2024)

Urge romper com os velhos dogmas político-econômicos e buscar a “Economia de Francisco e Clara”. Os “limites do crescimento” são conhecidos, mas somente as consequências da crise climática revelam a contradição do capitalismo: propriedade privada, concorrência, lucro e mercado. O capitalismo não realiza a mudança necessária.

Uma política livre de interesses antagônicos, pode organizar as mudanças que conjugam um modelo de bem-estar para todas as pessoas através do crescimento solidário-sustentável e o rompimento com aqueles setores que contribuem para o aquecimento ou gastam recursos naturais que servem apenas a uma minoria. Não é fácil dizer “não” à economia que mata, pois a sociedade quer uma vida “normal” que nunca mais haverá. (KESSLER, 2023).

## Cuidado da Casa comum

A Casa comum é *a priori* aos humanos e *sine qua non*. Portanto, a integridade da Casa Comum é anterior e superior a todas as diferenças e divergências culturais, étnicas ou religiosas. “Tudo está interligado e ninguém se salva sozinho” (Papa Francisco).

A indústria bélica que consome recursos financeiros imensuráveis, destrói as bases vitais de centenas de milhares de famílias e aniquila o direito humano de usar os bens terrenos (Papa Pio XI), como ainda o capitalismo que lucra pela exploração dos recursos naturais e humanos: tudo isso nos levou ao ponto sem retorno.

A educação e espiritualidade ecológicas que visam a maturação de novos hábitos é uma necessidade urgente! O santo remédio contra o desamor, a divisão e o medo é o Amor que gera confiança e unidade, pois o realmente real é o Amor que transcende todas as realidades conflitantes e nos convida a uma resposta jubilosa (MANNING, 2010, p. 201). Dito com a canção da Legião Urbana: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã. Porque se você parar pra pensar, na verdade não há”.

## Repensar as relações: eu + nós + NÓS = AMOR

Repensemos as relações presenciais e virtuais do meu (pequeno) “eu” em relação com os nós-miúsculos e o Nós-maiúsculo! As mesmas relações humanas que às vezes podem parecer confusas ou conflitivas, também podem se tornar um momento de graça para

tecer com Amor novos horizontes. Afinal, o caráter relacional “Eu e Tu” está no DNA da nossa vida, impresso em nós pela Trindade desde a nossa concepção.

O filósofo Martin Buber (1878-1965) explica que no início está a relação “Eu e Tu”, toda a vida verdadeira é encontro. Eu sou meu próximo com o qual vivo em sociedade, eu sou o ambiente com o qual formo a terra viva. Esta visão da vida à luz da alteridade encontramos em muitas culturas: a palavra *Ubuntu* (idioma zulu) significa “Eu sou porque tu és”. E tem mais! Um encontro no amor é um encontro com “um ‘tu’ que refilete o amor divino” (AL 12).

No século passado, adquirimos tanto poder que guardamos o futuro da terra e sua vitalidade vulnerável em nossas mãos inseguras (SCHEFFER, 2023). Portanto, chegando ao ponto-sem-retorno, o Amor (ou a dor) nos impele a repensar nossas relações interpessoais, internacionais, globais e espirituais. – Eis algumas pistas:

**Relação eu + Nós-maiúsculo:** “Eu” não sou uma peça na engrenagem deste mundo. Vivo nos nós-minúsculos e no Nós-maiúsculo, e estes vivem em mim! Cabe a mim ser um elo entre os “nós-secundários” e o Nós-primário. Eu posso “revigorar a consciência

de que somos uma única família humana” (LS 53), eu posso reconhecer a interdependência e valorizar a unidade na diversidade; enfim, pensar mais na “catolicidade” embutida na vida, do que fixar-me nos nós-minúsculos.

O lugar propício para se tornar um cidadão com amizade universal é o convívio familiar e comunitário desde que “nasce a criança”. Em família adquirimos consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos (LS 202); em família nos prevenimos contra a globalização da indiferença. O único desafio que fica é equilibrar o pensar-globalmente com o agir-localmente:

É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós... Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspectiva mais ampla (EG 235).

**Relação eu + nós-minúsculos:** Eu sou cidadão/cidadã de uma nação, membro de uma religião ou visão cosmo-política. Isso é inquestionável. O problema começa quando cultivamos mentalidades hegemônicas, excludentes, coloniais ou discriminatórias. Cabe à família, à escola e às religiões serem vigilantes educando para a aquisição de um senso

crítico que salvaguarda o Estado democrático de Direito: contra as polarizações e radicalizações, contra o fundamentalismo ideológico e religioso (Deus-Pátria-Família), contra “mais armas” como se fossem a solução dos conflitos. O oposto do analfabeto político (Bertold Brecht) é o cidadão que não é alienado no que se refere às coisas públicas.

**Relação nós-minúsculos + Nós-maiúsculo:** Embora a relação entre os nós-minúsculos (Estado, religião, etnia, raça) e a família humana pareça fugir do nosso alcance, ela está presente no nosso dia a dia. É nas decisões do cotidiano que exerço minha influência: O que e onde compro? Como me alimento? O que faço com o lixo? Que transporte uso? Onde me informo? O que converso? Onde me engajo? Em quem eu voto? Em que Deus acredito? De que Igreja participo?

Nas organizações globais há necessidade de profundas mudanças: a ONU e o Conselho de Segurança precisam de um novo formato. “Urge a presença de uma verdadeira Autoridade política mundial” (LS 175). O privilégio dos Estados ao “veto” deve ser abolido, para que as decisões adquiram valor obrigatório, como no caso da Corte Internacional de Justiça (Tribunal de Haia) e da Conferência das Partes (COP).

A missão dos cristãos entre: eu + nós + Nós

Nos séculos I a III, as comunidades cristãs se esforçaram a explicar para as culturas contemporâneas a relevância de Jesus Cristo; hoje a pergunta é: como ser cristão/cristã com uma consciência coletiva da unidade da família humana? A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, já no início, define a íntima união da Igreja com a família humana:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. (n. 1).

Se os cristãos despertassem para “o valor e a beleza da fraternidade humana, promovendo e fortalecendo os vínculos da amizade social, para que, em Jesus Cristo, a paz seja realidade entre todas as pessoas e povos” (objetivo geral da CF 2024), o mundo melhoraria. Mas, isso requer envolvimento na sociedade civil, apoio aos movimentos populares e luta cooperadora por políticas públicas.

O poder de Deus não é uma onipotência que vira o destino com mão mágica; é o poder do amor e da compaixão agindo no mundo. A ressurreição acontece nas mudanças pelas quais as pessoas lutam em mutirão. Deus acontece quando as pessoas reconhecem, aceitam e cuidam das conexões com outras pessoas e seres vivos. Um exemplo: na África do Sul, uma jovem cristã trabalhou na década de 80 contra o regime do *apartheid*. Ela reuniu jovens, em grupos leu a Bíblia, visitou amigos na prisão e organizou a vizinhança fazendo visitas nas casas e rezando juntos. Isso nos ensina que o sentido da vida surge quando entramos em contato com o outro e não nos refugiamos na felicidade privada ou na resignação (FLEISCHMANN, 2023).

A fé cristã não pode se confiar em ritos; ela é seguimento ao Mestre que foi ao encontro das pessoas periféricas, soube escutar e deixou o legado do Bom Samaritano como “dogma” da *generis humani unitas* – o Nós-maiúsculo, pois este é o sonho do Pai.

## Quando nasce uma criança

Quando nasce uma (única) criança, nasce a pessoa humana na sua individualidade e na cole-

tividade da família humana. Mas, não somente o nascimento nos torna iguais em dignidade, como ainda a vida que segue até na hora da morte: “Nu sai do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá” (Jó 1, 21).

Somos iguais, do primeiro até o último instante da nossa vida; e entre estes dois momentos temos este punhado de tempo e essa pequena Casa comum. Os nós-minúsculos dos Estados, das religiões e etnias são relativos, uma mediação que hoje pode existir e amanhã não mais ou vice-versa, pois as mudanças são constantes. Valor primário e absoluto são cada eu-indivíduo e o Nós-maiúsculo entre os quais há laços vitais estreitos e inalienáveis, e dos quais geralmente não nos damos conta.

Essa reflexão também não deu conta de abordar sistematicamente os desafios da humanidade e indicar soluções; o objetivo era apenas fazer você sonhar, vislumbrar novos horizontes e manter viva sua saudade de um novo mundo (mais) humano. E na próxima vez, quando nascer uma criança, você é convidado/a a re-nascer também tornando-se como as crianças que alegres gritam: “Cantai louvores ao Senhor, todas as gentes, povos todos, festejai-o!” (Sl 116, 1).

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. No seu dia a dia, como você lida com suas relações entre eu + nós + Nós?
2. Como são vistos e tratados o “eu-indivíduo” e a unidade da família humana num Estado democrático e num Estado totalitário?
3. Porque será que a maioria das pessoas toma facilmente posição para um lado num conflito, em vez de se comprometer com a humanidade e humanização?
4. Quais elementos ou argumentos desta reflexão ajudam a “alargar o espaço da tua/nossa tenda”?

## Referências

- BEHS, Edelberto. Conselho Mundial de Igrejas comemora 75 anos de existência numa Europa em guerra. **IHU Online**, 28 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629983-conselho-mundial-de-igrejas-comemora-75-anos-de-existencia-numa-europa-em-guerra>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- BOEHM, Omri. **Tagesthemen**, 20 de março de 2024. Disponível em: <https://www.ardmediathek.de/video/tagesthemen/tagesthemen-22-15-uhr/das-erste/Y3JpZDovL3RhZ2Vzc2NoYXUuZGUvYzdhZTk4YzktZGF1Yi00Y2E-2LWJjZDMtNjhjNmFiMzdlZWm3LVNFtKRVtKdTVkIERU8> Acesso em: 26 jul. 2024.
- CNBB. Grupo de Análise de Conjuntura. **Precisamos falar de outra economia**. Brasília, 1º de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aszgqst7Gvsm942fSyMqwBbtpXm4MhWe/view> Acesso em: 25 jul. 2024.
- CORREA, Alan. Sobrevivente do Holocausto na Capa da Vogue Alemanha. **Fusne**, 21 de junho de 2024. Disponível em: <https://fusne.com/sobrevivente-do-holocausto-na-capa-da-vogue-alemanha-aos-102-anos-margot-friedlander-faz-historia.html> Acesso em: 25 jul. 2024.
- FLEISCHMANN, Christoph. Gott ereignet sich. **PUBLIK-FORUM**, n. 08, p. 14-16, 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Amoris Laetitia**. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o Amor na Família. São Paulo: Paulus, 2016.

- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo, Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o Cuidado com a Casa Comum. São Paulo, Paulinas, 2015.
- GAUDIUM ET SPES. Constituição dogmática sobre a Igreja no mundo atual. Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html) Acesso em: 25 jul. 2024.
- IMPULSGRUPPE „one human family“. **Wie die Menschheit eins ist – Die katholische Lehre “*Humani generis unitas*”**. Düsseldorf, Onomato, 2016.
- KESSLER, Wolfgang. Abschied vom billigen Wohlstand. **PUBLIK-FORUM**, n. 04, p. 29-31, 2023.
- MANNING, Brennan. **O Evangelho Maltrapilho**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- PIO XI. **MIT BRENNENDER SORGE**. Carta Encíclica Del Sumo Pontífice sobre la situación de la Iglesia Católica en el Reich Alemán. Roma, 14 de março de 1937. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_14031937\\_mit-brennender-sorge.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge.html) Acesso em: 27 jul. 2024.
- SCHEFFER, Ulrike. Was da kommen mag. **PUBLIK-FORUM**, n. 01, p. 16, 2023.

## VII Seminário de Religiosos Irmãos



# Irmãos, Peregrinos da Esperança Profetas da Fraternidade

“Se eles se colarem,  
as pedras falarão”

Lc. 19,40

-Cruz-Lima-

# PARTICULARIDADES DAS MOTIVAÇÕES VOCACIONAIS À VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Ir. Teresinha Mendonça Del'Acqua, OSF<sup>1</sup>

**Resumo:** A diversidade e complexidade das motivações vocacionais de consagradas e consagrados é abordada a partir de aportes da psicologia e da teologia. Acolher as pessoas dentro de seus contextos e estar atento às motivações conscientes e inconscientes que perpassam as escolhas de candidatos, formandos e recém-professos é tarefa inerente ao ministério da animação e do acompanhamento na Vida Religiosa Consagrada. Trabalhar as sombras que todos trazemos é missão de cada um que deseja consagra-se para perceber os boicotes que, por vezes, infringimos a nós mesmos. As motivações que nos mobilizam são atravessadas pelo dinamismo da afetividade e sexualidade. Para tal empreitada o presente artigo nos convida a práticas saudáveis tendo como a principais o cuidado com as pessoas que animam e acompanham os processos de discernimento vocacionais e formativos. Reconhecer, como aponta Francisco, que “tudo que está interligado” e que é necessário um processo de continua conversão.

**Palavras-chave:** Motivações vocacionais. Humano contextualizado. Auto boicotes. Ações proativas.

## Introdução

No intuito de colaboração nas reflexões a respeito das motivações vocacionais e as armadilhas

do ego humano, ousou aproximar-me dos meandros da temática e elencar alguns elementos e dinâmicos sutis e delicados a respei-

---

<sup>1</sup> Religiosa Franciscana. Bacharel em Psicologia. Mestra em Ciências Ambientais e Saúde. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: teresinhamendel@gmail.com

to. Meu lugar de fala é a partir de numerosas décadas como psicoterapeuta, docente em institutos de formação de futuros religiosos e padres, orientadora de retiros, facilitadora de grupos e capítulos congregacionais, acompanhante espiritual, colaboradora em casa de formação e em outras instâncias de cultivo intelecto-psíquico-espiritual

Não raras vezes pessoas desistem da Vida Religiosa Consagrada (VRC) pouco tempo após o período de formação inicial ou com poucos anos após a ordenação. Diante destes fatos, ecoam várias reações, lamentos e questionamentos, tais como: “Apostamos tanto e deu no que deu! ”. “Onde a Congregação falhou?”; “A pessoa parecia tão entusiasmada, mas, de repente deu no pé!”; “Gastamos um dinheirão e levamos na cabeça!”; “Quanta cegueira foi a nossa a ponto de não nos darmos conta do teatro!”

Fato é que toda pessoa possui múltiplas dimensões, conscientes ou inconscientes, interconectadas de maneira harmônica, fecunda e crescente ou conflitada, não raras vezes negadas e camufladas por falta de oportunidades, devido a contextos estruturais e circunstanciais ou por necessidade de sobrevivência. Para Carl Gustav Jung (apud SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F., 1988.

p. 204-206) toda pessoa possui uma sombra, ou seja, o lado oculto da personalidade caracterizado por elementos não reconhecidos, sejam eles positivos ou negativos a um desenvolvimento integral saudável e consciente. Na medida em que tal sombra é trabalhada ela se integra no todo da personalidade tornando-se assim um disparador de potencialidades vitais para a própria pessoa e para outras pelo processo de reverberação.

Quando a sombra não é trabalhada e fica inconsciente, ela manifesta seus conteúdos através de imagens, símbolos, fantasias, metáforas, atitudes e comportamentos impróprios à idade ou ao estado de vida escolhido pela pessoa. Pelo seu próprio dinamismo a sombra pode motivar decisões, muitas vezes não óbvias e com sentido à uma lógica histórica-racional que podem surpreender até a própria pessoa. Em certos casos a pessoa toma consciência que se autosabotou sustentando-se sobre ilusões e torna-se sem sentido e insustentável a escolha. Daí a importância de um autoconhecimento gradual e o acompanhamento desde o processo de animação vocacional e, posteriormente, no decorrer das sucessivas etapas de formação por profissionais idôneos e competentes que possam

auxiliar a pessoa a encontrar-se verdadeiramente.

Lamentavelmente, tenho testemunhado numerosos autosabotagens cristalizadas e inamovíveis pelas resistências de certas pessoas consagradas que preferem contentar-se com migalhas de compensações superficiais do que confrontarem com a própria verdade. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. (Jo 8, 32)

## Pessoas reais

Ao consideramos o contexto sistêmico atual e suas múltiplas e impactantes influências sobre as pessoas que buscam a VRC, independentemente da idade, torna-se um imperativo abordar alguns elementos e dinamismos boicotadores e ou dissonantes a um estilo de vida de oblatividade e vocação ao Amor, na convivência humana fraterna-sororal, solidária, dialogal, sem fronteiras e a uma vivência de um compromisso radical com o Jesus do Evangelho e com o seu projeto de vida.

O primeiro vilão é a autorreferencialidade, companheira fiel da auto idolatria e da alterofobia. Outro elemento de grande relevância é a cultura da autossuficiência, da provisoriidade, do consumo e da descartabilidade que

caminha de braços dados com a ganância, a concentração de bens e os apegos materiais e afetivos. Inegáveis são os impactos do hedonismo erotizado, ou seja, a busca do prazer pelo prazer sem se importar com os meios e as consequências. Brutal tem sido a cultura midiática, com numerosos influenciadores digitais propagadores do “mundanismo espiritual” (EG nº 92) da exaltação, de modo direto ou sutil, da violência, do culto às armas, da insensibilidade, indiferença, divisões, discriminações, ódio, princípios éticos personalistas e do poder exercido de forma opressora, manipuladora, barganhadora e excludente. Impactante também tem sido o desprezo dos bens e dos espaços comuns, a naturalização do conceito de progresso como sinônimo de depredação, sangramento e de saqueamento da Casa Comum.

Embora não desejando elencar uma exaustiva lista de outros elementos que caracterizam a atual cultura, pouco cristã, outros elementos não podem ser omitidos, nessa nossa reflexão. A religião e a Sagrada Escritura têm sido usadas como ofertas de consumo, de bem-estar pessoal e bandeira ideológica. Deus tem sido utilizado como um ser manipulável e barganhador de favores. As pessoas têm sido bastantes individualistas, personalistas e egocên-

tricas, geralmente se associam a *fake news* em detrimento da dimensão comunitária, do pertencimento criativo e corresponsável a uma Congregação. O ser humano tem sido considerado como mercadoria de oferta, compra, venda, uso, descaso, descarte etc. Inumeráveis têm sido as exclusões e as violências interculturais, intergeracionais, históricas, ideológicas, estruturais, sistêmicas, sexuais, intelectuais, de gênero. Abusivas são muitas relações de poder e de consciência, afetiva e sexual com o aumento do clericalismo em nossa Igreja. Como causas de muitos suicídios, mortes e disparadores de distúrbios emocionais e mentais destacam-se as discriminações, os preconceitos e as perseguições alterofóbicas como a aporofobia, a xenofobia, a homofobia, a transfobia e a misoginia.

Importante e vital é levarmos em conta que, se nós, já com certa maturidade e senso crítico, somos impactados, impregnados e motivados por muitas dessas características que nos impelem a um discernimento cotidiano, muito mais vulneráveis e bombardeadas estão as pessoas que buscam um sentido vocacional. Por terem nascido e crescido enraizadas no presente cultural que caminha na contramão dos valores cristãos e de certos requisitos específicos da VRC torna-se muito mais comple-

to o processo de discernimento quanto às motivações vocacionais, tanto para as pessoas que buscam um discernimento vocacional quanto aos membros do Serviço de Animação Vocacional (SAV).

## O poder sutil das lacunas das necessidades humanas básicas

A partir de 1943, as pesquisas de Abraham Maslow (SCIMAGO..., 2019) sobre as necessidades humanas básicas numerosos outros estudos, pesquisas ênfases e constatações vêm se desdobrando sobre o seu dinamismo em diferentes âmbitos. Tais necessidades são inerentes a todo ser humano, contudo, cada pessoa as vivencia em níveis e intensidades diferentes, dependendo da idade, nível de maturidade, integração psicoafetiva e do contexto familiar, sociocultural, econômico e religioso em que a pessoa se encontra inserida. Fato é que, as satisfações das necessidades básicas do ser humano, fortemente motivam atitudes, comportamentos, decisões e o processo de desenvolvimento e de realização humana, porém nem sempre de modo intencional e consciente. Quanto menos satisfeitas no processo de desenvolvimento humano maiores serão as consequências na vida adulta,

tanto a nível pessoal quanto social.

Considerando as motivações vocacionais inconscientes impulsionadoras de escolhas da VRC torna-se pertinente termos em mente que no contexto atual tão saturado por informações de fontes contraditórias, na cultura da pressa, do automatismo, do barulho, de “espiritualidades *lights*”, de critérios voláteis. Sugiro que seja aguçada nossa atenção quanto à força disparadora das motivações inconscientes, alicerçadas também em necessidades básicas não satisfeitas, contudo, humanamente legítimas, embora incongruentes e frágeis para sustentarem a pessoa num estilo de vida comunitário, alicerçada na fé cristã e comprometido com as expressões de carismas específicos.

Como nosso foco não é uma abordagem científica, mas trazer à baila elementos constatáveis no processo de vivências no contexto da VRC com o objetivo de ampliar nossa compreensão de certas atitudes e comportamentos, deixamo-nos interpelar pelas ações proativas e qualitativas, para abordar as necessidades básicas agrupadas em cinco grandes grupos, em ordem de prioridade e com breves ilustrações, ou seja: necessidades fisiológicas, de segurança (interna e contextual), sociais

(amar, ser amada, proximidade, vínculos, pertença), status-estima (reconhecimento, valorização) e autorrealização (desenvolvimento pessoal, espiritual).

No decorrer de minha longa jornada de acompanhamento e colaboração diversificada e contínua nos meios eclesiais, especialmente no âmbito da VRC, tenho constatado muitos auto boicotes, uma anêmica vivência autêntica e processual das respostas vocacionais. São facilmente identificáveis as consequências das lacunas das necessidades sociais e afetivas básicas não satisfeitas, não trabalhadas e não integradas na vida adulta. Por considerar pertinente, exemplifico algumas: as vinculações superficiais e ocasionais; os vínculos de pertença frágeis e dependentes de gratificações e barganhas; a busca de segurança e amparo institucionais; pessoas pegajosas e ou afetivamente co-dependentes; afetivamente mais cuidadoras de animais do que dos membros da própria comunidade; apegadas a cargos e funções associados a algo importante que denotam status, valorização e destaque, sobretudo pela aparência estética e midiática.

O ponto nevrálgico das motivações vocacionais inconscientes e veladas encontra-se no dinamismo da afetividade e da sexua-

lidade não sadias, muitas vezes negadas, conflituadas ou cicatrizadas por experiências traumáticas. Crescente também tem sido a incidência de identificação e refúgio em espiritualidades evasivas como uma espécie de antídoto ao sentimento de culpa e de vergonha. Sem incorrer em generalizações, por trás de certo fascínio pela grande disciplina, leitura moralista e fundamentalista dos textos sagrados, perfeccionismo exagerado, manifestações de rigidez extremada. Em tudo isso há fortes indícios de problemáticas de fundo afetivo-sexual.

Frequente também são as tentativas neuróticas de sublimação associada aos comportamentos de negação e censura à sexualidade e a práticas compulsivas de caráter pornográfico e de pequenos abusos compensatórios, alimentados e tolerados por convivências “fraternas” mórbidas. As pessoas que se ancoram em tais práticas ou em outras de semelhante natureza, necessitam de um clima de confiança seguro para que possam se revelar, e com muita frequência, necessitam profissional da área da psicologia para ter sustentabilidade o acompanhamento vocacional. As práticas de cultivo de espiritualidade, por mais cristãs e genuínas que sejam, não são suficientes para resolverem tais emaranhados psicosexuais e/

ou vinculados a algum distúrbio psiquiátrico. Fico por entender, como uma pessoa que pela “hipocrisia sincera” opta pela VRC e, se encontra tão aprisionada em significativa demanda do próprio processo humano conturbado, poderá conviver saudavelmente, em comunidade, trabalhar em equipe e focar-se na missão que lhe for confiada. Contudo, sei também que todo ser humano tem o direito de encontrar aqui na terra o local adequado para viver sua adesão a Cristo, em comunidade, na Igreja.

Com atenção empática e reverente verificamos que, o crescente número de pessoas que buscam o processo de discernimento vocacional, independentemente da idade e de experiências de vida são homoafetivas e outras tantas provenientes de diversas configurações familiares não convencionais. Dentre essas configurações temos as famílias homoafetivas, monoparentais, anaparentais, multiparentais (compostas pluralmente, mosaicas ou reconstituídas). E chegam a nós pessoas buscando um discernimento vocacional provenientes dessas experiências básicas. Irmãs e Irmãos, no contexto de mudança rápida do tempo em meio as turbulências em que nos encontramos, necessitamos ampliar as nossas tendas, segundo nos interpela o profeta: “Alargue o espaço de sua

tenda, estenda a lona, estique as suas cordas, finque as estacas.” (Is 54,2).

## **Práticas saudáveis para o acompanhamento vocacional**

Partindo da premissa de que toda pessoa é finita e dinâmica e que os paradigmas conceituais, estruturais e organizacionais são mutáveis e podem ser mais afinados com o Evangelho e, num modo mais sinodal, destacamos considerações relevantes e desafiadoras ao processo de adequação às exigências atuais.

Em primeiro lugar, a criteriosa escolha de pessoas idôneas e com formação integral, atualizada e contínua para o SAV. Vital é a importância de disponibilizar pessoas flexíveis, dialogais, capazes de acolher, ouvir incondicionalmente e que, pacientemente, saibam acompanhar de modo personalizado. Os ocasionais encontros entre os membros do SAV e a equipe de formação são oportunos para evitar posteriores disparidades de pareceres e de decisões. A manutenção das pessoas no ministério de animação vocacional e das acompanhantes no processo formativo por alguns anos, ameniza a dificuldade atual de estabelecer vínculos de confiança e favorece

um conhecimento mais profundo e o acompanhamento do processo dos membros.

Delicadíssimo, em segundo lugar, é o acompanhar com profundo respeito, ausência de julgamentos e rotulações, cautela e maturidade afetiva as pessoas vocacionadas que sofreram assédio ou algum abuso, especialmente sexual, ou que já tiveram práticas homoafetivas ou até praticaram aborto forçadas.

No atual contexto, com tantas ofertas de práticas de espiritualidade volátil, a percepção e o acompanhamento da evolução da experiência pessoal e sólida de Jesus Cristo e do engajamento eclesial são também fundamentais para um processo de discernimento e vivência vocacional consistentes.

Considerando que “os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas” (CV, n. 88), redobra a necessidade de perceber o grau de envolvimento pessoal dos/as candidatos/as e das influências sobre sua liberdade de escolha, a vivência de valores e quanto ao uso dos meios digitais de modo responsável e como meio de evangelização.

Crescente tem sido o número de pessoas adultas que buscam a VRC, fato que motiva atenção cuidadosa quanto suas motivações, muitas vezes dependentes da oferta de estímulos externos sensoriais, com pouco protagonismo pessoal, itinerantes por congregações e dioceses. Frutuoso é o envolvimento das pessoas em processo de discernimento vocacional em atividades e projetos que visem transformações sociais e ambientais tendo em vista que “os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, ...” (LS, n. 209).

## Considerações finais

Tendo pinçado alguns aspectos do atual contexto humano sócio cultural, econômico e religioso atual verificamos que eles favorecem uma “mediocridade espiritual” segundo Margaret Elleta Guider (2024, p. 269-292) e constituem um considerável desafio às pessoas em processo inicial de discernimento vocacional, às pessoas que as acompanham, aos métodos e às estratégias de acompanhamento vocacionais e formativos atuais. Sem dúvida fica evidente que o ministério de acompanhamento desde o SAV e no decorrer das sucessivas etapas de formação poderia ser um anti-

doto para um futuro, mais saudável, das pessoas consagradas na VRC e das Congregações.

Incontestavelmente, estamos imersos na interconectividade e disparidade de universos, ou seja, de paradigmas lineares e espirais, concepções e práticas fundamentalistas e outras segundo o modo de ser e de relacionar de Jesus de Nazaré. Todo o contexto mutante atual, nos interpela fortemente à uma intencional e adequada leitura dos sinais e a respostas cristãs e, por isso mesmo, clama por contínuas revisões e conversões sinodais, segundo nos apela o documento sinodal, “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão. Participação, Missão.” Igualmente toda a vida religiosa consagrada é convidada pela Conferência Latino-americana dos Religiosos (CLAR) a sermos “Sentinelas da esperança num lento amanhecer.” Por sua vez, a Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil, reforçando seu processo crescente de comunhão com a CLAR e seu vínculo eclesial escolheu para sua 27ª Assembleia Geral Eletiva (AGE) o tema: “Vida consagrada: sentinela de esperança em tempos de travessia”.

Irmãs e Irmãos, jamais esqueçamos que Jesus chamou pessoas vulneráveis, dispostas a fazerem processos e conversões e a quem

Ele quiz (Mc 3,13). Porém, cabe a nós não sermos pessoas ingênuas às tramas astuciosas e as ciladas de um ego humano ferido, mal-amado e com alto grau de insanidade. Abracemos nosso tempo como uma oportunidade que nos desafia a sermos mais proativos

e a utilizarmos os potenciais humanos e os recursos técnicos que se encontram disponíveis. Como pessoas peregrinas de esperança caminhemos, em conjunto, nos entreajudando e compartilhando saberes e constantes aprendizagens.

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. Com que seriedade e o quanto temos valorizado e investido nas pessoas que exercem o Ministério do discernimento Vocacional através do SAV e da Formação Inicial?
2. As pessoas que acompanham através do SAV possuem formação integral para esse ministério e são escolhidas segundo a idoneidade e possibilidade de acompanhar por um tempo razoável para a criação de vínculo de confiança e um conhecimento básico das pessoas buscam discernimento vocacional ou são pessoas que acompanham por não terem outras para tal Ministério?
3. As pessoas que acompanham através do SAV participam, periodicamente da Equipe de Formação e algumas participam da equipe formativa ou o ministério do SAV é desvinculado das etapas de formação?

## Referências

FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*. Exortação Apostólica aos jovens e a todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão**. São Paulo: Editoras Paulus/Paulinas. 2025.

GUIDER, Margaret E. Crise de fé e mediocridade espiritual – O perigo dos ambientes tóxicos. In: ZACARIAS, Ronaldo; TRANSFERETTI, A. José; MILLEN, M. I. de Castro (Orgs.). **Formação**. Desafios Morais. São Paulo, Paulus. 2024.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. Dicionário crítico de análise junguiana. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SCIMAGO Institutions Ranking. Hierarquia das Necessidades de Maslow: Validação de um Instrumento. Em: **Psicologia, Ciência e Profissão**. n. 39, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/X4Cm9CPhzCCSxzGfZ9TB-Vzh/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

# (DES)CAMINHOS VOCACIONAIS

## Processos de acompanhamento, de discernimento e o sim dado no presente da existência

Luiz Eleildo Pereira Alves<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo compartilhar reflexões sobre cultura vocacional tendo como foco a primazia sobre o processo de discernimento, aqui apontando como caminho-chave a vivência dos E.E inacianos, defendendo práticas que percebam as particularidades dos sujeitos, priorizando suas histórias, acreditando nos processos autopoieticos e entendendo o sim vocacional como processo discursivo mutável e carente de ressignificação e de trabalho constante para a permanência dos sujeitos em caminho de sentido. Para tal, recorreremos à Biologia da Cognição, bem como à nossa experiência pessoal como animadores vocacionais. Trata-se, no fundo, de uma partilha de reflexões que espera encontrar no leitor ressonâncias que ajudem a caminhar na atualização do trabalho de animação vocacional.

**Palavras-chave:** Vocação. Acompanhamento vocacional. Cultura vocacional.

### Contextualizando nossa reflexão

A Igreja do Brasil, por ocasião do 3º Ano Vocacional (2022-2023), provocou-nos a pensar vocação a

partir do que se vem chamando de “cultura vocacional”. Esse termo, muito difundido em discursos orais ou escritos, pode correr o risco de reificação, se não bem definido, e acabar caindo no mal de

---

<sup>1</sup> Noviço da Província da Companhia de Jesus do Brasil. Doutor em Linguística Aplicada. Contato: eleildo@gmail.com

“vestir com remendo novo roupa velha”.

Defendemos que semear uma cultura vocacional implica mudança de olhar sobre os sujeitos vocacionados, dispondo-se a um “cultivo vocacional”, que provoca o olhar crítico sobre a realidade. Para isso, é essencial bases de animação vocacional que defendam a autonomia e desloquem as pessoas das margens do processo para o centro, não correndo o risco de um neantropocentrismo, uma vez que se busca esse olhar *pari passu* com a dimensão do desenvolvimento da vida espiritual, viabilizando caminhos de integração.

Os argumentos que expomos neste texto estão arraigados no que se tem pensado contemporaneamente sobre sujeito e sobre aprendizagem. A Biologia da Cognição, por exemplo, entende que nossos processos de existir não acontecem como consequências de reprodução de comportamentos externos do meio, mas como respostas interiores, resultantes de um processo criativo, autopoietico (MATURANA; VARELA, 1996), demanda interior dos seres vivos. Insistimos, a partir desses autores, que “viver é conhecer” (1996, p. 201) e conhecer é prática autônoma (ALVES, 2021).

Sobre tal necessidade – a de “agir por mão própria” –, ensinou-

-nos Jesus no episódio em que se encontra com aquele cego (Lc 18, 35-41), que tanto O buscava. Pergunta-lhe: “Que queres que eu te faça?”. O papel do(a) acompanhante vocacional que está alinhado ao paradigma de uma nova cultura vocacional é preparar jovens que saibam responder com criatividade a essa pergunta.

Por isso, não nos bastam determinismos ou olhares superficiais sobre a vocação como resposta imutável, independente do tempo, dos lugares ou das pessoas. Importa um olhar realista, profundo. Nesse sentido, os Exercícios Espirituais Inacianos (E.E.), oferecidos em diferentes modalidades – 30, 8 dias; na Vida Cotidiana (EVC); para jovens; em módulos etc. –, são caminhos concretos que podem provocar deslocamentos criativos que colaborem no processo de discernimento, a fim de provocar uma resposta criativa, um “sim” enquanto ação performática frente a um fazer no mundo (AUSTIN, 1975).

Dessa feita, este escrito direciona-se a animadores(as) vocacionais e tem como objetivo compartilhar reflexões sobre cultura vocacional, tendo como foco a primazia sobre o processo de discernimento, aqui apontando como caminho-chave a vivência dos E.E. inacianos. Além disso,

aqui são defendidas práticas que percebam as particularidades dos sujeitos, priorizando suas histórias, acreditando nos processos autopoiéticos e entendendo o sim vocacional como processo discursivo mutável e carente de ressignificação e de trabalho constante para a permanência dos sujeitos em caminho de sentido.

## Aprofundando o que pensamos

No início dos E.E, afirma-se que “o ser humano é criado **para** louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor, e assim salvar a sua alma” (E.E, n. 23). Tal declaração provoca o Ser criado a perceber-se no âmago do projeto criativo de Deus. Sendo, no presente, continuidade integrante, ativa, não apenas “coisa feita”, mas **feita para**. Há um agir implicado nesse existir.

Pensar a vocação é, de certa forma, pensar em **como agir**. Qual a melhor forma de viver esse **para**, tendo como elemento balizador dessa ação sobre o mundo o fim último do projeto criador de Deus: a nossa própria salvação (“...E assim salvar-se” [E.E, n.23]).

Olhar para os caminhos que se podem trilhar no percurso da vida a fim de se chegar a tal fim é lidar

com escolhas, pois são muitas as setas existenciais e as propostas de vida que nos apontam um e outro projeto de vida aparentemente interessantes, coerentes e que nos fazem chegar à tal felicidade. Felicidade que, por sua vez, é uma categoria tão reificada nos tempos atuais e que sofre grave crise de perda de sentido, seja pelo *coachismo* de plantão, seja pela crescente banalização do termo nas ilusões provisórias da virtualidade existencial do universo paralelo *instagramável*, onde tudo é perfeito e ideal.

Por isso, ajudar as pessoas a construírem projetos de vida, ou seja, a pensarem com seriedade e clareza sobre vocação implica oferecer ferramentas reflexivas e espirituais que proporcionem deslocamentos profundos a fim de favorecer uma reflexão que saia da aparente superficialidade dos temas. Nesse sentido, os E.E, preferência apostólica da Companhia de Jesus, têm sido, não só na atualidade, mas ao longo da história, rico meio de provocação, sobretudo, para a solidificação de processos de discernimento.

Logo no n. 91, o exercitante depara-se com o “Chamamento do Rei Temporal” e é provocado a contemplar um líder terreno “tão humano e tão liberal” de boas intenções e carismático, que assim se dirige a seus súditos:

Minha vontade é conquistar toda a terra de infiéis; portanto, quem quiser vir comigo, há--de contentar-se com comer como eu, e assim com beber e vestir, etc.; do mesmo modo há-de trabalhar comigo, durante o dia, e vigiar, durante a noite, etc., para que, assim, depois tenha parte comigo na vitória, como a teve nos trabalhos.” [EE, n. 93].

Depois, em contraste a esse líder, sugere-se contemplar a figura do Rei Eterno, Jesus Cristo, que faz a mesma proposta a seus súditos, mas cujo sacrifício possui acréscimo de doação:

Os que mais se quiserem afeiçoar e assinalar em todo o serviço de seu rei eterno e senhor universal, não somente oferecerão suas pessoas ao trabalho, mas ainda, agindo contra a sua própria sensualidade e contra o seu amor carnal e mundano, farão oblações de maior estima e valor...[EE, n. 97]

A prática do discernimento é característica da espiritualidade inaciana e advém do mergulho profundo que se faz no mar de si mesmo para perceber para onde os ventos do Espírito de Deus sopram e para onde desejam que nademos. Uma das principais características do discernimento inaciano é explicitada logo no preâmbulo da parte a quem se propõe a fazer uma eleição ou reforma de vida: “É necessário que

todas as coisas das quais queremos fazer eleição sejam indiferentes ou boas em si mesmas” (E.E 170). Depreende-se que discernir não se trata de “escolha” entre uma coisa boa e uma ruim, mas eleição, ou seja, fruto de reflexão crítica, livre, consciente.

O foco da matéria tende a ser espinhoso, porque toda decisão pesa sobre nós, mas talvez nos alivie pensar que o tempo inteiro estamos tomando decisões. Se não, as renovando, reformulando. Vejamos alguns exemplos que poderiam muito bem ser reais: Ana está inquieta quanto ao Curso que queria fazer na faculdade. Aprovada em duas universidades públicas, tem que escolher se vai realizar a matrícula em Enfermagem ou em Odontologia. Eduardo, apaixonado por suas turmas e pela escola onde leciona, tem de decidir, diante de uma nova proposta de emprego em uma escola na capital de seu estado, se vai permanecer no emprego atual ou se enfrentará a novidade da proposta. Antônio, recém-concursado do Tribunal de Contas da União, está profundamente inquieto e desejoso, depois de um tempo fazendo acompanhamento vocacional, de viver uma experiência com um grupo de religiosos jesuítas, o que demandará afastar-se do emprego e perder seu tempo de probatório.

Diariamente, as escolhas estão povoando nossa realidade, desde as mais banais – sorvete de pistache ou de baunilha? – até as mais complexas – Pobre Antônio! – No entanto, nem todas as respostas são fruto de discernimento, porque discernir é olhar com profundidade para o que me coloca diante do Centro da nossa existência. Discernir implica deslocamento. É processo autopoiético, em dizeres maturanianos. É algo que, depois de se viver uma experiência espiritual como a dos E.E, pode se tornar cotidiana, pois “nos ajuda a olhar a realidade com mais afinco, consciência, liberdade, responsabilidade e a fazer boas escolhas, querendo e desejando somente o que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados.” (LOPES, 2015, p. 99).

A escolha de Antônio sobre o seu projeto de vida não pode ser comparada à de um sorvete! Por isso, ele, Ana e Eduardo precisam encontrar uma resposta mais profunda para a pergunta: o que eu quero? No fundo, a raiz dessa pergunta é justamente outra: “para que fui criado?”

Ao chegarmos novamente a esse questionamento, pode parecer que estamos nos deparando com um movimento cíclico. No entanto, a comparação deve ser outra. Os processos autopoiéticos de “perturbação” e reequilíbrio

constantemente nos levam a um movimento de espiral. Vivemos nos deparando com situações semelhantes, mas as respondemos de forma diferente, porque nem situações nem nós somos os mesmos, isso porque já encontramos respostas anteriores que nos fazem passar de forma diferente pelos questionamentos emergentes no presente. Assim, é um processo evolutivo: não andamos em círculos, mas avançamos como se estivéssemos subindo uma escada em caracol que nos leva até o nosso propósito último.

Embora de naturezas e de profundidades distintas, as respostas dadas aos questionamentos, desde os mais mezinhos até os mais excepcionais, são ancoradas no aqui e no agora. Maturana recorre à expressão “presente cambiante” para dizer que nós, seres vivos, estamos constantemente lidando com um presente que não é estático, nem repetível. Dessa forma, nossas ideias, quando delas tomamos consciência, quando “descem ao nível da linguagem”, já o fazem em um instante já diferente daquele em que a provocação inicial aconteceu. O presente, tal como pensamos, só acontece discursivamente. O que temos mesmo é o constante câmbio do agora. Em algum nível o instante imediato já mudou.

Nem por isso vivemos uma incerteza angustiante, não! Há em nosso existir estabilidades próprias da nossa conduta de seres vivos. Sabemos, por exemplo, se gostamos de chocolate, ou não; e não é de uma hora para outra – desprezando aqui os fatores excepcionais – que rasgamos o bilhete do jogo de futebol que mais cedo compramos decididos a ir. O que Maturana quer nos dizer é que somos seres complexos (complexos, não – apenas – complicados! Ou seja, somos seres que vivemos em sistemas multirrelacionados) que não damos respostas prontas e definitivas às situações. O que temos como “resposta” manifesta é aquilo que refletimos tendo por base nosso julgamento do que consideramos ser “mais ou menos coerente” à nossa experiência presente. Assevera:

Quando escutamos uma proposição explicativa ou uma reformulação da experiência e a aceitamos como explicação, o que aceitamos não é uma referência a algo independente de nós, mas uma reformulação da experiência com elementos da experiência que satisfaça algum critério de coerência que nós mesmos propomos explícita ou implicitamente. (MATURANA, 1998, p. 47.)

Neste ponto do texto, o/a leitor/a talvez se questione: *ok*,

entendi a importância do discernimento inaciano para o processo do acompanhamento e do discernimento vocacional, mas o que têm a ver todas essas categorias da Biologia da Cognição com isso? Ora, talvez elas nos ajudem a pensar como compreendemos, no nosso trabalho vocacional os sujeitos vocacionados e como temos desenvolvido nossas práticas de animação vocacional.

Primeiro porque, se aceitarmos que viver não é lidar com certezas, mas com mudanças estruturais que acontecem no interior dos seres vivos, não faz sentido lidar com o trabalho vocacional que compreende as pessoas como predestinadas a um caminho ou formatadas a modelos que esperamos seguir determinados padrões prévios, que correspondam ao que idealizamos neste ou naquele modelo de vida. Provavelmente, a herança do nosso imaginário de predestinação vocacional ancora-se em algumas passagens bíblicas, como Salmo 22, no versículo 10: “desde o ventre materno fui consagrado a ti...”, ou a clássica passagem de Jeremias 1, 5: “Antes que te formasse no ventre materno eu te escolhi...”

Tais textos, guardadas suas belezas narrativas, ilustram uma predestinação vocacional e a ideia de que o **sim** dado ao projeto di-

vino não carece de uma constante ressignificação, reformulação explicativa ancorada na busca de coerência. Eis outro apelo emergente dos sinais dos tempos: práticas de animação vocacional que sustentem coerência entre o dizer e o fazer, que demonstrem aos/às jovens um projeto de vida menos romântico e mais “pé no chão”, crítico, a exemplo do que o/a exercitante é convidado/a a pensar no exercício do reino, como mencionamos adiante.

Imaginar que a resposta aos apelos vocacionais e o sucesso do trabalho de animação vocacional é um **sim** que ecoará para todo e todo o sempre é ilusório e pouco correspondente com a realidade das histórias vocacionais. Raras são as respostas imediatas ao chamado, sobretudo à vocação específica. Se escutamos testemunhos vocacionais de religiosos e religiosas, não faltarão falas de resistências, de descaminhos, desencontros... E quem poderá dizer que esses caminhos eram desnecessários ao processo de discernimento? A predestinação abre margem para a leitura conformista das motivações.

Pensemos na vocação de Samuel: uma criança que pouco entendia das coisas de Deus e que precisou de ajuda para discernir que a voz que o chamava era a voz

do Senhor (1Sm 3). Outro, Davi, estava no campo, apascentando as ovelhas. Em um primeiro momento, sequer foi cogitado para ser ungido como sucessor do rei de Israel. Mas foi a este jovem que Deus fez um chamado (1Sm 16). Aparentemente, Davi não tinha o perfil vocacional esperado. Não era jovem que correspondia aos “padrões vocacionais” para ser rei. Foi necessário Deus reforçar a Samuel que “não vê conforme as aparências, mas conforme o coração” (1Sm 16,11). Deus olha a nossa capacidade de processos de deslocamentos estruturais, de autopoiese. Também Maria viveu suas inquietudes na resposta ao chamado vocacional. Visitada pelo anjo, não aceitou passivamente tudo o que lhe revelara. Questionou: “como isso vai acontecer?”. Uma jovem de hoje diria: “Eu já tenho um projeto de vida, olha, eu sou noiva! Veja lá!...”. Só depois de avaliar a situação, a Mãe de Jesus disse: **sim**. Um **sim** no presente cambiante, que, antes de “descer para a linguagem”, passou por uma tomada de consciência.

Austin (1975) assevera que todo dizer implica um fazer no mundo, isso porque nossos enunciados não são meras palavras soltas ao vento, mas verdadeiros atos de fala, ações de palavra.

Contratos discursivos. Por isso alguém vai ao shopping às 19h se o outro amigo diz: “estarei lá às 19h”. Se dizer implica um fazer, o **sim vocacional** implica uma série de fazeres que se desdobram no fluir da existência e sobre os quais não temos pleno domínio. (O outro amigo pode não ir ao shopping, por exemplo, ou o programa pode ser uma furada... Filme ruim, lanche caro, congestionamento na volta...). Porém, quem pode prever tudo isso? Nossa resposta está mais condicionada: primeiro, à motivação que nos fez dizer sim primeiro; segundo, à capacidade de perceber as condições de coerência que não nos deixam perder essa motivação.

A palavra é uma janela de significações que vão sendo retextualizadas no constante existir humano. São metatextos (COSTA, MONTEIRO, ALVES, 2016; revisito em ALVES 2021): textos que construímos sobre outros e sobre outros... Por isso, nossos discursos e nosso fazer vocacional precisa alinhar-se a um fazer coerente e constantemente atualizável não só no discurso, mas também na prática. Isso é essencial para a manutenção da capacidade de ressignificação do **sim** de outrem. O trabalho de animação vocacional não é pontual, é continuado. Se é verdade que todos somos ani-

madores vocacionais, todos somos agentes de cultivo vocacional. Por isso, ainda que mudem os contextos, precisamos ter capacidade de operar de forma crítica sobre nossas coordenações consensuais de ação (MATURANA, 2001) de forma sintética: de refletirmos sobre acordos, consensos estabelecidos anteriormente, e ressignificá-los, avaliá-los, atribuindo a eles novo peso e valor na nossa dinâmica do existir.

O “sim vocacional”, na verdade, nunca é o mesmo, é mutável, porque é ressignificado. Isso porque os sujeitos biológica e discursivamente mudam. Por isso, o caminho dos Exercícios Espirituais, como começamos este texto expondo, são ferramenta essencial de discernimento nesse processo de ressignificação. A resposta que se vai dando ao “Chamamento do Rei Eterno” é uma resposta criativa, atualizada. Sempre contextualizada nos paradigmas emergentes do presente cambiante. Qual religioso nunca se questionou sobre sua vocação e, depois disso, adquiriu novo ânimo e vigor para sua caminhada? Qual casal, depois de uma crise, não pôde reavaliar a rota no presente da existência e dar um novo sim à promessa feita um dia?

Ninguém nasce formatado a ser profeta, ou professor, ou mú-

sico. Aprende-se, responde-se, vocaciona-se, através de um processo autopoietico, ou seja, de auto-construção. Sem pressão, entendendo que os dois reis são justos e dignos. Cabe a cada um saber o que parece mais necessário dizer como resposta no aqui e no agora, no presente em constante mudança, na realidade que é eterna, mas não imutável. Cientes de que esse sim instaura realidades e recria outras vidas também.

## Para seguir pensando

As ideias apresentadas neste texto são abertas. Não têm pretensão de fechamento. Ancoram-se numa visão de incompletude e de provisoriedade constitutivas do nosso pensar e do nosso fazer. Outrossim, espera-se com isto provocar a construção coletiva de um pensamento sobre o tema da vocação, da cultura vocacional e do que estamos vivendo como vocacionados/as e como acompanhantes vocacionais. Em verdade, é uma metalinguagem que nos auxilia, pois, cremos, é em verdade, um movimento de alteridade.

Acreditamos que os processos que deslocam os sujeitos vocacionados das margens de modelos de acompanhamentos pré-formatados e pouco personalizados – ajudando-os a olharem para suas

reais necessidades espirituais, sociais, para os sinais dos tempos e para a escuta dos apelos de Deus – oferecem maiores condições para se responder à pergunta “o que queres?” que trouxemos como foco do trabalho do animador vocacional no início deste artigo. Esperamos que a partilha de ideias aqui encontrada tenha servido para sustentar nosso argumento e faça sentido para também provocar em nós, leitores, deslocamentos, incômodos, processos autopoieticos.

Ao final destas linhas, gostaríamos ainda de lançar mais uma provocação que não encontrou espaço neste artigo, mas que cabe muito bem ser feita depois de tudo o que vimos costurando na argumentação exposta. Trata-se do uso do termo “vocação tardia” ou do seu similar eufemizado “vocação madura”. Haverá vocação que se responde mais tarde que outra, uma vez que defendemos que o sim que se dá acontece no presente cambiante da existência? Não parece essa expressão uma cobrança ou taxação preconceituosa? (Você deveria ter respondido antes! Respondeu tarde!). Haverá vocação mais amadurecida que outra? Maturidade vocacional tem a ver necessariamente com a idade ou com a caminhada que se faz de experiências, de aberturas

aos processos, aos movimentos de deslocamentos e à autopoiese?

Como vimos, há muito para pensarmos sobre a nossa renova-

da cultura vocacional. E é necessário justamente isso: que pensemos juntos/as.

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. Como temos entendido nosso trabalho vocacional a partir de uma Renovada cultura vocacional?
2. Como olhamos para os sujeitos vocacionados(as) que procuram nossas congregações religiosas? Ainda buscamos perfis prontos ou acreditamos nos processos de integração da vida à proposta da dinâmica religiosa e do carisma?
3. Como provocamos o acompanhamento dos processos de ressignificação do sim vocacional dos nossos vocacionados?

## Referências

- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Harvard: Harvard Univ. Press, 1975.
- ALVES, L. E. P. **Linguagem, complexidade e formação de professores de língua materna: a constituição de comunidades de aprendizagem nas vivências de metatextos situados a partir de metodologias focadas na pesquisa**. 2021. 297 f. Tese (Doutorado em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=104925>> Acesso em: 27 jan. 2024.
- INÁCIO DE LOYOLA, Santo. **Exercícios espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- LOPES, R. S. S. **Discernimento inaciano: a liberdade humana respondendo a Deus**. 2015. 109 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Psy II, 1995.

MATURANA, H. R. Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento. In: MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

# CERNE 126



**Caucaia, CE**

**8 de fevereiro a 19 de março de 2026**

# O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA

Renato Correia Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo reflete sobre o acompanhamento vocacional como caminho para a construção do projeto de vida, especialmente no discernimento à vida religiosa consagrada. Parte-se da compreensão de que o projeto de vida, iluminado pela fé, é uma ferramenta fundamental para orientar escolhas existenciais e vocacionais. O discernimento vocacional é apresentado como um processo que ajuda o jovem a integrar seus desejos mais profundos com o chamado de Deus, especialmente quando se sente atraído pela radicalidade do seguimento a Jesus Cristo na vida consagrada. O artigo destaca o papel do acompanhante vocacional como mediador de sentido, que ajuda a escutar os apelos de Deus e a ler os sinais da própria história. Afirma-se que um projeto de vida bem elaborado pode favorecer decisões maduras e responsáveis, abrindo o coração à missão, à comunidade e ao serviço próprio da vida religiosa.

**Palavras-chave:** Vocação. Jovem. Projeto de Vida.

## Introdução

No contexto atual da sociedade brasileira, os jovens enfrentam desafios na construção de sua identidade e na busca por sentido

de vida em suas escolhas. O MEC observou esse particular da condição dos jovens que se encontram diante de tantas escolhas possíveis, por isso difícil de deixar um caminho para escolher outro, pois

---

<sup>1</sup> Religioso Jesuíta. Bacharel em Direito. Especialista em Juventudes no Mundo Contemporâneo  
Endereço para contato: renatocorreiasj@jesuits.net

a sensação é de perda sempre. Neste sentido, o discernimento vocacional e o projeto de vida surgem como ferramentas relevantes nesse processo, ajudando-os a enfrentar as complexidades sociais e culturais com autenticidade.

A vocação, entendida como um chamado ao engajamento significativo, vai além do aspecto religioso e se manifesta na carreira, nos encontros e nas relações que criam vínculos e no compromisso social. Para aqueles que sentem o chamado à vida religiosa consagrada, o projeto de vida ganha ainda mais relevância, servindo como guia prático e espiritual para alinhar aspirações e valores ao compromisso com a fé. Esse processo promove autoconhecimento e um alinhamento profundo entre a história pessoal e a vocação. Assim, a vocação é abordada como um caminho integrador, permitindo que o discernimento vocacional à vida consagrada seja vivido de forma autêntica e transformadora.

## **Ferramenta para a construção do sentido da existência humana vivida na fé**

O projeto de vida é uma ferramenta essencial para a construção do sentido da existência humana, especialmente num con-

texto em que os jovens enfrentam múltiplas escolhas, incertezas e exigências. Mais do que um mero planejamento de metas e objetivos, trata-se de um processo profundo de autoconhecimento e busca por significado da práxis humana, alinhando-se aos valores, talentos e aspirações individuais. Conforme Leccardi, “o futuro é o espaço onde se constrói o projeto de vida e, ao mesmo tempo, se define a própria identidade: ao projetar suas ações futuras, o jovem também projeta quem ele será” (2005, p. 36).

No âmbito da espiritualidade, o projeto de vida adquire uma dimensão ainda mais profunda, pois transcende as demandas imediatas e se conecta com questões de identidade, vocação e propósitos de vida. Não se trata apenas de um caminho para o sucesso pessoal, mas de uma resposta ao desejo intrínseco de encontrar um sentido maior para a sua trajetória na terra, contribuindo para o bem comum. Segundo o jesuíta Renato Correia Santos (2024, p. 92), “há uma relação intrínseca entre projeto de vida e discernimento vocacional religioso, uma vez que a construção desse projeto, baseada em valores e visão de mundo, orienta o jovem na descoberta de sua vocação”.

A formação de um projeto de vida permite ao jovem filtrar as inúmeras vozes externas e con-

centrar-se no que realmente importa e é verdadeiro para ele (Canneschi, 2018, p. 80). A pastoral juvenil desempenha um papel fundamental nesse processo, oferecendo um espaço de acolhimento e diálogo que incentiva o jovem a sonhar, planejar e agir com propósitos profundos e transcendentos. Dessa forma, o projeto de vida torna-se tanto uma forma de resistência à fragmentação da modernidade quanto uma afirmação de que é possível viver de maneira plena e comprometida. O discernimento vocacional ocupa um papel central no projeto de vida dos jovens que buscam fundamentar suas escolhas na fé. Não se trata apenas de decidir uma carreira ou estado de vida, mas de responder a um chamado profundo, percebendo como a missão pessoal se insere na construção de um mundo mais justo e fraterno.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* (2019, n. 285), enfatiza que o discernimento não deve partir de ambições materiais, mas da busca pelo verdadeiro chamado, levando em conta a identidade pessoal, os dons e a vocação ao serviço. O processo exige um exercício contínuo de escuta interior, confrontando expectativas externas e alinhando-se aos valores evangélicos. Conforme Vitório, “o discernimento vocacional, quando vivido na fé, não apenas identifica

um propósito, mas também se torna um ato de confiança em Deus, permitindo que a vida seja guiada por sua vontade” (2008, p. 90).

Dentro desse contexto, Ramos (1994, p. 91) argumenta que “construir um projeto de vida baseado no discernimento vocacional significa reconhecer que cada pessoa possui uma missão única, capaz de unir realização pessoal e serviço ao próximo”. A pastoral vocacional tem um papel fundamental na orientação dos jovens, auxiliando-os a vivenciar esse discernimento por meio de acompanhamento espiritual, retiros e espaços de partilha. Para Cencini (1994, p. 52), “o acompanhamento não deve ser visto como uma orientação externa imposta, mas como uma caminhada compartilhada, que precede a decisão e auxilia no amadurecimento da vocação”. Esse processo não se limita a um plano fixo, mas configura-se como um ciclo contínuo de planejamento, execução, avaliação e ajustes, sempre orientado pela fé e pelo desejo de contribuir com a transformação do mundo (Santos, 2024, p. 94). A construção de um projeto de vida fundamentado na fé não significa apenas delinear um caminho profissional ou religioso, mas abraçar uma missão de vida que reflita o seguimento de Cristo e o compromisso com o amor e a justiça. Como ressalta Cabarrus (1999, p. 18), “esse

projeto vai além das aspirações individuais, tornando-se uma resposta ao convite divino para a doação de si”. Assim, planejar o futuro não é negar a providência divina, mas, ao contrário, abrir-se à ação de Deus na própria história. Dessa forma, o discernimento vocacional e o projeto de vida convergem para um mesmo objetivo: viver com autenticidade, fé e compromisso, contribuindo para um mundo mais humano e solidário.

## O papel do acompanhante como mediador de sentido

A VRC tem trabalhado desde o começo há séculos atrás com novos candidatos a se alinharem em suas fileiras, por isso o acompanhamento vocacional é uma prática que vai além do aconselhamento, oferece ao jovem um espaço sagrado para o discernimento e a descoberta de sua vocação. Nesta jornada, o acompanhante vocacional assume o papel de mediador de sentido, alguém que caminha junto, orienta e ajuda o jovem a interpretar os sinais e as inquietações que surgem ao longo do processo de busca por um propósito maior. Para Cencini, o acompanhamento pessoal tende, substancialmente, a colocar a pessoa em condição de perceber com realismo, sem deformações, a ação de Deus nela e de poder decidir livremente qual resposta pos-

sa dar responsabilmente. É, pois, uma ajuda instrumental e temporária que não só não substitui a ação de graça nem a liberdade do indivíduo, mas procura mesmo tornar o jovem consciente da ação da graça e disponível a ela. (CENCINI, 1994, p. 57).

Esse papel é fundamental, especialmente no contexto contemporâneo, onde o jovem é constantemente bombardeado por pressões sociais, culturais e profissionais que muitas vezes dificultam a escuta do chamado mais profundo e radical de Jesus Cristo em seu interior.

Como mediador de sentido, o acompanhante vocacional não fornece respostas prontas, mas cultiva um ambiente de confiança e liberdade que permite ao jovem explorar, questionar e aprofundar suas próprias perguntas existenciais. Ele é alguém que oferece o olhar externo necessário para ajudar o jovem a conectar suas experiências pessoais com um horizonte mais amplo, no qual o sentido da vida não se resume às conquistas e metas imediatas, mas também abrange o compromisso ético e espiritual com o outro, com a sociedade e a Igreja. No âmbito do discernimento à vida religiosa consagrada, o acompanhante é visto como um guia que, por meio de sua própria vivência de fé, inspira o jovem a mergulhar no mistério de sua vocação, integrando

sua espiritualidade com seu projeto de vida.

A mediação vocacional também envolve práticas concretas, como encontros regulares de direção espiritual, retiros de silêncio e oração, dinâmicas de autoconhecimento, leitura orante da Palavra de Deus e experiências comunitárias. Essas ferramentas permitem ao jovem aprofundar sua escuta interior, confrontar expectativas externas e amadurecer sua resposta vocacional. Ademais, a participação em experiências missionárias e pastorais proporciona uma vivência prática do chamado, ajudando a discernir sua vocação por meio do serviço e da relação com os outros.

O papel de mediação exige do acompanhante uma escuta ativa e uma sensibilidade aguçada, pois ele deve estar atento aos sinais sutis que indicam os anseios e as dúvidas do jovem. Francisco, ao trazer esse tema, insiste em que a primeira sensibilidade ou atenção é para a pessoa. Diz ele:

Trata-se de escutar o outro, que se nos dá com as suas palavras. O sinal desta escuta é o tempo que dedico ao outro. Não é questão de quantidade, mas de que o outro sinta que o meu tempo é dele: todo o tempo que precisar para me manifestar o que quer (CV, n. 292).

A postura do acompanhante é, portanto, a de um facilitador que possibilita ao jovem enxergar além do imediato, ajudando-o a interpretar suas inquietações como possíveis caminhos para a realização de seu chamado. Num contexto de fé, essa mediação é fundamentada na confiança de que a vocação não é uma decisão isolada, mas um processo de descoberta guiado pelo Espírito, no qual o jovem é convidado a reconhecer a presença e o amor de Deus que o direcionam.

A prática do acompanhamento vocacional também exige do mediador uma formação constante e um compromisso profundo com a espiritualidade, pois somente alguém que trilhou seu próprio caminho de busca e discernimento é capaz de acompanhar outros nessa jornada (VITÓRIO, 2022, p. 88). Assim, o acompanhante é uma figura que inspira, acolhe e aponta o horizonte, convidando o jovem a dar passos conscientes em direção a um projeto de vida que ressoe com sua fé e valores mais autênticos.

Decerto, o papel do acompanhante vocacional como mediador de sentido é o de facilitar o encontro do jovem com Deus e assim encontrar o significado mais profundo de sua existência e vocação. Por meio de uma escuta acolhedora e de uma orientação sábia, o acompanhante ajuda o

jovem a ver além das aparências, possibilitando a construção de um projeto de vida pautado na autenticidade, no amor ao próximo e na fidelidade ao chamado que surge do mais íntimo do coração (VITÓRIO, 2022, p. 181).

O papel do acompanhante vocacional, à luz dessas perspectivas, é ser um mediador de sentido, um guia que ajuda o jovem a ler sua própria história e a reconhecer nela os sinais da presença de Deus. E nisso, ajudar o jovem a construir seu projeto de vida, para além de uma ferramenta de autoconhecimento, mas num espaço de diálogo entre o jovem e a comunidade, entre a liberdade pessoal e o chamado coletivo de Jesus Cristo na Igreja. Neste sentido, o projeto de vida não pode ser um documento estanque; ele deve ser flexível, aberto às surpresas do Espírito Santo e às necessidades dos pobres de Deus que desejam o alargamento do Reino dos Céus já aqui nesta terra.

## Considerações finais

O caminho de discernimento vocacional e a elaboração de um projeto de vida convidam o jovem a descobrir o sentido profundo de sua existência enquanto ser humano espiritual e social. Num

mundo repleto de desafios e múltiplas escolhas, esse processo vai além da definição de metas, tornando-se uma jornada de autocohecimento para encontrar um trabalho que lhe realize e lhe traga o sustento econômico. Realiza o ser humano o compromisso com um propósito maior, pautado no serviço ao próximo e na construção de uma sociedade mais justa e fraterna como Peregrino de Esperança neste Tempo da Criação 2025 para superar as guerras e chegar à Paz.

Para aqueles chamados à vida religiosa consagrada, o projeto de vida se transforma em uma resposta à fé mais radical e profética, permitindo que o jovem alinhe sua identidade aos valores evangélicos. Nesse caminho, a pastoral juvenil e o acompanhamento vocacional desempenham um papel essencial, oferecendo suporte e orientação para que o jovem construa um projeto de vida autêntico e comprometido com sua vocação pautadas nos votos de Castidade, Pobreza e Obediência. Assim, o discernimento vocacional se revela como um caminho de esperança, no qual o jovem encontra sentido e plenitude ao responder livremente ao chamado de Deus para abraçar a Paz com a Criação.

## Para sentipensar e rezar em comunidade

1. De que maneira o projeto de vida pode ajudar o jovem a perceber e responder ao chamado específico de Deus à vida religiosa consagrada?
2. Quais são os principais desafios enfrentados no processo de discernimento vocacional hoje, e como o acompanhamento pode ajudar a superá-los?
3. Como o papel do acompanhante vocacional pode ir além da orientação prática, tornando-se uma verdadeira mediação espiritual e existencial no caminho do discernimento?

## Referências

- CABARRÚS, Carlos Rafael. **Seduzidos pelo Deus dos pobres**: os votos religiosos a partir da justiça que] brota da fé. São Paulo: Loyola, 1999.
- CANESCHI, Liciane Aparecida Cabral. Projeto de Vida e horizontes vocacionais. In: CENCINI, Amadeo. **Vida Consagrada**: itinerário formativo no caminho de Emaús. São Paulo: Paulus, 1994.
- FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**: Exortação apostólica pós-sinodal para o jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.
- LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 35-57, novembro de 2005.
- RAMOS, José Maria Monteoliva. **Felicidade Humana e vida religiosa**. São Paulo: Loyola, 1994.
- SANTOS, Renato Correia Santos. O projeto de vida e a vocação da vida religiosa consagrada: um encontro de significados e caminhos. **Convergência**, v. 59, n. 545, p. 87-98, abril/junho, 2024.
- VITÓRIO, Jaldemir. **A formação na vida religiosa consagrada**: reflexões para uma pedagogia mistagógica. São Paulo: Paulinas, 2022.
- VITÓRIO, Jaldemir. **A pedagogia da formação**: reflexões para formadores na vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 2008.



## PÓS-GRADUAÇÃO PARA FORMADORES/AS DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Qualificar religiosas e religiosos que atuam  
ou atuarão em processos formativos da  
Vida Religiosa Consagrada

### INSCREVA-SE

[secretaria@estef.edu.br](mailto:secretaria@estef.edu.br)

(51) 99107-2640



**CRB NACIONAL**  
Conferência dos Religiosos do Brasil



**ESTEF** @estef.poa

# A IMPORTÂNCIA DA MISSÃO DO MESTRE DE NOVIÇOS

## Origens e fundamentação histórica

Frei Kardiaman Caverius Simbolon, O. Carm<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda a missão do Mestre de Noviços que está enraizada na tradição monástica antiga e é essencial para a formação dos noviços. A análise começa investigando origem do termo “Mestre” no contexto neotestamentário e busca sua fundamentação em Jesus como Mestre e sua presença na história da Igreja primitiva. Em seguida, explora o desenvolvimento dessa figura ao longo dos séculos na tradição monástica, destacando suas responsabilidades, deveres e métodos pedagógicos. O artigo também reflete a evolução contínua do ofício, enfatizando sua importância na transmissão de valores doutrinários e espirituais aos noviços na Vida Religiosa.

**Palavras-chave:** Mestre de Noviços. Formação. Noviciado.

### Introdução

A missão do Mestre de Noviços tem sido uma referência essencial no desenvolvimento da tradição cristã, especialmente no contexto da formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC). No Novo Testamento, o termo apare-

ce tanto na hebraica *rabbī* quanto na grega *didáskalos*, designando aqueles que exerciam a função de ensinar e orientar discípulos. Jesus Cristo, frequentemente chamado de Mestre, transcendeu a função tradicional dos rabinos ao

---

<sup>1</sup> Presbítero e religioso da Ordem do Carmo. Mestre em Teologia e em Direito Canônico. Oficial do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo. Endereço para contato: xaver87@gmail.com

ensinar com autoridade própria e ao formar seus discípulos de maneira singular.

No decorrer da história da Igreja, a figura do Mestre evoluiu, assumindo um papel fundamental na transmissão da fé e na formação de comunidades cristãs. Na Igreja primitiva, os mestres exerciam a função de ensinar a doutrina e acompanhar os fiéis no aprofundamento da fé. No contexto monástico, especialmente a partir de Santo Antão e São Pacômio, a figura do Mestre de Noviços começou a tomar forma, sendo responsável por guiar os iniciantes na VRC. O presente artigo busca explorar essa trajetória histórica, analisando a origem e o significado do termo “Mestre” no Novo Testamento e sua posterior institucionalização na tradição monástica.

## A origem e a evolução do termo “mestre” a partir da visão neotestamentária

A visão neotestamentária do termo “Mestre” aparece como “*rabbī* ou *rabbuni*” em hebraico, que significa: meu senhor, meu mestre. Segundo Shanks (1963, p. 338), o termo *rabbī* era tradicionalmente ostentado pelos sábios da Palestina, ordenados pelo Sinédrio de acordo com o costume

transmitido pelos anciãos e os quais também recebiam autoridade para julgar em casos penais.

Enquanto isso, na Babilônia, mestre era o título dos sábios babilônicos que recebiam sua ordenação em suas faculdades e entrou em voga. Segundo Rivkin (2000, p. 3-5), os fariseus e escribas eram chamados mestres porque foram autorizados pela lei dupla, a saber, a escrita e a tradição. Por isso, tornaram-se a força dominante na vida da comunidade judaica e foram os únicos responsáveis pelo renascimento e recodificação das tradições ancestrais na forma do judaísmo rabínico.

Entretanto, na época de Jesus também era comum o uso do termo *rabbī* como uma forma não oficial de se dirigir a um líder espiritual e professor, pela qual o título é usado nos Evangelhos (KITTEL; FRIEDRICH, 1985, p. 146). Como um tipo de título não oficial, mestre pode ter sido usado muito bem na época de Jesus da mesma forma que esse título também era usado para se referir a um pregador. Em grego, o termo mestre aparece como *didáskalos* frequentemente é traduzido como aquele que ensina, mestre, preceptor, professor, aquele que dirige os ensaios, ou como um instrutor.

O título “mestre”, utilizado para se referir a Jesus, é historicamente autêntico, embora não no sentido oficial da tradição judaica. De acordo com essa tradição, Jesus possuía todas as prerrogativas de um rabino, uma vez que lhe solicitavam diretrizes sobre questões disputadas da Lei (Lc 12,13-14). Mantendo a condição de *rabbī* ou *didáskalos*, Jesus de Nazaré assume a identidade de um escriba que, no entanto, transcende as práticas tradicionais de ensino. Sua interpretação não se limita à radicalização da Torá nem se reduz a uma mera reforma da lei ou do arcabouço ético-religioso, mas implica a realização escatológica da profecia (KOESTER, 2005, p. 89).

O chamado dos discípulos, por si só, é suficiente para mostrar a originalidade de Jesus. De acordo com o código cultural da época, o mestre que é procurado pelos discípulos, que lhe perguntam se ele quer recebê-los como tal. Jesus, ao contrário, ele como mestre reuniu as pessoas ao seu redor e chamou-as como seus discípulos e atribuiu-lhes as características de uma vocação profética (Jo 15,16). Desde o início, sua autoridade é incontestável, não se comparando a nenhum outro *rabbī* de sua época.

Jesus foi um mestre especial, e isso pode ser visto em muitos detalhes concretos (cf. Mc 2,1; Mc 6,34; Mc 3,1; Mc 12,35; Lc 21,37). Os outros rabinos ensinavam em um local fixo – em sua própria cidade, seja em casa, na sinagoga ou no templo – enquanto Jesus não se prendia a um único lugar e ensinava em qualquer ambiente, expressando, assim, sua liberdade, disponibilidade e natureza pacífica. Além disso, o amor universal que Ele não apenas ensinou, mas também praticou, evidenciava a superioridade de seu ensinamento. Ele ensina aquilo que ele é um *autodidáskalos*, um mestre que ensina por sua própria virtude tudo aquilo que constitui sua missão, como Filho de Deus, Messias, Filho do Homem e Mestre em Israel. Nenhum rabi palestino da época ensinou dessa forma.

A peculiaridade do método pelo qual Jesus ensinava seus discípulos evoluiu para figura de um mestre que expõe a vontade divina conforme estabelecido nas Escrituras. Jesus se apresenta tanto como aquele que cumpre a lei quanto como o caminho para o seu cumprimento (Mt 5,17.20). Ele ilustra a verdade da observação de que o mestre é infinitamente mais do que o ensino ou as circunstâncias do ensino.

Jesus se apresentou como modelo, mas não no sentido de padronização. Justamente como mestre, Ele era capaz de se adaptar particularmente, relacionando-se com o indivíduo (cf. Russel, 1944, p. 26-28). Ele não tratava as pessoas e as situações de acordo com um padrão fixo: o encontro com Ele era único e autêntico. Conseqüentemente, aqueles que seguem esse modelo respeitam as diferentes situações da vida, a individualidade das pessoas envolvidas no processo de aprendizado e os vários estágios de crescimento. Apenas um é o mestre, ninguém afirma possuir a verdade, mas todos trilham juntos o caminho que leva a ela (PELLEGRINI, 2011, p. 216).

Além disso, o evangelista São Mateus destaca a importância de subir à montanha e de sentar-se antes de ensinar (Mt 5,1). Assim, Jesus assume a “autoridade do mestre”, ensinando a partir da cátedra. Pelo simbolismo da montanha em Moisés, ela é reconhecida como o “novo Sinai”, onde Jesus ensina e tem um colóquio mais íntimo com o Pai.

O termo “mestre”, na Igreja primitiva, evoluiu como pessoa que ensina doutrina a uma comunidade cristã (At 13,1; 1Cor 12,28-29; Ef 4,11). São Paulo chamou a si mesmo como mestre dos

gentios (1Tm 2,7; 2Tm 1,11; Rm 2,20; 2Tm 4,3). Então, o mestre era o ofício na Igreja Primitiva de explicar aos outros a fé cristã e acompanhar-lhes para abraçar essa fé. Portanto, ser mestre não é apenas dar aulas, mas sim cumprir o ministério, ou seja, expor e aplicar princípios fundamentais para a vida e para a missão da Igreja.

Além disso, a palavra *didaskalos* aparece como o terceiro dom espiritual em um grupo de três, evidenciando que a função de mestre é um dom concedido por Deus para a edificação do Corpo de Cristo. Assim, podemos afirmar que o papel do mestre está claramente explicitado nas Escrituras e constitui um privilégio, pois lhe cabe guiar os iniciantes na fé cristã ao encontro das experiências da vida, para que vivam com sabedoria e em vitória, diante de Deus e de seus semelhantes (DV, 7).

Por isso, o termo “*didaskalia*”, derivado da palavra *didaskalos*, era aplicado àquele que possuía o dom do serviço e o exercia servindo (Rm 12,7). Sua missão foi associada a transmitir o ensino de Cristo Mestre e a instrução que se baseava na vontade revelada de Deus.

## Mestre de Noviços na tradição monástica do Oriente

Santo Antão (250-356 d.C.) é chamado “pai do monaquismo”, que derivou do caráter eremítico que prevaleceu em todo o norte do Egito, de Lycopolis até o Mediterrâneo. Ele era um eremita no sentido pleno da palavra, e seus discípulos eram eremitas como ele próprio, viviam no deserto. Ele era um bom mestre para os iniciantes na vida monástica através do exemplo de vida. A frequente caracterização da adoção da profissão monacal como uma conversão aludia justamente à mudança da forma como se vivia: tornar-se monge era abandonar a vida secular para adotar outra, que era tida como superior (LECLERCQ, 2012, p. 125-127).

É evidente que ainda não existia uma estrutura normativa consolidada que garantisse coesão e consistência na aplicação dos ensinamentos espirituais. No entanto, parece ter havido uma espécie de democracia espiritual, guiada sobretudo pela influência pessoal dos líderes. Por isso, os monges viviam regularmente segundo os ensinamentos das disciplinas espirituais, os quais estavam materialmente vinculados às regras monásticas.

Enquanto isso, São Pacômio (290-346), na parte sul do Egito, constituiu um estilo diferente de vida monástica chamado *cenobítico* ou baseado na comunidade (WALKER, 1984, p. 155). São Pacômio foi o primeiro dos primeiros fundadores do monasticismo *cenobítico* a estabelecer uma regra, chamada Regra de São Pacômio. Suas regras enfatizavam o compartilhamento entre os monges, incluindo a refeição em comum, a ausência de bens pessoais, a obediência total aos anciãos, além de um regime organizado de trabalho e oração.

De acordo com a Regra de São Pacômio, em cada mosteiro de mais ou menos quarenta irmãos, deveria ter um prior, administrador e outros ministros (PACHOMIUS, n. 2). E para garantir o bom funcionamento de suas comunidades foi elaborada uma série de preceitos que são considerados a primeira regra monástica. A Regra descreve uma organização comunitária com as principais figuras de governo, que são; o Abade ou pai, com seus vários títulos e funções; o ecônomo, responsável pela questão da economia e o prior ou administrador da casa singular e seu ajudante (PACHOMIUS, n. 31).

O prior da casa singular, responsável por uma comunidade

específica, é geralmente chamado de *pater monasterii* ou *princeps monasterii*. Ele que dá catequese nos dois dias de jejum estabelecidos pela Regra; ensina aos frades como se comportar à mesa; cuida dos doentes, orienta os frades para o trabalho, regula a saída de casa, vigia a pobreza dos indivíduos. Ele é ajudado nessas tarefas por outros monges.

Portanto, já existia uma figura estável para auxiliar o abade em cada comunidade, tanto na formação quanto em outras tarefas. Essa figura também tinha a função de ensinar e instruir os noviços sobre temas relacionados à linguagem, literatura, gramática, redação e outros aspectos da comunicação escrita e oral (FRANCIS LOVER, 1947, p. 3). A partir das funções atribuídas a ele, podemos verificar que neste conjunto legislativo da organização da *koinonia*, apesar de não encontrarmos uma regra explícita sobre a figura de um mestre, mas apenas suas disposições e suas funções, permitem-nos constatar que a presença desse ofício já existia. Por isso, pode-se deduzir que havia indícios da figura de um Mestre de Noviços no cenobitismo pacomiano, embora não existisse um Noviciado como instituição formal e regular (cf. FRANCIS LOVER, 1947, p. 3-4).

## O Mestre de Noviços na Tradição Monástica do Ocidente

Na tradição do ocidente, João Cassiano (360-430/35) desempenhou um papel importante na difusão do monaquismo no sul da Gália. Cassiano deu instruções explícitas para os noviços em sua regra, ou seja, depois que o pedido de admissão do candidato era atendido, ele era obrigado a passar um ano inteiro sob os cuidados do *Senior*. Ele deixa claro que a função da liderança de um *Senior* é garantir que o noviço não discipline seu corpo segundo o seu próprio julgamento, mas conforme o exemplo dos mais velhos (FRANCIS LOVER, 1947, p. 6). A importância desse cargo fica clara na redação da Regra de Cassiano e enfatiza a importância de impor aos noviços tarefas contrárias às suas inclinações naturais. Nesse sentido Cassiano afirma que, como toda arte e disciplina inventadas pelo homem, o monacato não dispensa a necessidade de um mestre para que seja corretamente aprofundado. Ele também mencionou uma manifestação de consciência que os noviços deveriam fazer ao *Senior* responsável por eles. Eles foram aconselhados a manifestar suas tentações a ele e a não julgar nenhum pensamen-

to bom ou mau até que o *Senior* o tivesse julgado.

Em seguida, São Bento de Nursia (480-550) conseguiu moldar a vida monástica em um estilo ocidental diferente do monasticismo oriental. Ele viveu em solidão em Subiaco e, posteriormente construiu um mosteiro em Monte Cassino, onde escreveu a Regra de São Bento, *Regula Monachorum*, em 537. Adaptada à vida cristã e às novas condições monásticas em desenvolvimento na Europa, essa regra marca um progresso em relação às regras monásticas anteriores.

*Regula Monachorum* (RM) foi a primeira regra monástica a ser chamada de legislação genuína. As regras anteriores não passavam de breves tratados sobre as virtudes monásticas com pouca ordenação. Segundo Adalbert de Vogue, já havia uma regra anônima em 527, conhecida por *Regula Magistri* (“Regra do Mestre”) (NEUFVILLE J., 1971, p. 77). Nessa regra, a palavra *schola* surge 15 vezes, a denotar uma mentalidade intencionalmente teórico-legislativa, bem dentro da preocupação de manter observâncias disciplinares e costumes estabelecidos. É recorrente que São Bento teria se inspirado na *Regula Magistri*, e que procedeu a uma abreviação dela em seu texto.

A Regra de São Bento é um texto de caráter espiritual e normativo e, por isso mesmo, uma realidade histórica que atravessou os tempos e se tornou norma de vida para muitos religiosos que verdadeiramente procuram a Deus e nada querem antepor ao amor de Cristo (RM, IV, 24; LX-XII, 14). São Bento assume-se a si e ao abade dos seus mosteiros como “pai espiritual” dos monges, sobrepondo esta noção à de “mestre” (CHAGAS DE PAIVA A., 2017, p. 275-300). Ao sobrepor a noção de mestre (RM, III, LXIV, VIII-X, XIII-XV), São Bento enfatizou não apenas a autoridade e o ensino, mas também a importância do cuidado, afeto e suporte emocional e espiritual na relação entre líder e monges. Ele dá ênfase ao equilíbrio entre disciplina e amor, destacando a importância da formação espiritual e moral dos monges para alcançar um estilo de vida de oração, trabalho e comunidade. São Bento sempre tinha consciência de que só Cristo é *Magister*, o verdadeiro Mestre da Vida Religiosa, de que o abade é tão somente “vigário” (RM, II, 4-6).

Com base na ideia de que Cristo é o único mestre, que o abade é somente vigário do Mestre verdadeiro, São Bento afirma na sua regra que a eleição de abade deve

ser feita em um espírito de temor a Deus e deve ser eleito com base em seu mérito pessoal, especialmente em relação à qualidade de sua vida e à sabedoria que ele possui (RM, LVIII). Isso significa que a pessoa escolhida deve ser alguém que tenha demonstrado uma vida virtuosa e que tenha um conhecimento profundo da doutrina e da sabedoria religiosa. No desempenho dessa função, o abade recorreria a técnicas de direção espiritual, assumindo, portanto, o papel de governar e de ensinar.

Em relação a um candidato que buscava admissão ao mosteiro, a *Regula Monachorum* determinava que ele só poderia ser admitido após persistir pacientemente no pedido por quatro ou cinco dias (RM, LVIII). Após esse período, ele passava alguns dias no quarto de hóspedes e, somente depois disso, era admitido como noviço. Em seguida, o abade confiava o noviço aos cuidados do membro *Senior*.

Seja designado para eles um dos mais velhos, que seja apto a obter o progresso das almas e que se dedique a eles com todo o interesse. Que haja solicitude em ver se procura verdadeiramente a Deus, se é solícito para com o Ofício Divino, a obediência e os opróbrios. (RM, LVIII, 6-7).

A Regra de São Bento claramente exigia a presença de que um dos monges mais velhos, *Senior* e dotado das virtudes necessárias para conquistar as almas dos noviços. O tempo de vivência monástica, a idade avançada e a demonstração de virtudes eram geralmente apontadas como critérios para a ascensão ao cargo. Esse monge *Senior*, já que foi chamado a ser Mestre de Noviços, era obrigado a se dedicar aos noviços e deveria exercer a maior solicitude ao examinar a aptidão de cada noviço para a vida monástica e ao formá-los na vida e na disciplina monásticas (FRANCIS LOVER, 1947, p. 6). O propósito desse cargo foi resumido por São Bento quando disse que o Mestre de Noviços deveria explicar a eles o árduo caminho que leva a Deus.

Com o passar do tempo, à medida que o monaquismo se tornava mais organizado e estruturado, a necessidade de um processo formativo mais claro e regulamentado levou à predominância da Regra de São Bento. Seu modelo de noviciado, que previa um período de discernimento e adaptação à vida monástica sob a supervisão de um responsável, mostrou-se mais eficiente e coerente com as necessidades das comunidades monásticas.

Assim, com a gradual adoção da Regra de São Bento em diversos mosteiros, a formação monástica passou a ser normatizada de maneira mais consistente. A importância da função do Mestre de Noviços foi se consolidando ao longo dos séculos, sendo posteriormente incorporado ao direito canônico e às constituições das diversas ordens religiosas. Dessa forma, a Regra de São Bento triunfou como a norma monástica predominante, influenciando não apenas a organização interna dos mosteiros, mas também a estrutura formativa dos novos membros.

## Reflexão final

Ao longo da história, a missão do Mestre de Noviços tem se mostrado essencial para a VRC e a preservação da tradição monástica. Mais do que um simples educador, ele é um guia espiritual, um formador de discípulos, cuja missão transcende o ensino de normas e preceitos. Seu compromisso não se limita à transmissão de conhecimentos doutrinários, mas busca formar verdadeiros seguidores de Cristo, que vivam sua vocação com profundidade, maturidade e fidelidade ao carisma do Instituto.

Essa missão tem em Cristo Mestre sua referência máxima, pois Ele não apenas transmitia ensinamentos, mas os vivia plenamente, formando seus discípulos pelo exemplo. Jesus caminhava ao lado daqueles que chamou, corrigindo com misericórdia. Do mesmo modo, o Mestre de Noviços deve ser uma presença viva do amor e da pedagogia de Cristo, guiando os que iniciam a VRC para que se conformem cada vez mais ao Senhor. Nesse aspecto, o Mestre de Noviços é um verdadeiro presente para a Igreja e sua missão é fundamental para garantir que a VRC permaneça fiel à sua identidade e continue a ser um testemunho profético no mundo.

Diante dos desafios atuais, a missão do Mestre de Noviços se torna ainda mais essencial. Ele deve compreender as inquietações daqueles que ingressam na VRC, ajudando-os a conciliar a fidelidade à tradição com a necessidade de renovação, sem perder de vista a essência do chamado divino. Para isso, é fundamental que ele próprio esteja em constante formação, aprofundando-se na espiritualidade, no estudo teológico e no discernimento pastoral, para que sua orientação seja sempre sábia e prudente.

## Para sentipensar em comunidade

1. Os formadores, especialmente os Mestres de Noviços, estão sendo preparados para exercer sua missão à luz de Cristo Mestre, cuja pedagogia unia exemplo e ensinamento? Ou ainda predominam abordagens centradas apenas na transmissão de normas e doutrinas?
2. Como os Superiores Maiores estão discernindo, hoje, os caminhos para formar formadores capazes de conjugar fidelidade à tradição com abertura aos desafios das novas gerações que ingressam na Vida Consagrada?
3. Temos, enquanto Institutos religiosos, garantido aos nossos Mestres de Noviços os meios adequados – espirituais, teológicos e pastorais – para que possam exercer com sabedoria, prudência e profundidade a missão confiada a eles?

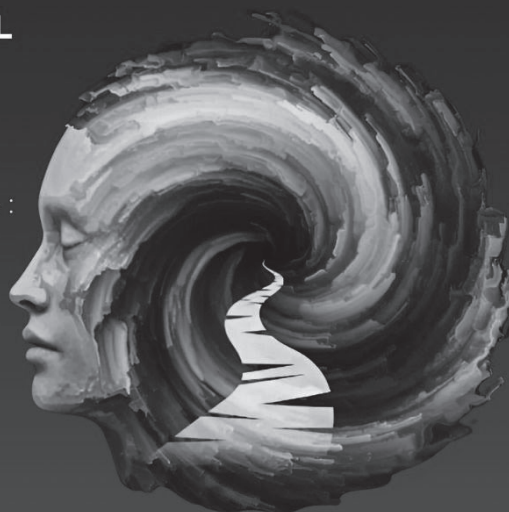
## Referências

- BEDEDICTUS, S. **Benedicti Regula Monachorum**. Lípsia, B. G.: Teubner, 1895.
- CHAGAS DE PAIVA, A. Alguns princípios pedagógicos na Regra de São Bento. Em: **Anuario Argentino de Derecho Canónico**. v. 23, Tomo II (2017). Buenos Aires: Pontificia Universidad Católica Argentina, 2017, p. 275-300.
- CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio Dogmatica de Divina Revelatione: **Dei Verbum**. In: **AAS**, LVIII, 1966, p. 817-830.
- FRANCIS LOVER J. **The Master of Novices**. An Historical Synopsis and a commentary. Washington-D.C: The Catholic University of America Press, 1947.
- KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. 1. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1985.
- KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. História e literatura do cristianismo primitivo, (tr. pt.: Callonii E.L.). São Paulo: Paulus, 2005.
- LECLERCQ, J. **O amor às letras e o desejo de Deus: iniciação aos autores monásticos da Idade Média**. São Paulo: Paulus, 2012.

- NEUFVILLE, J. (cur.), **Saint Benoit**. La Règle de saint Benoît, I et II. Introduction, traduction et notes par Adalbert de Vogüé. Paris: Les Editions du Cerf, 1971.
- PACHOMIUS, S. **The Rules of Pachomius**. West Monroe: St Athanasius Press, 2018.
- PELLEGRINI, S. Gesù, il maestro. Unicità e modelo. Em: **Annali di studi religiosi**. n. 12, 2011, Bologna: Edizioni Dehoniane, 2011, p. 213-228.
- RIVKIN, E. Who Were the Pharisees? In: AVERY-PECK, A. J.; NEUSNER, J. (curs.). **Judaism in Late Antiquity: where We Stand**. Issues and Debates in Ancient Judaism. v. 3. Leiden-Boston: Brill, 2000.
- RUSSEL, W. H. **Jesus the Divine Teacher**. New York: P.J. Kennedy and Sons, 1944.
- SHANKS, H. Is the Title "Rabbi" Anachronistic in the Gospels? In: **The Jewish Quarterly Review**. v. 53, n. 4. University of Pennsylvania Press, 1963. p. 337-345.

**SEMINÁRIO NACIONAL  
DAS/OS  
PSICÓLOGAS/OS DA  
CRB NACIONAL**

*Vida Religiosa Consagrada:  
Saúde Mental em  
tempos de travessia*



**EVENTO PRESENCIAL**  
**11 e 12 de Setembro de 2025**



**CRB NACIONAL**  
Conféncia dos Religiosos do Brasil



# PESSOAS CONSAGRADAS, PESSOAS SEXUAIS

Pe. Ronaldo Zacharias, sdb<sup>1</sup>

**Resumo:** O seguimento de Jesus é um caminho gradativo de conformação da vida com o Evangelho. O que nos coloca numa atitude de discernimento quanto ao jeito de ser e amar, e por isso, numa postura de serviço a caminho dos empobrecidos/as e vulneráveis de nosso tempo. Nesse caminho, somos chamados/as a amar como Jesus amou, a buscar a integração da afetividade e sexualidade no próprio projeto de vida e na edificação de uma nova cultura das relações. Nossa vida de discípulo/a missionário/a parte da constatação que somos pessoas sexuais e que temos desejos. É nesta condição que somos chamados/as à castidade vivenciada num processo de amadurecimento. Tal caminho requer que nos reconheçamos como pessoas vulneráveis. Esta caminhada é marcada pelo comprometimento com um horizonte e uma série de escolhas que sinalizamos no presente artigo.

**Palavras-chave:** Seguimento. Afetividade. Sexualidade. Amadurecimento.

## Introdução

Toda pessoa cristã é chamada a viver como discípula missionária de Jesus, o Cristo. Pôr-se no seguimento a Jesus implica,

praticamente, percorrer um processo gradativo de conformação tanto com os sentimentos quanto com as opções que Ele assumiu. Jesus deve ser, portanto, o paradigma para todo/a discípulo/a

---

<sup>1</sup> Padre Salesiano. Graduado em Filosofia, Pedagogia e Teologia. Mestre e Doutor em Teologia Moral. Professor na Universidade Salesiana de São Paulo. Endereço para contato: sdbronaldo@uol.com.br

missionário/a: o indicativo de Sua vida fundamenta o imperativo do que são chamados a ser e a fazer aqueles que O seguem.

Tanto o Jesus dos Evangelhos quanto o Evangelho de Jesus não apresentam aos discípulos missionários um manual de moralidade, mas caracterizam-se por revelar o que, de fato, é definitivo no Novo Testamento: *uma maneira de viver completamente enraizada no amor*. Jesus veio para os outros, aceitou livremente dar Sua vida e, ao fazê-lo, transformou Sua própria atitude em norma suprema para os cristãos (Jo 13,34). À luz de tal novidade, a vida moral consiste na manifestação visível de uma *existência que procura fazer-se ministério, dom de amor na vida dos outros*. Isso exige esforço contínuo para discernir, em cada momento histórico e em cada situação concreta, as exigências que derivam do amor.

O amor, evangelicamente, é uma *firme decisão da vontade de afirmar o bem do outro*, decisão que implica optar por sair do centro e colocar a pessoa do outro no próprio lugar para poder servi-la conforme suas necessidades. As atitudes e as palavras proferidas por Jesus na última ceia com seus discípulos (Jo 13-17) corroboram esse significado. Quando o/a discípulo/a missionário/a fixa o

olhar em Jesus, percebe que, por meio de Suas palavras e ações, Jesus confirmou o amor de Deus como *amor inclusivo e salvífico*, amor que visa à cura, à realização, à reintegração e à libertação de todos, especialmente dos mais pobres e vulneráveis.

Se, na época de Jesus, os mais pobres e vulneráveis eram aqueles cujas necessidades corporais não estavam inclusas na hierarquia convencional de valores do tempo em que viviam, hoje são também aqueles cujas identidades não são reconhecidas e reafirmadas em sua dignidade e em seus direitos fundamentais. Se, ontem, Jesus propôs que a experiência de Deus transcendesse os critérios meramente convencionais para que as necessidades concretas dos mais frágeis e vulneráveis fossem atendidas (Lc 10,25-37), hoje Ele pede que o discípulo/a missionário/a tome a iniciativa de colocar-se no caminho daqueles que sofrem as consequências da violência, discriminação, perseguição, marginalização e exclusão por causa do que são e/ou do modo como vivem. É por aqui que passa a conformação com os sentimentos e com as opções d'Ele.

Pôr-se em tal dinâmica exige dos discípulos missionários uma opção clara e decidida por amar como Jesus amou, a ponto de dar

a vida para afirmar o bem do outro, retirar-se quando isso for necessário para que o outro cresça, fazer-se presente no processo de humanização ao qual cada pessoa é chamada a percorrer, evitar toda espécie de narcisismo, autorreferencialidade, duplicidade e mediocridade de vida. Tudo isso implica assumir uma postura diante do outro que se caracterize pela *qualidade e significatividade das relações*.

Para que isso seja possível, os discípulos missionários devem visar à *integração da afetividade e sexualidade no próprio projeto de vida e à edificação de uma nova cultura das relações*, em que autonomia e autenticidade, liberdade e responsabilidade, justiça e fidelidade, cuidado e serviço tenham prioridade sobre qualquer forma de poder e autoridade. Nesse sentido, alguns elementos precisam ser considerados.

## Somos pessoas sexuais

A sexualidade é uma dimensão constitutiva da personalidade. Ela caracteriza o modo de a pessoa ser, manifestar-se, comunicar, sentir, expressar e viver o amor. Não há outra forma de a pessoa existir a não ser “na carne”, isto é, como pessoa profundamente marcada pela própria sexualidade. É a partir da própria con-

dição – como homem ou como mulher – que cada pessoa sai de si e entra em relação com os outros, com Deus e com o mundo. Conseqüentemente, não há outro modo de se realizar a não ser como pessoa sexual, pessoa que “abraça” a própria sexualidade como dom, faz de si dom para os outros e insere-se no mundo como dom para toda a criação. A sexualidade é, portanto, “lugar” de relação. Orientada, elevada e integrada pelo amor – que é o único a torná-la verdadeiramente humana –, a sexualidade é chamada a ser “lugar” de relações amorosas significativas, isto é, de relações que humanizam e afirmam o bem das pessoas. Quando reduzida à genitalidade e, conseqüentemente, não integrada num projeto de vida que lhe dê significado, a sexualidade, pelo fato de expressar também toda a fragilidade humana, pode tornar-se “lugar” de experiências desumanizadoras. Em outras palavras, assim como pode ser linguagem de amor, fidelidade, reciprocidade, abertura, diálogo, autodoação, pode ser também linguagem de infidelidade, abuso, exploração, violência, uso, posse.

**Empenhos concretos:** *abraçar a sexualidade como dimensão positiva da própria existência; empenhar-se em fazer-se dom na vida do outro; avaliar constantemente a linguagem das próprias*

*relações; esforçar-se para viver os significados positivos da sexualidade e, decididamente, evitar os negativos.*

## Somos pessoas que têm desejos

A orientação afetivo-sexual, assim como a sexualidade, é dimensão constitutiva da pessoa, faz parte de sua personalidade e condiciona seu modo de ser e viver. Ela se define pelo fato de a orientação do objeto do próprio desejo ser predominante ou exclusiva por alguém diferente do próprio gênero, do mesmo gênero ou até mesmo por mais de um gênero, caracterizando o tipo de atração que cada um sente. Ninguém escolhe o objeto do próprio desejo; todos o descobrem à medida que crescem e amadurecem. Portanto, não se pode dizer que a orientação afetivo-sexual seja uma opção. O que entra no campo da opção pessoal é o modo como a pessoa satisfaz o próprio desejo, mas não o desejo e/ou a atração em si. A orientação afetivo-sexual também deve ser integrada no próprio projeto de vida, pois as pessoas amam como homens e mulheres que, em relação à própria identidade sexual, são hetero, homo ou bissexuais.

**Empenhos concretos:** *assumir a própria orientação afetivo-*

*-sexual; reconhecer que os desejos permeiam todas as relações; evitar fazer acepção de pessoas por causa da maior ou menor atração por elas; purificar e/ou ressignificar constantemente os próprios desejos e integrá-los no próprio projeto de vida.*

## Somos pessoas chamadas à castidade

Castidade significa a integração da sexualidade na personalidade e no próprio projeto de vida. Ela não é sinônimo de continência sexual, que implica abster-se do sexo para a experiência do prazer. Alguém pode ser abstinente sem, necessariamente, ser casto, isto é, pode ficar sem sexo e não conseguir integrar a própria sexualidade. É preciso ter presente, ainda, que a abstinência sexual, por si mesma, não é capaz de controlar o desejo sexual. A energia sexual é tão potente que não depende unicamente da vontade da pessoa ou de uma autoridade externa. Em outras palavras, não basta querer ficar sem sexo: é preciso ter condições objetivas para isso; não basta impor a abstinência: é preciso considerar o que significa na vida das pessoas. Uma das condições objetivas para ficar sem sexo é a capacidade de sublimação, isto é, de reorientar e ressignificar o pró-

prio desejo, capacidade essa que também não depende unicamente da própria vontade. Por isso, a definição do próprio projeto de vida é condição para viver tanto a castidade quanto a sublimação do desejo sexual, pois é esse projeto que vai dizer como amar e como realizar tal desejo.

**Empenhos concretos:** *assumir a integração da sexualidade como desafio perene; reconhecer a diferença entre querer e poder abraçar um determinado estilo de vida; evitar demonizar o sexo e a experiência sexual; empenhar-se no processo de sublimação dos próprios desejos; resgatar o significado positivo de castidade.*

## Somos pessoas em processo de amadurecimento

É impossível separar da maturidade pessoal o modo como as pessoas vivem sexualmente, pois a maturidade sexual faz parte da maturidade humana. A maturidade afetivo-sexual está profundamente relacionada com a fundamental consistência entre o que a pessoa é e o que professa ser, como resultado da integração entre identidade autônoma e interdependência mútua. Portanto, a maturidade torna-se externamente evidente por meio da ca-

pacidade de a pessoa ser fiel aos seus compromissos e deveres e assumir relações de reciprocidade. Por fazer parte da maturidade humana, a maturidade sexual é mais do que um estado a ser alcançado. Trata-se de um processo a ser assumido, processo este que deve caracterizar-se pela abertura e doação de si ao outro e, conseqüentemente, pelo distanciamento de um estilo de vida que favorece a atração narcisista, a autocontemplação e a autorreferencialidade. O amadurecimento afetivo-sexual, ao mesmo tempo em que pressupõe, manifesta-se como abertura, partilha, diálogo, mutualidade e respeito em relação ao outro.

**Empenhos concretos:** *reconhecer que o amadurecimento é um processo feito de altos e baixos; procurar a coerência entre a dimensão interna e a externa da própria existência; assumir com constância e fidelidade o cumprimento dos próprios deveres; optar por um estilo de autocontrole que favoreça a autodoação.*

## Somos pessoas vulneráveis

O autoconhecimento é muito importante para poder reconhecer, inclusive, determinadas patologias na forma de ser e amar e, conseqüentemente, poder superá-las ou tratá-las. Nem sempre

as pessoas são o que gostariam de ser; nem sempre amam como gostariam de amar. A tendência a uma vida autoerótica é uma possibilidade concreta, que se manifesta por um estilo de vida egocêntrico, ensimesmado, narcisista, que leva a servir-se do outro para a realização dos próprios desejos, que busca apenas o que oferece prazer ou gratificação de forma imediata. O reconhecimento humilde, mas honesto, da condição de vulnerabilidade intrínseca ao humano – e, conseqüentemente, da necessidade de se estabelecerem e respeitarem determinados limites –, associado à consciência do dever de conformar-se com os sentimentos e com as opções de Jesus – e, conseqüentemente, de impor-se um estilo de vida caracterizado por ser expressão do amor e da misericórdia de Deus –, pode ser um dos melhores instrumentos preventivos de toda espécie de abuso.

**Empenhos concretos:** *deixar-se acompanhar no processo de autoconhecimento e autoaceitação; optar sempre pela verdade e por comportar-se de maneira autônoma e autêntica; impor-se limites com a liberdade própria de quem pode prescindir deles quando não mais necessários; evitar um estilo de vida autoerótico e autocontemplativo.*

## Somos pessoas chamadas a viver como vocacionadas

No seguimento a Jesus, o Cristo, a vocação do/a discípulo/a missionário/a não é apenas uma escolha que depende unicamente da pessoa. Trata-se de um chamado divino que se dá num constante processo dialogal. Em outras palavras, viver como vocacionado/a implica optar pela experiência do êxodo de si, isto é, sair de um “eu” autocentrado para receber-se como um “eu” chamado e constantemente provocado por Deus. A fidelidade de Deus precede e sustenta a resposta do/a discípulo/a missionário/a ao chamado divino. É a percepção e a convicção dessa realidade que fazem com que a pessoa vocacionada tenha consciência dos desafios morais da própria vocação. Viver como vocacionado/a pressupõe deixar com que a própria identidade seja definida ou redefinida por um “eu” constantemente interpelado pela vontade do Pai, seduzido pela pessoa do Filho e guiado pela força-ação do Espírito. Em outras palavras, é a relação amorosa com Deus que capacita o/a discípulo/a missionário/a a relações significativas com os outros. Ninguém pode ignorar o fato de ser um “vaso de barro” e, portanto, chamado a uma contínua conversão

da mente e do coração. O cuidado com o vaso é de suma importância, a fim de que o tesouro não se perca ou deixe de resplandecer toda sua beleza. O melhor modo de cuidar tanto do vaso quanto do tesouro é o de permanecer unido à videira para poder produzir bons frutos (Jo 15,5).

**Empenhos concretos:** *agradecer o chamado a ser discípulo missionário de Jesus; empenhar-se para viver em relação dialogal e amorosa com Deus; avaliar se a relação com Deus permeia e qualifica as relações com as pessoas; preocupar-se em dar bons frutos; exercitar a virtude da humildade.*

## Concluindo

Em tudo, mas de modo especial na esfera da sexualidade, o/a discípulo/a missionário/a é convidado/a a ter como máxima a orientação dada pelo apóstolo Paulo aos coríntios: “a mim tudo é permitido, mas nem tudo me convém” (1Cor 6,12). O discernimento entre uma coisa e outra dependerá da capacidade de amar como Jesus amou, de integrar sexualidade e projeto de vida e da edificação de uma cultura que priorize a qualidade das relações.

### Para sentipensar em comunidade

1. Costumamos conversar com os/as irmãos/as de comunidade sobre afetividade e sexualidade?
2. O que facilita e o que impede conversarmos sobre nossa afetividade e sexualidade?
3. Em que medida o falar ou o não-falar sobre afetividade e sexualidade incide em nossa vida e missão?

# PROFOLIDER 2025

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)  
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros das Irmãs de N.  
Sra. de Lurdes - São Gonçalo, RJ*

*De 28 de setembro a 06  
de novembro de 2025*

# COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL

## Desafios para a cultura do encontro

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp<sup>1</sup>  
Irmã Neusa Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Considera-se neste artigo o corpo como fonte e origem da comunicação. O corpo como meio germinal, capaz de criar vínculos e gerar comunhão. Para além das novidades no que concerne à tecnologia da comunicação, o corpo constitui a mídia por excelência pela sua força e presença.

**Palavras-chave:** Comunicação. Corpo. Era Digital. Vida Religiosa Consagrada.

### Introdução

Entre os muitos refrões da atualidade se repete à exaustão que vivemos a melhor das fases no que se refere à comunicação e seus aparatos técnicos. Isso é bom e até verdadeiro. Ocorre que também devemos desconfiar dos

exageros ou de um certo endeuçamento de tudo o que cheira tecnologia da comunicação, como se os meios por si só tivessem poderes mágicos.

A comunicação humana é, em primeiro plano, a busca do outro.

---

<sup>1</sup> Padre Paulino. Mestre em Letras; Doutor em Comunicação. Professor na FAPCOM. Editor da revista Vida Pastoral e coordenador dos periódicos da Paulus. Endereço para contato: ira.brito@gmail.com

<sup>2</sup> Irmãzinha da Imaculada Conceição. Doutora em Comunicação. Assessora do Setor Comunicação da CRB Nacional. Membro da Comissão de Comunicação e Cultura Digital da Confederação Latino Americana de Religiosos (CLAR). Endereço para Contato: comunicacao@crbnacional.org.br

Comunicar é buscar construir e manter vínculos. Quem comunica partilha algo com o outro, num processo recíproco. Comunicar é coabitar, de modo que não há comunicação sem o respeito ao outro. Não há comunicação quando o ódio é o combustível dentro ou fora das redes sociais digitais.

O Papa Francisco tem nos exortado, desde o início de seu pontificado sobre a urgente necessidade de uma autêntica comunicação para a “cultura do encontro”. Ele insiste na importância dos meios de comunicação como possibilidade de ajudar a nos sentirmos mais próximos uns dos outros; “a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos.” (FRANCISCO, 2019)

Sabe-se que, em menos de cem anos, foram inventados e nem sempre democratizados o telefone, o rádio, a imprensa, o cinema, a televisão, o computador e as redes. Tudo isso reduziu as condições de trocas e de relação. Reduziu, sobretudo, as distâncias, confirmando a chamada aldeia global (McLuhan).

O Papa Francisco também critica as formas de exclusões e divisões causadas em um tempo em que os meios deveriam incluir e unir: “dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas.” (FRANCISCO, 2019).

O desafio é aliar ferramentas de comunicação a valores sempre mais democráticos e humanizadores. Não se trata de condenar nem endeusar a técnica, mas agregá-la na construção de um mundo de paz, sem exploração, tirania, violência nem mentiras.

## O Corpo em rede

Diante das novidades advindas das tecnologias da comunicação e das mais variadas plataformas em rede, a Internet constitui um universo imenso e em constante transformação. Com a implosão da Inteligência Artificial, tudo se acelera ainda mais e nós ficamos com a sensação de que estamos sempre correndo atrás de algo que nunca alcançaremos. Nesse cenário, por vezes, corremos o risco de esquecer do meio

de comunicação primordial: o nosso corpo. Sim, este corpo que Deus nos deu, com suas fragilidades e potencialidades. Corpo que o Apóstolo Paulo tão bem nomeou como templo do Espírito Santo (1Cor 6, 19). O corpo é verdadeiro meio de comunicação. Mas pode adoecer ao deixar-se levar apenas pelas telas frias. Kamper (2016, p. 21), criticando a forma fria de comunicação por meio de computadores, assegura que nenhuma comunicação acontece nas redes de dados. Se acontecer, talvez seja um monólogo maníaco no diálogo interno de algum maluco capaz de falar e ouvir todas as vozes ao mesmo tempo. A virtualidade dos meios é coisas de *singles* extremamente parecidos entre si.

Sem um corpo vivo e outros corpos, não há comunicação. Há conexão, e a conexão, por si só, é indiferente e gélida. Do corpo não se espera só conexão. Esperam-se vínculos. Nós precisamos de vínculos, dos afetos. O fôlego nosso de cada dia. Acordar, respirar, sentir aromas e sabores. Tocar a profundidade da alma. “A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso auto isolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar” (FRANCISCO, 2019).

A autêntica comunicação é calor humano, para além do lume frio das telas. Precisamos urgentemente de mais vínculos e menos “seguidores”, de mais abraços e menos “curtidas”. Comunicar é criar vínculos. Nos ambientes em que tecemos vínculos já não somos indivíduos solitários, somos um nó apoiado por outros nós e entrecruzamentos. Nisso consiste a comunhão, a fraternidade, a amizade. Isso ocorre fundamentalmente porque temos um corpo.

Nosso corpo é um enigma. De vez em quando vozes dissonantes se exaltam quando o corpo entra em cena. Infelizmente e geralmente na perspectiva binária, em que o corpo é tachado nas polaridades do bem e do mal, ou do feio e do belo; do prazer ou da repreensão, quando ele se apresenta na sua dimensão livre, erótica, festiva. As vozes dissonantes, porém, parecem vacinadas por uma visão limitada, como quem enxerga com os óculos embaçados de preconceitos ou se afoga no raso da ignorância. O corpo faz parte de uma rede complexa, e tende geralmente à transgressão. Ele constitui o que chamamos de mídia primária, porque é a partir dele que a comunicação começa e termina. Como disse certa vez Hermeto Pascoal: “Para mim, tudo é música, e o instrumento

mais perfeito é o corpo [...]. Meu primeiro som foi no dia em que nasci” (2017).

## Os meios primários, secundários e terciários

Quando nos referimos à comunicação, geralmente, imaginamos logo os meios técnicos, as invenções de pronta. De fato, os meios de comunicação sempre nos despertaram fascínio. Ao longo do tempo, desde os períodos mais remotos, a humanidade inventou diversificados sistemas de signos para ampliar a comunicação conforme as circunstâncias: a linguagem oral, escrita, gestual ou pictórica. Através da música, da dança, da mímica, por bandeiras, por sinais de fumaça. Com a descoberta da eletricidade, a comunicação se acelerou sobremaneira, de modo que, hoje, os “apocalípticos”, arriscam dizer que os robôs tomarão o lugar do homem.

No entanto, a comunicação começa muito antes dos clássicos meios de comunicação de massa: imprensa, rádio, televisão. Antes mesmo da invenção da escrita. O que chamamos de mídia, começa muito antes da internet. “A primeira mídia, a rigor, é o corpo – e por isso chamamos o corpo, portanto, de mídia primária” (BAITELLO, 2014, p. 45).

Nesse sentido, os meios primários são aqueles que não precisam de nenhum recurso além daqueles oferecidos pelo próprio corpo, seus sons, seus movimentos, sua gestualidade, seus odores. Aqui os gestos são fundamentais. O gesto tem vários aspectos dos quais o comunicativo é apenas um. Para compreender como pensamos, devemos observar as mãos: como os dedos movem, como o polegar se opõe aos demais dedos, como a mão se abre em palma e fecha em punho e como a mão direita espelha a esquerda. (FLUSSER, 2014, p. 14-82). O exemplo disso é o teatro, um poeta em ato performático, uma roda de conversa. Os meios secundários, por sua vez, são aqueles que lançam mão de materiais extracorpóreos para deixar ou mandar mensagens. Um corpo imprime seus sinais em um suporte que é recebido por outro corpo. Um bilhete, um livro, por exemplo. Os meios terciários são aqueles que requerem um jogo de aparatos – um que transmite e outro que recebe os sinais. São, portanto, três diferentes maneiras de preencher o vazio entre o eu e o outro. A primeira é presencial. A segunda gerou a escrita. A terceira é fruto da eletricidade e possui suas características: é instantânea e fugaz como o raio. Mas todas elas têm um elemento em comum: começam no corpo e

terminam no corpo. (BAITELLO, 2012, p. 61).

## Vida Religiosa e ambiente digital

O universo digital é complexo e, por isso, exige da Vida Religiosa ousadia. Além da ousadia, é necessário humildade para reconhecer que ainda somos todos iniciantes e aprendizes neste ambiente que a cada momento se inova e se transforma. Isso quer dizer que precisamos estudar. Temos necessidade de letramento para decifrar os códigos deste “mundo” e ter a devida “atenção às ciladas de suas “rodovias”. Destacamos três desafios, de modo sucinto e que podem ser aprofundados em nossas comunidades.

### A ousadia do evangelho é o desafio central

“Se alguém lhes pede, estejam sempre dispostos a dar explicações sobre a esperança que vocês têm” (1 Pd 3,15). O universo digital é também o lugar da fé e dos consagrados e consagradas. Quer queiramos ou não, estamos nele. Já não existe separação entre offline e online. Ambas se imbricam, até porque o celular que carregamos e os espaços que visitamos na rede, são monitorados por

algoritmos, de modo que mesmo quando estamos dormindo, nossa rede social não dorme. Portanto, é dever dos Religiosos a reflexão contínua e vigilante sobre o complexo fenômeno da comunicação. Com a velocidade e instantaneidade do universo comunicacional, é praticamente impossível acompanhar e estar atualizado com os seus aparatos tecnológicos. Mas é possível criar pequenas e até médias e grandes iniciativas, com pensamento organizado e crítico, sobre determinados meios e suas linguagens. E o principalmente, sabermos utilizar esses meios para tocar a existência das pessoas.

### O enfrentamento aos discursos de ódio e a desinformação

O número de religiosos e religiosas no Brasil e suas redes de apóstolados podem consolidar esforços, considerando a necessidade de um letramento digital dos mais necessitados, a fim de uma comunicação popular e alternativa, que ela seja potente, que trabalhe na perspectiva dos afetos, das emoções e dos desejos, e não somente da racionalidade. É nosso dever atentarmos e nos mobilizarmos, com as forças que temos, para agregar as discussões

acerca de mecanismos de controle das Big Techs, das plataformas digitais, bem como não ficarmos alheios aos mecanismos de combate aos grupos de ódio, que estimulam a desinformação, inclusive com o domínio dos algoritmos. A Inteligência Artificial é uma realidade presente em nossa vida todos os dias. Suas implicações tocam o nosso estilo de vida e as estruturas de nossa missão.

## Apoio ao Papa Francisco

É crucial reforçar a perspectiva do pensamento e do magistério do Papa Francisco, de uma igreja sinodal, aberta aos dilemas contemporâneos. Igreja e congregações mais acolhedoras, que saibam trabalhar com as diversidades, a pluralidade, que se esforce para ler e compreender os sinais

dos tempos, especialmente no que concerte à cultura da comunicação. Ter a sensibilidade para perceber que as pessoas estão cada vez mais desapegadas a doutrinas e mais atentas ao acolhimento, aos processos de subjetivação. O papa tem insistido por uma Igreja “pronto socorro”, capaz de acolher as diferenças, menos moralista, legalista e mais amorosa.

Por fim, tudo isso tem estreita relação com o que é primordial na Vida Religiosa: a vida comunitária. Pela nossa condição de consagrados, as relações humanas e fraternas constituem nossa razão de ser no mundo. Que a força dos nossos carismas estreitem laços mútuos e nossas iniciativas apostólicas cultivem uma comunicação inundada pelo Evangelho para um autêntica cultura do encontro.

### Para sentipensar e rezar em comunidade

1. Como se dá a comunicação no dia a dia entre os membros de nossa comunidade?
2. Esforçamo-nos para entender a linguagem da comunicação digital? Que meios utilizamos para tal aprendizagem?
3. Que tipo de comunicação produzimos enquanto pessoas e instituições de VRC?

## Referências

127

- BAITELLO, Norval Jr. **A era da Iconofagia**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAITELLO, Norval Jr. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo - RS: Unisinos, 2012.
- FLUSSER, Villém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem para o 53º Dia Mundial das comunicações**. Roma, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20190124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso em: 23 jul. 2024.
- KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte**: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas... São Paulo: Paulus, 2016.
- PASCOAL, Hermeto. Para mim, tudo é música e o instrumento mais perfeito é o corpo. Entrevista. **CBN**, 2017. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/142033/para-mim-tudo-e-musica-e-o-instrumento-mais-perfei.htm>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- WOLTON, D. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

## VII Seminário de Religiosos Irmãos



# Irmãos, Peregrinos da Esperança Profetas da Fraternidade

“Se eles se colarem,  
as pedras falarão”

Lc. 19,40

- Luiz Lima -

# ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

**A revista:** A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as. Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

## Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA; LIMA;

OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, Paróquia: comunidade de comunidades, 2000, p. entos eclesíasticos utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

*Citações diretas* com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

## Modelos de Referências:

*Referências de livros:* SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

*Capítulo de livro:* PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

*Referências de artigos de periódicos:* ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

*Referências em meios eletrônicos:* FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html) Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

**Resumo:** Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

**Identificação do autor:** Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

**Cessão de direitos:** Ao enviar um texto para publicação na Revista Convergência, o/a autor/a está ciente que, ao ser publicado o texto, os direitos sobre o mesmo passam a ser da Conferência dos Religiosos do Brasil.

E-mail para envio dos artigos: [publicacoes@crbnacional.org.br](mailto:publicacoes@crbnacional.org.br)











CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)  
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL  
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE  
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



## ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: [convergencia@crbnacional.org](mailto:convergencia@crbnacional.org)  
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Nome completo: .....

Congregação: .....

Endereço: .....

CEP (código postal): .....Cidade: .....UF: .....País:.....

Nova assinatura ( ) Renovação ( )

Telefone: ( ) .....E-mail: .....

Forma de pagamento:

Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência:..... C/C:.....

### Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)).